UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria

Juiz de Fora

Agosto de 2013

Cíntia Charlene da Silva

Glória Maria de Oliveira Baltazar

A Grande Reportagem: os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Co-orientador: Marise Baesso Tristão

Juiz de Fora

Agosto de 2013

Cíntia Charlene da Silva

Glória Maria de Oliveira Baltazar

A Grande Reportagem: os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Co-orientador: Marise Baesso Tristão

Trabalho de conclusão de curso **/** Monografia aprovada em 29 /08 /2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Orientador

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof. Ms. Marise Baesso Tristão (UFJF)- Co-orientadora

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF)- Convidado

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof.Ms. Álvaro Americano (UFJF)- Convidado

Conceito obtido\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Juiz de Fora

Agosto de 2013

**“Que possamos ser palavra que age”**

**Eliane Brum**

Agradecimentos Glória

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu força para chegar até aqui e por ter colocado tantas pessoas maravilhosas no meu caminho durante todos esses anos.

À minha mãe, Marcia, exemplo de mulher que quero ser, obrigada por todo amor transmitido, a sua força me fortalece.

Ao meu pai Adriano pela dedicação, ensinamentos e amor.

À minha irmã Adriana, por sempre estar ao meu lado.

À Ana Elisa, por nunca duvidar que eu daria certo.

Aos mestres e amigos Márcio Guerra e Marise Baesso, por terem apostado nesse sonho e embarcado nessa aventura.

Aos professores da Facom, por me ensinarem a profissão mais bonita do mundo.

Aos amigos, que foram de extrema importância, obrigada pela paciência e amizade sincera durante todas as etapas que passamos juntos.

À Wanessa, da Polícia Civil, pela oportunidade, paciência e amizade.

À Produtora, minha eterna casa.

À TV Alterosa, por me mostrar que, sim, eu escolhi a profissão certa.

Aos jornalistas que deram entrevista para esta monografia que nos inspiram e servem de espelho na vida profissional.

À minha dupla nesta monografia e na vida, Cintia Charlene, obrigada por sempre acreditar que daria certo. Que a nossa amizade ultrapasse a barreira do tempo. Amo todos vocês!

Agradecimentos Cíntia

A Deus, por permitir que esse momento especial chegasse. Obrigada por me amparar e me iluminar todos os dias. Sem essa bênção, nada seria possível.

À minha família, pelo carinho e dedicação. Em especial à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, e ao meu pai, por olhar por mim. Aos irmãos Welington, pelo amor incondicional, as palavras amigas e por ser meu maior exemplo nesta caminhada, essa conquista também é sua, e ao Paulo César, por sempre acreditar que esse momento chegaria. Obrigada pelas palavras de ânimo e pelo carinho.

Ao Rogério, pela paciência durante esses quatro anos de faculdade, principalmente pelo apoio e carinho demonstrado em todo esse tempo.

Ao Márcio Guerra, que foi um verdadeiro paizão, exigindo sempre mais e oferecendo um ombro amigo quando necessário. Em especial, agradeço pelos puxões de orelha, as oportunidades dadas, os desafios superados e a confiança conquistada.

À Marise Baesso, que também se comportou como uma mãezona, durante todo esse processo. Pela amizade verdadeira e as tardes com café regadas de muito trabalho. Obrigada pelo amparo, carinho e por acreditar que tudo daria certo.

Aos jornalistas Daniela Arbex, Marcelo Canellas e Eliane Brum, por tornarem esse projeto possível. Em especial à jornalista Daniela Arbex, pela simpatia e pelas palavras de ânimo. Por ressaltar ainda mais que é preciso ter muito amor por aquilo que se faz e que o jornalismo é a melhor profissão do mundo.

À jornalista Eliane Brum, por nos acolher e fazer parte deste trabalho tão especial. Agradeço pelas palavras de encorajamento e pelas sábias lições aprendidas, uma verdadeira aula para a vida, da qual nunca mais irei esquecer. Que possamos ser palavra que age sempre e que possamos nos despir cada vez mais ao entrar em contato com o mundo dos outros.

Aos amigos, pela força, pelo carinho, pelo amor e por tantas lições aprendidas durante esta jornada. E aos mafiosos da minha vida.

À Wanessa Andrade, pelos ensinamentos e pela amizade sincera.

À Produtora de Multimeios, que foi minha casa durante esses quatros anos e às amigas feitas na Acessa.com.

Em especial à minha parceira Glória, pelas experiências, pelos ensinamentos e principalmente pela amizade sincera e verdadeira, que possamos juntas alçar voos ainda maiores. Obrigada pela paciência e por me acompanhar nessa jornada cheia de aventuras. Profissão Repórter que nos aguarde.

**RESUMO**

Esta monografia busca demonstrar as principais dificuldades dos jornalistas que procuram um maior aprofundamento na pauta e têm um trabalho reconhecido e premiado. Para isso, entrevistamos três premiados jornalistas do país: Eliane Brum, jornalista independente, Daniela Arbex, jornalista da “Tribuna de Minas”, e Marcelo Canellas, repórter da “TV Globo”. Analisamos três reportagens, procurando compreender os bastidores e os percalços enfrentados desde a pauta até a divulgação e a repercussão. Antes de chegar à análise, o trabalho retoma a diferenciação entre a notícia e a reportagem, além de ressaltar as caracterizações desta última feita por diversos autores e também a importância do jornalismo investigativo.

**Palavras-chave:** pauta; apuração; bastidores; reportagem; jornalismo

**LISTA DE FIGURAS**

FIGURA1 MAPA TERRA DO MEIO.......................................................................... 54

FIGURA 2 CARLOS PINTO ....................................................................................... 58

FIGURA 3 FRANCISCO FEITOSA............................................................................. 58

FIGURA 4 FRANCISCO, TEREZA E OS 9 FILHOS............................................... 58  
FIGURA 5 DESMATAMENTO...............................................................................61  
FIGURA 6 MARCELO CANELLAS........................................................................ 62  
FIGURA 7 MARIA DE FÁTIMA DA SILVA NUNES, A “SANTA”....................... 66  
FIGURA 8 JURADOS DE MORTE......................................................................... 67  
FIGURA 9 LEO RECK............................................................................................ 70  
FIGURA 10 FAMÍLIA BRANGER........................................................................... 72  
FIGURA 11 PAVILHÃO ONDE INTERNOS DORMIAM NO "LEITO ÚNICO", NOME OFICIAL PARA SUBSTITUIÇÃO DE CAMAS POR CAPIM.................... 80  
FIGURA 12 MARLENE LAUREANO.......................................................................80  
FIGURA 13 HELVÉCIO RATTON IMPROVISANDO UMA CAMÊRA NO HOSPITAL COLÔNIA EM 1979.............................................................................. 87  
FIGURA 14 MENINO SILVIO................................................................................. 90  
FIGURA 15 JOSÉ MACHADO EM 1961................................................................ 90

**SÚMARIO**

1 **INTRODUÇÃO**.......................................................................................................... 10

2 **ORIGEM DA NOTÍCIA E DA REPORTAGEM**.................................................. 13

2.1 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA....................................................................... 14

2.2 REPORTAGEM.................................................................................................. 20

2.2.**1 Dificuldades enfrentadas na produção de uma reportagem**............................ 23

2.3 TIPOS DE REPORTAGEM............................................................................... 26

2.4 DIFERENÇAS DAS REPORTAGENS ABORDADAS NOS VEÍCULOS IMPRESSOS E TELEVISIVOS ............................................................................... 27

3 **JORNALISMO INVESTIGATIVO**....................................................................... 30

3.1 O PERIGO DO DENUNCISMO E AS DIFICULDADES NO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO...................................................................................................... 33

3.2 O JORNALISTA E SUAS FONTES................................................................... 36

3.2.1 Fontes mais comuns na rotina jornalística ................................................... 37

3.2.2 Desafios éticos no dia a dia do jornalismo.................................................. 39

3.2.3 O Repórter Investigativo................................................................................... 42

4 **OS DESAFIOS DA GRANDE REPORTAGEM** ................................................... 49

4.1 ANÁLISE 1: “TERRA DO MEIO: BRASIL INVISÍVEL” POR MARCELO CANELLAS ............................................................................................................. 51

4.1.1 **“Terra do Meio: Brasil invisível”** ...................................................................... 53

4.2 ANÁLISE 2: “A ESPERA DO ASSASSINO” POR ELIANE BRUM............................................................................................................................ 62

4.2.1 **“A espera do assassino”**..... ................................................................................. 64

4.3. ANÁLISE 3: “HOLOCAUSTO BRASILEIRO: 50 ANOS SEM PUNIÇÃO” POR DANIELA ARBEX .................................................................................................. 74

4.3.1 **“Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”**.............................................76

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ................................................................................. 95

**6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS**..................................................................... 98

APÊNDICE I...............................................................................................................100

APÊNDICE II....................................................................................................105

APÊNDICE III....................................................................................................120

ANEXOS..................................................................................................................... 133

**1. INTRODUÇÃO**

Contar a trajetória de profissionais na criação de grandes reportagens é sem dúvida um exercício que contribui para repensar os conceitos usados no jornalismo atual. Como surgem as grandes reportagens premiadas no Brasil? Quais são os desafios enfrentados pelos profissionais que se entregam ao trabalho? Quanto tempo leva até que uma pauta se transforme em uma grande reportagem? Esses e outros questionamentos foram abordados nesta monografia com a intenção de mostrar que ainda é possível fazer grandes reportagens, que modificam, de alguma forma, uma realidade.

Para isso, vamos falar aqui dos conceitos de notícia e reportagem. Abordaremos questões específicas das reportagens no meio impresso e na televisão. O jornalismo investigativo e as questões que o abarcam também serão abordadas neste trabalho, visto ser este modelo essencial para o desenvolvimento das reportagens. Também serão lembradas aqui questões prementes ao jornalista, como a ética e o envolvimento com as fontes. Para isso, usaremos o apoio de autores, como Muniz Sodré, Nilson Lage, Maria Helena Ferrari, Ricardo Kotscho, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, entre outros nomes da literatura jornalística.

Além disso, escolhemos o trabalho de três jornalistas como objeto de estudo. Esses profissionais contaram os bastidores de três grandes reportagens, sendo todas elas premiadas. Cada um revelou um pouco da realidade de desigualdades e mazelas enfrentadas por um “povo” desconhecido dentro do seu país. Os repórteres analisados que abordam temas sociais e humanizados são: Eliane Brum, Daniela Arbex e Marcelo Canellas.

Eliane Brum é jornalista independente e colunista da revista “Época”. A matéria analisada aqui será “A espera do assassino”, que mostra como vivem os brasileiros ameaçados de morte no Pará, no Norte do país, onde o futuro da Amazônia é decidido à bala.

De Daniela Arbex, jornalista da “Tribuna de Minas”, é analisada a série “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”, reportagem que revela o que ocorria no Hospital Colônia, de Barbacena, onde mais de 60 mil pessoas foram mortas, muitas sem terem o diagnóstico de loucura confirmado.

Marcelo Canellas, jornalista da “TV Globo”, também é nosso objeto de análise, com a série de reportagens “Terra do Meio: Brasil invisível”. A série discorre sobre o desmatamento da Amazônia e o dia-a-dia dos moradores da região do Pará.

Os desafios da reportagem e os desafios do repórter desvelados nos próximos capítulos, enfatizando que existe um profissional diferenciado dentro das redações e demonstrando que é possível fazer um jornalismo com aprofundamento e ir além da pauta. Isso vai depender, segundo os próprios jornalistas entrevistados, da integridade, da vontade de lutar contra muitas adversidades, da paixão pelo jornalismo e ainda da aposta no assunto, que exige dedicação de tempo e investimento.

Dessa forma, analisaremos o trabalho dos jornalistas, traçando um perfil de cada profissional e de suas matérias que viraram uma “grande reportagem.” Ressaltamos ainda que a ideia deste trabalho surgiu a partir da criação do Projeto 1000 em 1[[1]](#footnote-1), da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em parceria com os Projetos Especiais em Comunicação e Artes (OBORÉ), o Instituto Corda - Rede de Projetos e Pesquisa e o site Jornalistas&Cia, que tem o objetivo de aproximar estudantes de jornalismo dos profissionais. Destacamos que as autoras desta monografia estão entre as cem duplas brasileiras escolhidas para integrar o projeto e que este trabalho estreitou os laços entre as estudantes e os jornalistas analisados. Ao final da monografia, em anexo, estão as entrevistas feitas com Marcelo Canellas, Eliane Brum e Daniela Arbex.

**2. ORIGEM DA NOTÍCIA E DA REPORTAGEM**

Neste capítulo, iremos traçar um histórico sobre o que é a notícia e o que é a reportagem, como surgiram e ganharam espaço no jornalismo do Ocidente. Para embasar os argumentos apresentados, vamos trabalhar com autores como Nilson Lage, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, Leandro Pena entre outros. Assim, constatamos que a notícia está presente no dia a dia de todo jornalista e em todas as redações, sendo aquilo que responde às perguntas básicas de um assunto, informa, presta um serviço e, na maioria das vezes, tem um caráter de ineditismo. Já a reportagem necessita de um maior empenho de um ou mais jornalistas, por exigir um maior aprofundamento no tema a ser tratado. Além de texto, deve ser complementada com imagens, gráficos, entre outros atributos. A notícia e a reportagem se diferenciam de formas sutis, porém muito perceptíveis.O tempo, o imediatismo e o valor notícia já são determinantes para a divulgação do fato. Já a reportagem tem a intenção de contar os bastidores por trás da história, expor uma situação ou interpretar fatos.

Fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo: o fato deve ser recente e o anúncio do fato, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferençar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescinda de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.18).

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a notícia é imediatista, como no caso do relato de um tiroteio entre facções criminosas. A reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente, como um levantamento sobre as facções criminosas existentes no Rio de Janeiro, a força acumulada por cada uma delas e quais pontos de tráfico estão em disputa pelos diferentes grupos. Neste exemplo, a reportagem sobre as facções pode ter sido motivada por um determinado confronto entre elas, mas essa condição não é necessária.

A busca aprofundada e o envolvimento do repórter com a notícia e com as discussões humanas tornam esse tipo de jornalismo diferenciado. A reportagem passa então a ser a construção da história dos fatos presentes, mas com maior profundidade das informações trabalhadas antes pelas notícias. Existe espaço para o repórter especial, aquele que se dedica exclusivamente a determinadas pautas e deixa de fazer parte do jornalismo diário. Nesse âmbito, surgem grandes reportagens, mais enraizadas e que, na maioria das vezes, mudam e provocam a opinião pública.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

Desde os primórdios da humanidade, o homem utiliza a linguagem para se comunicar. Queremos interagir a todo o momento e saber de tudo o que acontece à nossa volta. Essa curiosidade básica que move o ser humano nada mais é do que um instinto, uma necessidade de saber o que acontece além da nossa própria existência. Assim, atravessamos civilizações ao longo dos tempos, movidos pelo desejo de saber sobre os outros – o que pensam, como vivem, se vestem, se comportam, se comunicam.

De acordo com o historiador Mitchell Stephens (2004), os humanos sempre trocaram uma mistura similar de notícias ao longo da história e por meio das culturas. Segundo os jornalistas Bill Kovanch e Tom Rosenstiel, funciona como um instinto de percepção.

Precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos. O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias. Por isso, nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura. (KOVANCH e ROSENSTIEL, 2004, p.18).

A democracia depende de pessoas bem informadas, em que o jornalismo deva ser visto como um serviço público capaz de provocar entendimento. Portanto, a finalidade dessa atividade é fornecer conhecimentos às pessoas para que elas, informadas, tenham capacidade de se autogovernarem.

A produção de notícias resulta da conjunção de dois fatores. De um lado, a cultura profissional, entendida como um emaranhado de estereótipos, representações sociais e rituais relativos às funções dos meios de comunicação de massa e dos jornalistas, à concepção do principal produto – a notícia – e às modalidades que presidem à sua confecção. De outro, as restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se criam convenções profissionais que determinam a definição de notícia, legitimam o processo produtivo – desde a utilização das fontes até a seleção dos acontecimentos e as modalidades de confecção do noticiário – e contribuem para se prevenir das críticas dos leitores. Fica, assim, estabelecido um conjunto de critérios – ou seja, do grau de relevância entre os acontecimentos – que definem a noticiabilidade de cada acontecimento: o modo pelo qual é construída sua qualidade para que seja transformado em notícia. (WOLF, 2003, p. 25)

Segundo Nilson Lage (2012), na Idade Média, a informação divulgada por alguma instituição começa a ter importância, a impressão de textos informativos, sermões de igreja, proclamações e fábulas passam a fazer parte do dia a dia das pessoas. Junto com o avanço da atividade comercial e a ligação entre as principais cidades e continentes chegaram as técnicas e informações. As pessoas começam a ser alfabetizadas, e a impressão da informação torna-se uma novidade necessária. Em 1609, surgia então a imprensa periódica. O primeiro jornal a circular foi na cidade de Bremen, na Alemanha, seguido, no mesmo ano, do Estrasburgo.

Nos primeiros jornais, a notícia aparece como fator de acumulação mercantil: uma região em seca, sob catástrofe, indica que certa produção não entrará no mercado e uma área extra de consumo se abrirá, na reconstrução; a guerra significa que reis precisarão de armas e de dinheiro; uma expedição a continentes remotos pode representar possibilidade de mais pilhagens [...]. Mas a burguesia tinha que lutar em outras frentes e logo usou os jornais na sua arrancada final sobre os palácios. A Igreja e o Estado tentaram conter os impressos com o índex e a censura. Mais tarde, os aristocratas lançaram seus próprios periódicos, sempre menos interessantes porque, na guerra de opinião, não tinham muito a dizer. Foram anos e anos de intensa luta política, em que a informação aparecia como tema de análise dos publicistas, da denúncia dos panfletários, do puxa-saquismo dos escritores cortesãos. (LAGE, 2012, p. 10)

Naquela época, fazer um jornal era barato, as tiragens eram para um público leitor restrito. A grande massa da população não tinha acesso direto às informações de grande importância. Os jornais eram basicamente feitos de anúncios e política. Muitos deles tinham o nome ligado a partidos. As informações eram sobre o comércio, a igreja e a alta sociedade. Diante desse contexto, a profissão fixou sua imagem: a de publicista. Assim, por muitas décadas, o jornalismo foi essencialmente publicista, com veículos dos quais se esperavam orientações e interpretação política. No século XIX, a Revolução Industrial impulsiona a proliferação das notícias, com a preponderância da informação sobre a opinião. Assim, o jornalismo passa a ser tratado como uma atividade empresarial, baixa-se o custo por exemplar e investe-se mais na coleta de informações. A publicidade começa a bancar a maior parte das despesas gastas com o editorial, e a notícia torna-se a matéria-prima do jornal.

De caráter singular, a notícia assume dois papéis: o de informar e o de ressaltar o direito à informação. Seu objetivo é se basear em informações relevantes e que sejam de interesse do público.

De forma simplificada, notícia é todo fato relevante que desperte interesse público, ensinam os manuais de jornalismo. Fora dos manuais, notícia na verdade é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público. E, como nós valorizamos principalmente as notícias negativas, o mundo que os meios de comunicação retratam parece muitas vezes pior do que verdadeiramente é. (NOBLAT, 2002, p.26)

A notícia foi se transformando com o tempo. Visando à objetividade e à condensação da informação, os princípios que, muito mais tarde, deram origem ao conceito de lide surgiram na Grécia Antiga. Para o professor Francisco José Karam, da Universidade de Santa Catarina, no ensaio “A antiguidade greco-romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística” apud Luiz Costa Pereira Júnior (2006, p.114), o orador Marco Túlio Cícero seria o precursor do lide, como consta em sua obra “De Inventione”, ao prescrever os aspectos essenciais utilizados para desenvolver o texto, e ao mesmo tempo capaz de filtrar as informações. O orador romano acreditava que, para o discurso ser completo, era necessário fazer as perguntas: “o quê” (quid/factum); “quem” (quis/persona); “como” (admodum/modus); “onde” (ubi/locus); “quando” (quando/tempus) e “por quê” (cur/causa). Mais tarde, esse pensamento seria o responsável por consolidar a estrutura do clássico discurso jornalístico. Assim, o lide retratado no primeiro parágrafo do texto passou a ser um relato sintético das principais informações envolvendo a notícia.

Uma singularidade muito forte do lide é o tratamento estilístico que recebe: os dados são apresentados numa articulação tal que ao leitor resta ir até o fim, sem qualquer convite à pausa. Ele funciona como uma espécie de “rede” que envolve e segura o receptor daquela informação (a ideia tradicional que o lide seja uma “isca” tem uma carga muito negativa, sugere o engodo). (PENA, 2012, p. 43)

Assim, as principais características da notícia são: veracidade, atualidade e capacidade de informar, além de valores notícia, como proximidade, importância e conteúdo, tendo por objetivo atingir o público a quem se destina a informação.

Para o jornalista Marcelo Canellas, em seu artigo *Nem imparcial*, *nem engajado: o repórter como artífice da notícia*, a informação deve possuir também um caráter singular.[[2]](#footnote-2)

O caminho que o jornalismo percorre para chegar à essência de uma notícia, além da dissecação de seus antecedentes e da conexão do fato com suas consequências, tem de passar, todos sabemos, pela precisão, pelo detalhe, pela minúcia. Um fato ganha força jornalística quando se aproxima da especificidade, quando revela características somente suas, quando está imbuído de singularidade. O jornalismo é avesso a generalidades.[...] Mas, se o singular é a forma da notícia, a maneira como ela se apresenta em seu aspecto formal, o que lhe dá conteúdo é a sua dimensão particular, expressa pelo contexto, e sua dimensão universal, contida apenas subjetivamente e determinada pela visão de mundo do jornalista. Ou seja, há possibilidade de uma abertura de sentido que promova um jornalismo informativo de qualidade e que seja, ao mesmo tempo, crítico e propositivo, sem que para isso seja preciso recorrer à apologia ou à linguagem panfletária.

Segundo Pena (2005), existe ainda no Brasil o sublide criado em 1950 pelo jornalista Pompeu de Souza. Trata-se de um segundo parágrafo da notícia que contempla alguns elementos importantes que, pela complexidade dos fatos, não puderam ser abordados no lide.

Outra característica que contribuiu para a formulação da notícia da maneira como ela se propagou no Ocidente foi o surgimento do conceito de pirâmide invertida, uma estrutura narrativa que marcaria a história do jornalismo. Para o jornalista e professor Luiz Costa Pereira Júnior, uma passagem do quarto livro da “Ilíada” de Homero, em que o estrategista grego Nestor organiza seu exército, seria o primeiro indício do conceito de pirâmide invertida.

A ordem nestoriana põe os fatos mais importantes no início, os argumentos secundários no meio. Só então vem o aspecto que a diferencia da pirâmide invertida, um formato de texto feito para ser “cortado pelo pé”. Um texto nestoriano sempre encerra o discurso em grande estilo: para surpresa da plateia [...]. (PEREIRA JÚNIOR, 2010, p.114)

Trata-se de um modelo objetivo em que as informações são organizadas de forma decrescente de importância. Assim os dados contidos no final do último parágrafo poderiam ser eliminados sem prejudicar o entendimento da matéria. Esse novo modelo surgiu no contexto da Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865), como uma tentativa de os militares enviarem informações, sem que a mensagem chegasse de maneira incompleta. Com a invenção do telégrafo, essa técnica foi ainda mais difundida. E, como na época a tecnologia era limitada, consolidou-se a enviar as informações mais relevantes para que não houvesse a perda de sentido, otimizando-se, assim, tempo e dinheiro. Antes da invenção do telégrafo, as notícias demoravam cerca de um mês para chegarem ao destino, estas eram enviadas por meio de mensageiros, pombos-correios, além de cavalos e barcos a vela.

Todavia, com a evolução dos meios de comunicação, vivemos uma sociedade que, cada vez mais, necessita de informação. Queremos ter acesso a tudo e saber o que está acontecendo no mundo. Apesar das diferenças do campo jornalístico de acordo com a região do globo, predomina-se, como já dito, o jornalismo que prima pela informação de maneira mais objetiva, conforme os preceitos desenvolvidos pelos americanos, com metas declaradamente mercadológicas a serem cumpridas e não político-partidárias. Ou seja, a notícia é um produto à venda. A atividade tem normas e técnicas a serem seguidas, primando pela chamada objetividade. O ofício ganha um cunho cada vez mais empresarial, com hora de fechamento e velocidade de informação.

No modelo atual, o que se vê, muitas vezes, são notícias divulgadas de forma superficial sem aprofundamento dos fatos. O ofício da verificação dá lugar, segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel, à atividade de afirmação. “Uma disciplina mais consciente da verificação é o melhor antídoto para evitar que o velho jornalismo de verificação seja atropelado pelo novo jornalismo de afirmação, e forneceria aos cidadãos uma base para confiar nos relatos jornalísticos.” (2004, p.122).

Porém, com a tecnologia, o processo de apuração tem sido facilitado, uma vez que os jornalistas têm acesso a um volume cada vez maior de informações, sem fazerem um processo de checagem e entrevistas como antes.

Os fatos são fáceis de obter, de se reescrever e depois redirecionar. Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas passam mais tempo procurando alguma coisa para acrescentar as suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente novos fatos. (KOVANCH e ROSENSTIEL, 2004, p.119).

Desta maneira, os jornalistas podem acabar prejudicando a credibilidade de sua informação, que é um dos maiores sentidos da profissão. Afinal, o veículo tem que informar, sem deixar dúvidas naquele que consome a notícia, seja o leitor, o telespectador, o internauta ou ouvinte, para que ele possa novamente voltar a confiar naquele que o informa. E isso só é conseguido quando quem faz o trabalho, no mínimo, checa as informações e ouve vários lados, a fim de fazer um texto demonstrando um mínimo de conhecimento.

2.2 REPORTAGEM

Enquanto a notícia é a base do jornalismo, a reportagem pode ser considerada o grande momento. É ela que será nosso maior foco de interesse nesta monografia. A ideia é ir além da reportagem, mostrando seus bastidores, desde o surgimento da pauta até a repercussão, após a sua divulgação. Revelaremos as dificuldades e os obstáculos enfrentados pelos jornalistas, o relacionamento com a fonte, a busca por dados que comprovem o fato e todos os demais processos que envolvem a reportagem. O objetivo aqui é mostrar que, para vários autores, a notícia prioriza a visão informativa, enquanto a reportagem, a visão interpretativa.

Para isso, vamos entender melhor o que é a reportagem. Trata-se de outro gênero textual diferente da notícia, que trabalha com matérias que exigem a abordagem de assuntos mais complexos e que, consequentemente, necessitam de maior tempo de apuração, maior tempo para divulgação e até um texto em que é possível ousar mais, havendo a possibilidade de se livrar das amarras da pirâmide invertida. É uma atividade que exige, além de tudo, dedicação, investimento e paciência.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE, 2001, p. 31)

Para os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a reportagem é

[...] onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Este laço obrigatório com a informação objetiva em dizer que, qualquer que seja a reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações. (SODRÉ e FERRARRI, 1986, p. 9)

Na notícia, quem se pronuncia são os fatos, as informações e as fontes envolvidas, o repórter se mantém de maneira mais discreta. Já a reportagem envolve uma denotação diferente, esta não trabalha necessariamente investigando fatos como novos, como acontece na notícia. A reportagem é mais abrangente, esta investiga assuntos e preocupa-se em ser atual e oportuna a fim de despertar o imaginário e a reação das pessoas. Segundo Lage (2012), a distância entre reportagem e notícia está na pauta, no projeto do texto que indica de que forma o assunto será abordado.

Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramentos. [...] Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é a matéria- prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados (ou tornados oportunos) por um acontecimento. (LAGE, 1996, p.55).

O jornalista Marcelo Canellas por meio de seu artigo *Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia* ainda acrescenta:

[...] Se, ao contrário, a reportagem buscar um recorte do real que esgarce o seu significado, ampliando a extensão dos eventos, vai resgatar o interesse público do fato porque terá retirado da obscuridade as contradições que o legitimam como notícia. A meu ver, o insólito só tem precedência se estiver pleno de força simbólica que o ligue a um contexto superior. (CANELLAS, p.10)

De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), um exemplo clássico de uma simples notícia que se transformou em uma reportagem foi um acidente ocorrido em 1925, em Kentucky, nos Estados Unidos. Na ocasião, um camponês (Flody Collins) se acidentou e ficou preso dentro de uma caverna. Este estava com a perna presa entre as rochas e não conseguia se mover. O socorro foi acionado, mas as tentativas de tentar socorrê-lo fracassaram. O caso, até então coberto por um único repórter (Skeets Miller), foi tomando proporções maiores, e a mídia americana passou a acompanhar a situação. Chegou-se a ter 1.200 veículos cobrindo o resgate. Assim, com o desenrolar da história, vários foram os aspectos que contribuíram para a transformação dessa notícia em uma reportagem. Mais tarde, em 1951, essa história inspiraria o filme *A montanha dos sete abutres*.

O tratamento narrativo, isto é a reportagem, impôs-se no instante em que Miller sentiu-se “tocado pela extrema solidão” de Floyd. Sem um “quem” e um “o que”, não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm sobretudo, de despertar interesse humano — ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa.[...] Assim, a tragédia solitária de um repórter franzino (Miller) constituíram a protagonização dramática para a grande reportagem. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.14).

Ainda de acordo com Sodré e Ferrari (1986), a reportagem deve conter características como predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Assim, a narrativa precisa estar presente dentro de uma reportagem, ou do contrário não será uma.

Segundo Thais Mendonça Jorge (2012), no Brasil, a origem da reportagem atribui-se a João Paulo Alberto Coelho Barreto, ao publicar, no jornal *Cidade do Rio*, crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro em 1898 e 1899. Mais conhecido como João do Rio, ingressou na *Gazeta de Notícias* em 1903, publicou, no ano seguinte, uma série de textos, que denominou como reportagens sobre As religiões do Rio. Para escrever as matérias, o repórter foi até as ruas, conversou com pessoas, frequentou templos, igrejas, cultos e seitas. Algo inusitado para a época. O repórter chamou a atenção, suas histórias eram ricas de detalhes, personagens, diálogos e fontes. Pessoas como prostitutas, tatuadores eram personagens ouvidos pouco comuns para a época. Assim, o jornalista se tornou uma das pessoas mais influentes do início do século XIX.

**2.2.1 Dificuldades enfrentadas na produção de uma reportagem**

Apesar de muito difundidas e produzidas largamente no cotidiano dos jornalistas, a notícia e a reportagem não se apresentam como gêneros textuais bem definidos dentro dessa comunidade discursiva. Constatam-se facilmente que as distinções teóricas e, sobretudo, práticas não dispõem de um tratamento mais científico e são delimitadas por normas e regras do mercado empresarial. A correria do dia a dia nas redações, o número reduzido de repórteres para cobrir várias editorias, o deadline e a luta pelo furo jornalístico são algumas das limitações que os jornalistas enfrentam. A falta de tempo para uma apuração bem feita e a facilidade de aproveitar os releases que chegam das assessorias de imprensa fazem com que muitas pautas sejam apenas noticiadas, muitas vezes, sem a apuração necessária.

Fazer um jornalismo diário com aprofundamento é um desafio para os profissionais da área. Quem busca embrenhar-se e discutir pautas que resultarão em grandes reportagens enfrenta o obstáculo de produzir pautas para os jornais diários, com técnicas específicas usadas de forma unânime pela grande imprensa.

Uma das reportagens produzidas pelo repórter Marcelo Canellas, a série “Fome” revela, por meio de em um artigo publicado, as dificuldades de se emplacar uma reportagem.

O caráter insólito de um fato não lhe garante maior substância informativa. No entanto, isso nem sempre é compreendido. Eu mesmo levei quatro anos para convencer meus superiores de que a fome no Brasil era, sim, um fato jornalístico relevante que merecia nova abordagem em um mergulho mais profundo. Propus a série “Fome” em 1998 e só obtive autorização para fazê-la em 2001. É preciso entender que a dinâmica de funcionamento das redações é cheia de contradições e de demandas sazonais. A discussão da agenda de cobertura é, por natureza, tensa e difícil porque envolve, na disputa de argumentos, compreensões diferentes sobre o fato, além de convicções pessoais e editoriais. É possível que o repórter que lida com agenda social receba infindáveis “nãos” ao longo de sua vida profissional. Faz parte do jogo. Inaceitável é abdicar da inquietude, da curiosidade, da capacidade de pensar livremente, de exercer a crítica e de propor, porque essas são características intrínsecas à condição de repórter. Brigar por uma pauta justa é uma das prerrogativas mais nobres de nossa profissão. (CANELLAS, p.11)

Para Felipe Pena (2012), a definição de reportagem quase sempre é constituída em comparação à notícia. O professor João de Deus Corrêa[[3]](#footnote-3) (apud Pena, 2012, p.77) classifica a notícia como: uma apuração de fatos que tem como referência a imparcialidade operando em um movimento típico de indução, indo do particular para o geral. Além disso, atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais que trabalha com o singular, se dedicando a cada caso que ocorre. De maneira formal e seca, a notícia pretende comunicar com imparcialidade e tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento ou uma situação.

Ainda de acordo com o professor João de Deus, a reportagem lida com assuntos sobre fatos trabalhando com enfoque na interpretação, opera com a dedução, indo do geral, que é o tema, para o particular, que são os fatos. Além disso, converte fatos em assuntos como o objetivo de aprofundar as informações, a fim de causar repercussão e desdobramentos. A reportagem assume um caráter interpretativo que focaliza a repetição, usa a criatividade para envolver o receptor, por isso trabalha com pautas mais complexas que visam apontar causas, contextos e consequências.

Segundo Sodré e Ferrari (1986), houve um passado em que o herói era o próprio repórter, com sua coragem e opinião. Porém, o cenário mudou e, hoje, a reportagem, ainda que com atos de heroísmo do repórter que precisa investigar um assunto, é um gênero pautado por regras objetivas. É preciso destacar, no entanto, que a escolha dos assuntos em que o veículo aposta demonstra os interesses e as preferências da organização, já que as reportagens são aquilo que diferenciam um veículo do outro e que marcam a história deste mesmo veículo e da equipe de reportagem que participou da cobertura. Ressaltando, ainda, que buscam-se maiores retornos com tal reportagem, já que os investimentos são maiores, como possíveis viagens feitas pelo repórter para apurar, idas e vindas para encontrar documentos, tempo de trabalho empregado, entre outros investimentos. Portanto, há uma maior pressão nestes casos, principalmente quando referem-se a denúncias e revelações.

2.3 TIPOS DE REPORTAGEM

Há várias maneiras de classificar uma reportagem, como apontam os vários autores da área. Mas utilizaremos apenas alguns como forma de exemplificar o tema. A reportagem pode ser dividida por tipos, como sugere Nilson Lage, que a divide em três gêneros: investigativa, interpretativa e novo jornalismo. A reportagem investigativa consiste na apuração de um fato que leva a outros, que serão revelados ao longo da investigação. O gênero interpretativo se dá a partir de um fato que será observado pelo critério metodológico a partir da ciência. E, por último, o novo jornalismo que utiliza a literatura para construir as situações e histórias que serão reveladas ao público.

Para os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a reportagem pode ser dividida em modelos de fatos, de ação e documental. A primeira refere-se ao relato objetivo dos fatos narrados por ordem de importância. Enquanto que a segunda, como o mesmo nome sugere, envolve movimento, a narrativa parte do fato mais relevante seguido pelos detalhes. Aqui, o desenrolar dos fatos tem por objetivo seduzir o leitor, espectador, internauta ou ouvinte. Nas reportagens de televisão, o repórter participa da ação e deixa de ser meramente um observador, tornando-se parte da narrativa. Por fim, o modelo documental. Um dos gêneros que iremos abordar nesta monografia, por meio da matéria da jornalista Daniela Arbex, baseia-se nos relatos levantados, que utilizam de citações para complementar e esclarecer o fato. A base da argumentação se faz em cima dos dados produzidos. Além de ser expositiva, a reportagem documental se aproxima muito da pesquisa, adquirindo um caráter pedagógico que visa a se pronunciar sobre o assunto. Utilizam-se várias fontes e especialistas a fim de revelar os diversos lados do fato. Esse modelo é usado mais na televisão e no cinema. Nesta monografia, além do gênero documental, iremos abordar também o gênero televisivo com a série de reportagens *Terra do meio: Brasil Invisivel,* do repórter Marcelo Canellas. Ainda também no meio impresso, porém na categoria revista, iremos analisar a série *A espera do assassino,* da jornalista e colunista da revista “Época” Eliane Brum.

2.4 DIFERENÇAS DAS REPORTAGENS ABORDADAS NOS VEÍCULOS IMPRESSOS E TELEVISIVOS

Nesta monografia, independente das tipologias de reportagens já mencionadas, interessa ainda ressaltar as características dos meios de comunicação que interferem na maneira de produção das matérias. Como iremos analisar os bastidores de três reportagens divulgadas no meio impresso e na televisão, é preciso destacar as diferenças no desenvolvimento das matérias para cada um destes meios especificamente.

Na mídia impressa, a reportagem necessita de um espaço significativo, que, muitas vezes, excede uma página, devido à necessidade de uso de documentos, fotografias e gráficos. A narrativa, em geral, também será construída baseando-se em muitas fontes, relatos e entrevistas. Geralmente, uma reportagem não se encerra em um único dia de publicação. Portanto, abre-se caminho para uma série e, assim, o tema pode ser abordado por outros vieses. É comum, atualmente, as reportagens na mídia impressa também ganharem um nome, facilitando a identificação pelo leitor do assunto. É o caso de uma das reportagens, que analisaremos o *Holocausto brasileiro* que, nas sete reportagens, recebeu este nome, grafado por meio de um selo no início de cada dia da série.

Uma das vantagens do impresso é poder se aprofundar nos assuntos já que este tipo de veículo permite que o leitor, caso não entenda determinada questão, possa voltar e ler novamente. Assim, os dados podem ser consultados, e as informações podem ser recuperadas quando o leitor precisar. Além disso, as matérias podem ser guardadas, e/ou arquivadas.

Um detalhe que enfraquece a credibilidade das informações divulgadas é o uso de palavras colocadas na condicional. Por exemplo, o envolvido “teria” relatado o motivo do crime. Esse artifício é cada vez mais usado pelas empresas devido à indústria do processo. Muitas vezes, é a única forma utilizada para se evitar este tipo de ação.

Na televisão, a maior dificuldade é a imagem, é preciso convencer as fontes a falarem, enquanto, no impresso, admite-se o uso de iniciais para identificar fontes primárias (pessoas do povo), das quais falaremos mais à frente neste trabalho. Na televisão, o recurso utilizado nestes casos é distorcer a voz das fontes ou a imagem.

Outra vantagem desse veículo e que as reportagens têm mais a adesão do público, e a repercussão é imediata. Além disso, o espectador tem acesso às informações antes do que nos jornais que serão publicados no dia seguinte. Entretanto, a reportagem no meio televisivo exige que o telespectador esteja atento às informações, já que este só poderá ver a matéria uma única vez, sendo exibida em horários específicos ou algumas outras vezes em caso de repetição da matéria, o que é raro.

O jornalista de televisão por ter uma exposição maior passa a ser conhecido pelo público, que passa a confiar neste. E, como resposta a essa identificação, o público passa a procurar o repórter para revelar informações relevantes.

Apesar das diferenças, cada veículo possui suas particularidades. No entanto, em todos eles, para que a prática da reportagem e do jornalismo investigativo se dê são necessários investimentos. Hoje, com a internet e com a possibilidade de encontrar documentos na rede, é preciso saber consultar arquivos públicos, documentos, fazer requerimentos adequados para se ter acesso a documentos do governo, saber ler o que dizem os números e não confiar apenas nos declaratórios, afinal as fontes sempre têm seus interesses e sua forma particular de olhar para uma questão. Jornalismo investigativo e reportagem não se fazem só na internet e no telefone. É preciso ir aos lugares, colocar a mão na massa. Checar e confirmar o tempo todo. Não se pode ficar só no denuncismo. É importante ressaltar que matérias de denúncia dependem da credibilidade que a população tem no veículo, ou do contrário, quando divulgada, não surtirá nenhum efeito.

**3. JORNALISMO INVESTIGATIVO**

O jornalismo investigativo, independente de ser classificado como categoria, assim como toda atividade jornalística, tem como objetivo principal fazer o elo entre os acontecimentos e a sociedade, sem produzir versões parciais ou que atendam a interesses que não sejam coletivos e sem direcionar e manifestar julgamentos sobre os fatos. Leandro Fortes define a função social do jornalismo como:

Utopias à parte, a função idealizada do jornalismo é exatamente a de democratizar as informações a partir de uma decodificação isenta de seus significados, liberta de preconceitos e pressões, embora a vida real teime em impor todo tipo de obstáculo ao conjunto de procedimentos dessa atividade, cujo caráter intelectual está cada vez mais atrelado ao campo comercial, ou aprisionado por ele, tanto faz. (FORTES, 2005, p. 25).

Os primeiros registros de atividades investigativas foram praticados por jornalistas norte-americanos em 1955, após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Sequeira (2005), o jornalismo investigativo teve uma mudança significativa com a premiação de uma reportagem do *Philadelphia Bulletin*, que denunciava a corrupção policial e foi vencedora do Prêmio Pulitzer em 1964. No entanto, foi em 1972 que uma série de matérias publicadas pelo jornal *Washington Post* obteve grande repercussão com o caso *Watergate*, a matéria revelava um plano de espionagem, em que uma escuta ilegal fora instalada por pessoas ligadas ao governo republicano de Richard Nixon no prédio Watergate, sede do Partido Democrata na cidade de Washington. O escândalo ganhou força e atenção do público, e o trabalho de investigação dos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward fez com que o presidente renunciasse em 1974. Considerada uma das maiores reportagens investigativas da história, o caso foi contado no filme *Todos os homens do presidente*, que teve como protagonistas os atores Robert Redford e Dustin Hoffman.

Para Sequeira (2005), “o início do caso Watergate, cuja série de matérias começou a ser publicada em 1972 e culminou com a renúncia do ex-presidente americano Richard Nixon, em 1974, pode ser, até hoje, considerada um paradigma no jornalismo investigativo” (SEQUEIRA, 2005, p.19).

Antes mesmo do caso *Watergate*, grandes reportagens e de cunho investigativo tinham amplo campo nos Estados Unidos. Isto possibilitou a criação de correntes dentro do campo jornalístico. Nos anos 1960, por exemplo, o modelo de jornalismo investigativo americano tinha o chamado New Jornalism. Essa corrente se tornou uma alternativa ao jornalismo objetivo e distanciado dos fatos, que era a principal característica da imprensa Americana, antes do novo estilo. O repórter passa a fazer parte do fato e constrói a história como numa narração literária, a partir de tudo que foi vivido por ele. O novo estilo abandona o jornalismo tradicional, a narrativa passa a ser em terceira pessoa para valorizar o repórter, dando a ele liberdade para criar. A reportagem foi transformada numa espécie de novela realista.

Segundo Sequeira (2005), grandes nomes do jornalismo americano se dedicaram ao estilo, como Gay Talese, que escreveu a coletânea de artigos *Aos olhos da escuridão* publicados em revistas os textos viraram exemplos clássicos de New Jornalism.

No Brasil, esta corrente chegou em 1966, primeiro no eixo Rio-São Paulo. A revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* traziam textos que se aproximavam da literatura e que abrigaram toda uma geração de jornalistas-escritores. O grande exemplo brasileiro foi Euclides da Cunha, cujas reportagens, realizadas como enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo* na Guerra de Canudos, deram vida a obra *Os sertões*.

Mas diferente dos Estados Unidos, no Brasil, esse tipo de jornalismo recebia o nome de “reportagem especial”, e, entre os jornalistas, “grande reportagem”. Na década de 1970, não se falava, nas redações brasileiras, em jornalismo investigativo, mas já se sabia que existia uma especialidade diferente no repórter que ia além do furo, assim esse profissional se caracterizava diferente dos outros, era o repórter que, incansável, precisava batalhar pelas informações, desenvolver suas próprias técnicas de apuração e acabava criando um estilo para escrever a reportagem. Na opinião do jornalista investigativo Percival de Souza, citado por Sequeira, “é um processo de trabalho do repórter que diferencia a reportagem investigativa de outros tipos de reportagem”.

A denominação de jornalismo investigativo, portanto, chegou mais tarde ao Brasil, assim como o seu desenvolvimento mais cotidiano na mídia impressa, segundo Sequeira. Foi por meio do jornal impresso, durante a ditadura militar, que alguns jornais, como “O Estado de São Paulo”, se destacam em denúncias políticas contra o governo. A mais famosa delas foi quando, em 1976, o próprio “Estadão” publica uma série de três reportagens intituladas: *Assim vivem os nossos superfuncionários*, que choca o país ao desnudar para a sociedade a boa vida de ministros e altos funcionários da corte instalados em Brasília e nas capitais federais.

Produzida pela equipe de reportagem do jornal, sob a coordenação do jornalista Ricardo Kotscho, a série dá nova dimensão ao jornalismo investigativo no Brasil, que se converte, como nos Estados Unidos, em representante dos interesses dos cidadãos – desvendando informações que grupos de poder tentam manter escondidas na sociedade e mostrando como funcionam os mecanismos burocráticos do sistema, num mundo cada vez mais complexo, no qual se torna virtualmente impossível ao cidadão comum saber como são produzidos os fatos que o afetam diretamente. Mas é importante mencionar, sem com isso se converter em substituto das informações públicas omissas. (SEQUEIRA, 2005, p.12)

De acordo com Fortes (2005), casos como esses geraram, à imprensa daquela época, um retardamento de divulgação de matérias de cunho investigativo e a volta da censura. Esse cenário só muda alguns anos depois, com o movimento popular das *Diretas já*. Em 1988, depois da promulgação da Constituição, foi assegurado os direitos da imprensa, o Ministério Público vira um instrumento da sociedade e passa a ser um grande apoio para o trabalho dos jornalistas investigativos e, este tipo de reportagem, começa a ser produzido dentro das redações com mais frequência.

De qualquer forma, é chamado de investigativo o jornalismo que trata de temas relacionados às questões de interesse público, como a prática de corrupção, tortura, pedofilia, narcotráfico, terrorismo e toda e qualquer prática que envolva atividade ilícita.

Nesse contexto, o jornalismo investigativo vem na contramão do modelo de jornalismo tradicional de divulgação de notícias e das técnicas de apuração do jornalismo diário, que é caracterizado pela instantaneidade e rapidez na divulgação dos fatos e acontecimentos jornalísticos. Seus leitores, telespectadores, internautas e ouvintes exigem, cada vez mais, essa apuração instantânea, onde o furo da notícia e a divulgação em primeira mão são as principais credenciais dos veículos, fazendo com que o jornalista, muitas vezes, pouco utilize práticas indispensáveis à atividade jornalística, - investigação e checagem das informações divulgadas. “Aliás, esse deve ser o grande benefício do jornalismo investigativo: promover questionamentos e debates sobre as consequências das matérias produzidas e, assim, contribuir para o aperfeiçoamento da democracia” (PENA, 2012, p. 201).

3.1 O PERIGO DO DENUNCISMO E AS DIFICULDADES NO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO

Como já vimos, apesar de as reportagens serem mais raras do que as notícias nos veículos de comunicação, é preciso investir em trabalhos mais profundos, que serão as marcas do veículo. Além disso, mesmo seguindo normas e técnicas, conglomerados de comunicação têm princípios a defender que, muitas vezes, ficam expostos nestas reportagens. Outro fator a ser considerado é que denunciar mazelas e vigiar os poderes são características preponderantes do jornalismo. Mas, para denunciar, é preciso haver fundamento. Isso nem sempre acontece no jornalismo, que pode cair nos denuncismos sem investigação, transformando-se em uma perigosa armadilha.

Quando faltam as práticas jornalísticas características do trabalho investigativo, sobra denuncismo. “Na busca pelo furo, repórteres antecipam o trabalho do Judiciário e acabam provocando verdadeiros julgamentos públicos” (PENA, 2012, p. 202). Fortes também critica o prevalecimento do denuncismo em momentos mais recentes da história do jornalismo brasileiro:

Não é por outra razão que o conceito de investigação jornalística no Brasil está atrelado a escândalos e denúncias, quando se sabe que a maioria dessas matérias nasce do repasse puro e simples de informação, muito mais um mérito das fontes do que, propriamente, do repórter. (FORTES, 2010. p.7)

Pena também vai além e afirma o que diferencia o joio do trigo quando o assunto é investigação no campo jornalístico:

Na maioria das vezes, as reportagens apenas reproduzem declarações de pessoas interessadas nas denúncias e se escondem em uma pretensa objetividade, ouvindo a defesa dos acusados. Só que a denúncia toma corpo e, mesmo que as investigações revelem que ela é mentirosa, a informação continua no imaginário do público. Por isso, é bom deixar bem claro: Jornalismo investigativo não se baseia em denúncias, apenas começa com elas. A base mesmo é uma sólida pesquisa do repórter. (PENA, 2012, p. 202)

Isso acontece com frequência, pois empresas colocam na frente a vontade de divulgar logo os acontecimentos, muitas vezes somente com uma das partes envolvidas denunciando. Manter um repórter investigativo é caro, desfalca a equipe dentro das redações, “como se fosse possível a um repórter dedicar-se exclusivamente à investigação jornalística pura, ainda mais na época atual, com as redações reduzidas a metade, as pressões jurídicas a todo vapor...” (FORTES, 2010, p. 25)

Sequeira (2005) defende que investigação se trata de um processo cauteloso que exige maior tempo e planejamento. O repórter faz um trabalho de detetive, primando pelos detalhes. Essa técnica utilizada no jornalismo investigativo visa a questionar as causas e os efeitos dos acontecimentos, buscando uma relação entre eles para tentar esclarecê-los. É fundamental ao repórter a postura de denúncia, de apuração, para apresentar todas as versões dos envolvidos na questão. Sendo assim, o cumprimento de prazos pré-definidos, prática comum nos jornais e veículos diários, dificulta o processo investigativo e a realização da matéria.

Conforme apontado, as reportagens investigativas são raras no jornalismo atual. “Pode-se concluir que o repórter investigativo, que precisa de tempo para apurar suas histórias, suas fontes de informação e checar documentos, é uma peça destoante da engrenagem” (SEQUEIRA, 2005, p. 41).

Ainda de acordo com a autora, para cumprir esses objetivos, os profissionais têm de desenvolver estratégias específicas e, às vezes, nada ortodoxas: “Uma das estratégias mais comuns nas rotinas de trabalho do repórter investigativo é o uso da infiltração do profissional no centro dos acontecimentos” (SEQUEIRA, 2005, p. 75).

Por tratar de questões de grande interesse público e pelas relações que se travam entre os profissionais e suas fontes e também pelas estratégias que permeiam a ação do jornalista, o jornalismo investigativo tem nas questões éticas que balizam o processo de apuração de informações, aspectos e regras cruciais para sua prática.

Sequeira ( 2005) afirma: “as reportagens investigativas estão na contramão do fluxo de informação, quer pela apuração entre as fontes utilizadas, quer pelo tempo de que o repórter necessita para concluir seu trabalho” (SEQUEIRA, 2005, p. 38).

No item seguinte, trabalharemos a questão das fontes de informação, como um dos fatores essenciais para o desenvolvimento do jornalismo investigativo.

3.2 O JORNALISTA E SUAS FONTES

No Brasil, tradicionalmente, há grande dependência das denúncias feitas por pessoas físicas que geralmente têm algum interesse por trás ao divulgar algum fato, já que, somente nos últimos anos, o Governo tem adotado a transparência como meta, facilitando o acesso às informações públicas. Sem isso, o jornalista investigativo ficava muito dependente da documentação que chegava as suas mãos por meio dessas pessoas que, muitas vezes, não queriam nem mesmo aparecer ou que, geralmente, tinham outras intenções. A ausência de normas que exigissem a apresentação de documentos públicos e autorizasse o acesso excluía a possibilidade de o jornalista obter informações oficiais sem a ajuda das fontes. Assim, antes da lei da transparência [nº 12.527, de 18 de novembro de 2011,](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.527-2011?OpenDocument) os jornalistas precisavam combinar esforços pessoais e, principalmente, as informações fornecidas pelas fontes.

Isso não deve ser condenado, já que no próprio caso *Watergate*, os jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward dependeram de uma fonte, que só foi revelada mais de 40 anos depois. Na época, ele ficou conhecido como “Garganta Profunda”.

**3.2.1 - Fontes mais comuns na rotina jornalística**

A fonte é imprescindível para qualquer repórter, seja ele investigativo ou não, e manter a boa relação com as mesmas, faz parte dos princípios jornalísticos. De acordo com Nilson Lage (2011), conforme sua natureza, as fontes classificam-se em: a)oficiais, oficiosas e independentes b) primárias e secundárias c) testemunhas e experts (LAGE, 2011, p. 63)

As Oficiais: são as mantidas pelo Estado; Oficiosas: são aquelas que estão ligadas a uma entidade ou indivíduo; Independentes: são aquelas desvinculadas de relação de poder ou interesse específico. Primárias: são aquelas em que o jornalista se baseia para saber o essencial de sua matéria, fornecem fatos, versões e números. Secundárias: são consultadas para a preparação de uma pauta e ajudar na apuração. Testemunhas: são fontes que presenciaram determinado fato, são tão importantes quanto às oficias. Experts: são geralmente fontes secundárias que se preocupam em buscar versões ou interpretações de eventos.

O jornalista Percival de Souza, citado por Sequeira (2005), acredita que há uma forma equivocada de alguns autores tratarem o relacionamento, repórter versus fonte. Para ele, não existe esse distanciamento, o profissional nunca pode se colocar num lugar acima da sua fonte. “A impressão que dá pelo que tenho lido nos livros, é que há uma espécie de desprezo pela fonte de informação, do tipo: eu sou autor você é a fonte. Fique no seu lugar” (2005, p.80). No entender de Percival, há um equivoco quando o jornalista no seu dia a dia trata dessa forma sua fonte e acredita que deve haver sim, uma empatia entre o repórter e sua fonte. Percival acredita que em nenhum momento essa atitude compromete o jornalista ou o vincula a qualquer fonte de informação. “Não é possível fazer jornalismo investigativo de outra maneira”. Nas redações, o uso de telefone para entrevistar as fontes é rotineiro, não existe contato pessoal, troca de informações ou de afinidade. Tudo acontece de forma cronológica: o repórter se identifica, faz sua pergunta, espera a resposta da fonte, agradece e desliga o telefone.

Outro ponto que levanta discussão quando falamos de fontes, são as “anônimas”, que, na maioria das vezes, são conhecidas pelo repórter, mas pedem para não serem citadas na reportagem, chamada no Brasil de *off the record.*  Percival afirma, ainda, que é preciso ter cuidado e confiança ao divulgar informações de pessoas que não querem ser identificadas. “Se você publica uma informação forte que vai dar nova dimensão a um fato e isso depois não se comprovar, a pessoa poderá acionar o repórter, pois ele é o responsável legal pelo que publica” (SOUZA apud Sequeira, 2005, p. 83).

Leandro Fortes (2005) afirma que é muito comum repórteres aceitarem que, em graus diferentes, a fonte mantenha certo poder de condução sobre o conteúdo levantado, quando ela fala, primariamente, informações importantes da investigação: “Fugir desse cativeiro é parte do esforço ético a ser empreendido individualmente por cada profissional, embora isso ainda passe longe da política geral das redações” (FORTES, 2005, p. 18).

Ele ainda ressalta que o jornalista não pode ceder às pressões de seus chefes para abrir fontes em hipótese alguma. O respeito às fontes é uma das chaves da profissão e um dos responsáveis pelo sucesso e longevidade dos bons repórteres: “Na verdade, cada jornalista tem o direito, previsto pela Constituição Federal, de preservar suas fontes. Normalmente, quando um repórter abre uma fonte em *off*, vira uma pária entre todas as outras” (FORTES, 2005, p. 43).

Na relação entre fonte e jornalista, preceitos da ética também devem ser seguidos para melhor aproveitamento de ambas as partes, o repórter nunca pode esquecer de que o que se estabelece é, na verdade, uma relação de troca, que deve ser mútua e respeitosa.

**3.2.2 Desafios éticos no dia a dia do jornalismo**

Durante o trabalho de apuração investigativa, surgem diversas dúvidas que são discutidas quando falamos de ética no jornalismo. O uso de câmeras escondidas, identidades falsas, escutas telefônicas são métodos questionáveis. Segundo Felipe Pena, “denunciar uma ilegalidade por meio de outra ilegalidade me parece uma lógica idiota. Ao contrário do ditado popular, ladrão que rouba ladrão não deve ter cem anos de perdão. Deve é ir para cadeia. Mas o assunto não é tão simples assim.” (PENA, 2012, p.202)

O jornalista Percival de Souza, citado por Sequeira, se coloca radicalmente contra o uso de grampos e câmeras escondidas.

Não gostaria de conversar com alguém informalmente e depois ter minhas opiniões publicadas. Na verdade, acho isso triste porque você lança uma pecha sobre toda classe jornalística, segundo qual confiar em jornalista é perigoso. É inaceitável para nossa classe. (SOUZA apud SEQUEIRA, 2005, p. 78)

Nilson Lage (2011) afirma que a carreira do jornalista, muitas vezes, fica comprometida quando ele esbarra nos preceitos éticos.

No caso dos jornalistas, a obediência aos compromissos éticos tem resultado com frequência em redações empasteladas e profissionais assassinados, sem contar carreiras brilhantes interrompidas e a infinidade de casos de sofrimento pessoal, desmoralização e sofrimentos financeiros. Não faltam a profissão heróis e mártires. (LAGE, 2011, p.91)

Para Lage, a ética não pode ser generalizada em seus preceitos e nem ser seguida como um mandamento, já que o jornalista tem direitos de escolha, como por exemplo, o de ocultar a sua fonte. O autor diz o mesmo sobre câmeras escondidas, microfones e o uso de identidades falsas. É válido usar esses métodos quando o assunto for relacionado a revelações de segredos de Estado, identificação de vítimas ou acusados infames e situações extremas, como degradação ou sofrimento. “Situações como esta, em que os fins podem justificar os meios e a intenção confrontam-se com o resultado, dão margem a muita retórica e poucas certezas.” (LAGE, 2011, p.91)

O Jornalismo Investigativo é, por sua natureza, o grande divulgador de fatos que certos grupos querem deixar ocultos na sociedade. Algumas questões inevitavelmente acabam se chocando com as questões éticas, principalmente no processo de apuração e pesquisa documental. O Código de Ética[[4]](#footnote-4) dos Jornalistas é integrado por 19 artigos, tendo sido atualizado em 2007. No documento, são abordados, basicamente, os deveres e limites dos profissionais referentes a conduta, direito à informação, responsabilidade, as relações profissionais e à aplicação do Código.

O código fala do compromisso do profissional com a verdade dos fatos e com a divulgação verossímil dos depoimentos das fontes. O documento também auxilia repórteres investigativos na fase da apuração e no levantamento de documentação:

O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação [...] sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e identidade de suas fontes de informação (SEQUEIRA, 2005, p. 94).

O artigo VI cita os deveres dos jornalistas, que determina nos itens VII e VIII, entre outros itens, que deverão estar presentes nas práticas jornalísticas:

Combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação e respeitar o direito à privacidade do cidadão. No caso do repórter investigativo, ao cumprir a determinação de “combater e denunciar todas as formas de corrupção” é obrigado, muitas vezes a infringir o item VIII, com relação ao “direito à privacidade do cidadão”. (SEQUEIRA, 2005, p. 95).

De acordo com Sequeira (2005), outro ponto fundamental situa-se no artigo VIII, que trata da responsabilidade profissional do jornalista: “O jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros” (SEQUEIRA, 2005, p. 97).

Por isso, é importante estar atento aos dois ou mais lados de uma história, afinal o jornalista não deve julgar, ao escutar uma versão sempre deve duvidar e lembrar que todo mundo é inocente até que se prove o contrário.

Outro ponto importante, segundo Sequeira, é com relação à independência informativa:

No desempenho de seu papel, o jornalista investigativo necessita estar liberado de todo tipo de compromisso, que em determinada fase de apuração poderá comprometer ou limitar seu trabalho. A independência do jornalista é uma das condições que podem garantir o sucesso de uma reportagem investigativa. (SEQUEIRA, 2005, p. 98)

Trabalhar em setores públicos ou privados e conciliar com o trabalho dentro de uma redação inevitavelmente limita a independência informativa. O Código de Ética dos Jornalistas proíbe que eles assessorem áreas para as quais fazem coberturas.

O repórter investigativo Rubens Valente, citado por Sequeira, trabalhou nos dois principais jornais do Mato Grosso do Sul e passou situações constrangedoras. Num deles teve três matérias apuradas, editadas e censuradas num só dia. “Havia jornalistas na própria redação que se encarregavam de alertar o governo ou o deputado sobre os passos do repórter, que já trabalhavam para o político,” (VALENTE apud SEQUEIRA, 2005, p. 99).

O debate mais amplo quanto à ética que se espera do jornalista é o de que jornalista não deve ser refém das fontes, nem do poder público e nem da empresa para qual trabalha.

**3.2.3 O Repórter Investigativo**

O repórter investigativo é essencial para a matéria. De uma forma diferente de outras linhas do jornalismo, esse profissional se entrega à reportagem. São dias, meses e, muitas vezes, anos dedicando-se a uma pauta. Deve-se ter fôlego, dedicação e, acima de tudo, paciência.

Daniela Arbex, jornalista que foi entrevistada para essa monografia, afirma que nenhuma pauta nasce pronta, ela vai criando vida com o tempo, com os fatos, mas, acima de tudo, uma pauta só dá certo quando o repórter acredita nela.

“Preguiça e jornalismo não combinam” é o que reforça Leandro Fortes (2005). A investigação não foi feita para os covardes.

Tampouco precisa ser um sacrifício, embora seja muito comum muitos jornalistas encararem o ofício como um sacerdócio enlouquecido, sofrido, recompensado apenas com a plena exaustão do corpo e da mente- mas isso há em todo canto. Mas, no caso da investigação jornalística, o trabalho é sempre intenso, misto de suor e paciência, mesmo quando a luta cotidiana pela notícia requeira o cumprimento de prazos. Mas corre-se tanto contra o tempo como a favor da verdade, e é nesse equilíbrio que reside o bom resultado de uma investigação. Em alguns casos, a disposição de se fazer uma boa reportagem incorre em uma mudança radical de rotina, principalmente se a empreitada envolver um projeto pessoal de investigação, ainda que sob vários riscos. (FORTES, 2010, p. 69)

A cara do repórter está em cada matéria que ele faz. Isso traz riscos, são noites sem dormir à mercê de ameaças. A relação dentro da redação também se torna escassa, o trabalho de investigação é um trabalho solitário, o repórter pode passar dias sem aparecer na redação, lembrando que a investigação é um trabalho de campo e dificilmente será concluído com a ajuda de releases ou conversas ao telefone. É preciso abrir mão, mesmo que seja temporariamente, da casa, dos filhos e da família. A vida pessoal se torna pública e, dessa forma, o profissional vira um alvo fácil daqueles que querem esconder algo da opinião pública. “A busca enlouquecida pela verdade, por mais digna e respeitável que seja, não pode tomar o lugar da responsabilidade profissional, muito menos expor um repórter à sandice dos criminosos.” (FORTES, 2010, p.73).

Como não poderia deixar de ser, o caso que vamos usar para exemplificar a busca incessante pela verdade jornalística sem medir as consequências é o do jornalista investigativo Tim Lopes. Ele era um profissional amado pelos colegas e respeitado por seu profissionalismo indiscutível. Em 2001, junto com sua equipe da “TV Globo”, o jornalista conquistou seu primeiro Prêmio Esso de Telejornalismo, graças a uma série de reportagens nomeada *Feira de drogas*. Antes dessa, Tim havia feito uma série que falava sobre os maus-tratos sofridos por pacientes dependentes químicos em clínicas de recuperação. O jornalista passou meses internado, sentindo na pele o sofrimento daquelas vítimas. O senso de responsabilidade social caracterizava Tim Lopes. Quando foi assassinado, aos 51 anos, por traficantes do Rio de Janeiro, mobilizou a consciência da classe dos jornalistas brasileiros, “de uma hora para outra, as redações brasileiras passaram a discutir os limites da investigação jornalística, os riscos, a relação custo-benefício da ousadia- ou da ambição- dos repórteres”. (FORTES, 2010, p. 73)

Segundo Ricardo Noblat (2002), Tim Lopes morreu porque quis, ele sabia os riscos e foi apoiado por seus chefes, que, sem garantia nenhuma, deixaram que ele subisse aquela favela. Para Noblat, os jornalistas têm que distinguir o que é interesse público do que é interesse do público.

Certamente, Tim Lopes foi vítima do que o escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez definiu como "uma paixão insaciável" pelo jornalismo. Mas não só. A omissão do Estado, incapaz de garantir a segurança dos cidadãos, empunhou a espada dos traficantes de drogas que retalhou o corpo de Tim. Quem lhe aplicou o golpe fatal, contudo, foi um conceito de jornalismo que degrada a profissão e pode até matar jornalistas. (NOBLAT, 2002, p. 19)

Além de toda a discussão sobre o investimento das redações nas matérias investigativas, a falta de segurança também é um fator determinante para diminuir profissionais dessa área. Não é só do poder público que o jornalista fica à mercê, as redações também limitam o profissional. A liberdade jornalística chega até um certo ponto e para. Os manuais de redação, os padrões colocados por determinadas empresas e a autonomia dos editores e diretores limitam o trabalho do repórter e a atividade investigativa.

O jornalismo literário só pode ser praticado na grande reportagem, que exige tempo e dinheiro para ser produzida, além de texto diferenciado, que também custa caro. Não há como praticá-lo na reportagem comum, escrita hoje para ser publicada amanhã [...] (FLOSI, 2012, p. 12).

Mas há aqueles que conseguem fugir à regra, fazendo de uma simples pauta uma grande reportagem, por meio da qual, são temas normalmente relacionados ao descaso do poder público, à farra dos governantes, à miséria, à maldade, à degradação do ser humano. A grande reportagem não surge de um dia para o outro. Dá muito trabalho ao repórter, mas traz resultados incríveis que podem mudar a sociedade, algumas até o rumo da história. A grande reportagem dá voz a uma maioria que grita, mas não é ouvida.

É um momento em que você não pode errar, não tem direito ao fracasso. O único jeito de diminuir os riscos é se calçar bem, antes: ler no arquivo do jornal tudo que já publicou sobre o tema, não só para se informar sobre ele, mas para não repetir uma história já contada. Depois é montar com muita calma um roteiro. Saber direito quem você deve procurar em cada ponto desse roteiro, quais são os personagens, situações e lugares mais ricos- o que vier mais de imprevisto é lucro. (KOTSCHO, 1986, p. 72)

Com a vontade de mudar a realidade social, surgiram grandes reportagens e grandes repórteres. Foram inúmeras matérias cujos desdobramentos contribuíram muito para a cidadania.

No Brasil, esses trabalhos do jornalismo investigativo passaram a ser reconhecidos e premiados pelo Prêmio Esso de Jornalismo, um dos mais tradicionais e importantes programas de reconhecimento aos profissionais de Imprensa do Brasil, que está completando 58 anos de existência em 2013, permanecendo sem qualquer interrupção. O prêmio foi criado em 1955, e o nome era Prêmio Esso de Reportagem, alguns anos depois passou a se chamar Prêmio Esso de Jornalismo.

O Prêmio, em suas diversas categorias, é concedido aos melhores trabalhos publicados anualmente na Imprensa brasileira, segundo a avaliação de comissões de julgamento integradas exclusivamente por jornalistas renomados ou profissionais de comunicação. Atualmente, a premiação destinada à mídia impressa está dividida em 11 categorias. O telejornalismo tem uma categoria destinada só para ele, que leva o nome do programa, o *Prêmio Esso de Telejornalismo*, destinado ao melhor trabalho jornalístico de televisão.

De acordo com informações publicadas no site, de 1955, até os dias de hoje, concorreram ao Prêmio Esso mais de 30 mil trabalhos jornalísticos. Entre os mais recentes trabalhos premiados, destacam-se reportagens escolhidas para serem analisadas nessa monografia. Em 2000, Daniela Arbex, repórter do jornal Tribuna de Minas de Juiz de Fora, venceu seu primeiro Esso com a reportagem especial *Dossiê Santa Casa*, na categoria especial do interior. A série trás à tona a crise financeira da maior instituição hospitalar da região, a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. A dívida na época ultrapassava R$ 18 milhões. Dois anos depois, vem o segundo, com a série de reportagens *Cova 312*. A história é sobre a sepultura do guerrilheiro Milton Soares de Castro, dado como desaparecido durante a Ditadura Militar. Em 2012, Daniela, foi a vencedora de mais um Esso, na categoria Regional Centro-Oeste, com a série de reportagens *Holocausto brasileiro: 50 anos sem punição*. Recentemente, a jornalista lançou um livro-reportagem, com o mesmo título da série, fruto de um ano de apuração, abordando além do que foi publicado no jornal.

Eliane Brum é a jornalista mais premiada no Brasil segundo a lista do anuário *Jornalistas e Cia*. Eliane é hoje o grande nome do jornalismo literário no Brasil e traz como características, assim como Daniela, temas relacionados aos direitos humanos. Caco Barcelos e Marcelo Canellas também encabeçam a lista. Caco com premiações em temas diversos, desde ditadura até narcotráfico. Já Marcelo Canellas é o repórter que entra na história, ele vai até onde nem a eletricidade conseguiu chegar, como é o caso da reportagem premiada que vamos analisar; *Terra do Meio: Brasil invisível.*

Outro órgão que reconhece e ajuda a divulgar o trabalho dos jornalistas investigativos é a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), criada por um grupo de jornalistas brasileiros interessados em trocar experiências, informações e dicas sobre reportagem, principalmente sobre reportagens investigativas. Mantida pelos próprios jornalistas, não tem fins lucrativos e atuam hoje promovendo congressos, seminários, oficinas especializadas, que cuidam do aperfeiçoamento profissionais dos jornalistas interessados no tema 'investigação', proporcionando um fórum de trocas de experiências. Além disso, a ABRAJI é um celeiro de oportunidades de trocas de experiência e aprendizado. Como é o caso do *Projeto 1000 em 1*, que consiste em uma atividade prática, em que serão gravadas entrevistas com jornalistas citados acima, sobre os bastidores de suas reportagens premiadas, analisando matérias investigativas premiadas de veículos impresso e televisivo.

Com a captura desse material, empregaremos embasamento teórico e prático para explicar como se deu o processo de produção de cada reportagem escolhida, a fim de serem comparadas, por ser tratar de veículos diferentes. Serão analisadas desde o processo de construção da pauta até a repercussão das matérias publicadas a fim de buscar as semelhanças e diferenças entre elas.

Sendo assim, queremos ir além da pauta feita através da orientação de assessorias de imprensa e descobrir o que vale e o que não vale no momento da escolha da pauta para uma grande reportagem.

No próximo capítulo, teremos a oportunidade de ver, na prática, como é feito todo esse processo citado acima e notaremos como uma notícia vira uma grande reportagem. De acordo com Sodré, “se a notícia é o relato de um fato de interesse jornalístico, a reportagem é a narrativa que aborda as origens, implicações e desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizados”. (SODRÉ, 1986, p.11).

Após as entrevistas com três grandes jornalistas, analisamos como se dá todo processo de apuração até a divulgação das matérias.

**4. OS DESAFIOS DA GRANDE REPORTAGEM**

Depois de traçar os procedimentos metodológicos, abordar a construção da notícia, as características da reportagem e dedicar um capítulo para o jornalismo investigativo e para as grandes reportagens, entramos na análise do nosso objeto de estudo: grandes reportagens premiadas no Brasil e as principais dificuldades encontradas pelo repórter antes, durante e depois da divulgação da matéria.

Escolhemos três reportagens de grande repercussão na mídia nacional e local. Os jornalistas escolhidos foram Marcelo Canellas, da *“*TV Globo”, com a série: *Terra do Meio: Brasil invisível*, vencedora do *Prêmio Embratel de Jornalismo* na categoria reportagem de televisão, e Prêmio de Sustentabilidade, da *Fundação Nuevo Periodismo*, que tem como presidente o jornalista, escritor e Nobel de Literatura, Gabriel García Marques; e ainda o *Prêmio Caixa de Jornalismo Social*, dois internacionais entre outros; Eliane Brum, jornalista independente e colunista da revista *Época*, com a reportagem *A espera do assassino*, vencedora do *Prêmio Vladimir Herzog* no ano de 2006 e Daniela Arbex, do jornal impresso *Tribuna de Minas*, com a série de reportagens: *Holocausto Brasileiro*, vencedora do *Prêmio Esso de Jornalismo* categoria Centro-Oeste regional no ano de 2012 e menção honrosa no Ipys[[5]](#footnote-5).

Acreditamos que as matérias foram premiadas por terem grande relevância social. Além disso, pode-se levar em conta a coragem dos profissionais em tocar em assuntos tão delicados. Temas que seriam mais fáceis de serem deixados na escuridão são abordados por eles com aprofundamento, ainda que, para isso, eles enfrentem dificuldades comuns e incomuns do jornalismo, principalmente quando falamos da exposição do repórter em matérias nas quais sejam necessárias denúncias para desvelar ao público as mazelas de uma sociedade, de um povo ou apenas a invisibilidade de uma pessoa, sendo tratada como louca ou sendo julgada e sentenciada à morte em um país onde não há pena de morte.

Além do empenho em estudar como se dá o processo de criação de cada uma dessas grandes reportagens, há aqui o interesse pelo tipo de atuação desenvolvida pelos repórteres analisados, um jornalismo chamado social, que se diferencia do jornalismo comum pela narrativa de cada repórter, seja pela presença de metáforas, da linguagem literária, pela forma poética que aproxima o leitor da realidade dos personagens e da matéria ou de outras características que tornam o texto mais envolvente. Nas reportagens escolhidas, os profissionais preocuparam-se em mostrar a realidade de pessoas há muito esquecidas e desconhecidas pelo poder público e até mesmo pelo próprio país. Aqui contaremos como os jornalistas encontraram personagens como Chico Feitosa, o pescador da *Terra do Meio* que nunca viu um aparelho de televisão; de Antônio Gomes da Silva, que passou 34 anos internado como louco, sendo que em 21 deles permaneceu mudo porque ninguém se lembrou de perguntar se ele falava; ou ainda Maria de Fátima da Silva Nunes, a “Santa”, que relata como é viver na mira de pistoleiros. Nos três casos, anônimos ganharam espaço na mídia e tiveram suas histórias transformadas. No lugar de números, pessoas dando vida ao material jornalístico, uma das características do romance e da literatura, importante para atrair a atenção de leitor e espectador.

Por trás de cada história contada pelos repórteres, existiram várias barreiras enfrentadas dentro das redações, no momento da apuração das informações, ao escrever tudo que tinha sido apurado sem deixar as relevâncias de lado. Os percalços, muitas vezes, começam no próprio convencimento dos editores de que vale a pena apostar no assunto, como Canellas e Daniela Arbex admitem. Conforme já citado anteriormente, em uma das matérias do jornalista que teve a fome como tema principal, foram necessários quatro anos para convencer seus editores de que valia à pena falar sobre este assunto. Daniela também precisou de dois anos para convencer seus editores a respeito da matéria sobre a loucura em Barbacena. Iremos analisar essas barreiras no próximo item, fazendo um levantamento detalhado de cada uma das três grandes reportagens. Para isso, iremos nos basear nas matérias em si e em depoimentos, obtidos por meio de entrevista, com cada um dos profissionais aqui citados.

4.1 ANÁLISE 1: “TERRA DO MEIO: BRASIL INVISÍVEL” POR MARCELO CANELLAS

A primeira matéria analisada foi desenvolvida pelo repórter Marcelo Canellas, que nasceu em Passo Fundo (RS). Depois de começar a estudar Agronomia, Canellas abandonou o curso para fazer Jornalismo. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), em 1987.

O gaúcho iniciou sua carreira profissional como repórter de polícia do jornal *A Razão*. Pouco tempo depois, foi contratado pela afiliada da *RBS* de Santa Maria, onde trabalhou na criação de pautas, na produção e na edição. Em meados dos anos 1980, foi indicado para a emissora afiliada da *TV Globo* a *EPTV*. Em 1990, foi convidado para trabalhar como repórter especial na *TV Globo* do Rio de Janeiro, onde fez várias reportagens sobre a guerra do tráfico nas favelas e participou da cobertura da chacina da Candelária em 1993.

No mesmo ano, foi para Brasília e acompanhou a implantação do Plano Real. Em 1996, cobriu o massacre de trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás, no Pará. Também se destacou pela produção de matérias sobre a exploração sexual de menores no Acre e o trabalho infantil no Nordeste. O especial que realizou sobre a fome foi exibido no *Jornal Nacional* e tornou-se uma das séries mais premiadas do telejornalismo brasileiro. A equipe da *TV Globo* ganhou os *Prêmios Ayrton Senna de Jornalismo, Barbosa Lima Sobrinho, Imprensa Embratel e Vladimir Herzog*, além de Medalha ao Mérito da *ONU*.

Ganhou três vezes o *Prêmio Nuevo Periodismo*, oferecido pela Fundação Nuevo Periodismo Ibero-americano (Fnpi). Em 2002, foi premiado pela série *Geografia da Fome*.

Em 2005, a reportagem sobre o Cerrado, exibida no *Jornal Nacional*, foi vencedora na categoria Telejornalismo.

Três anos depois, a série *Terra do Meio: Brasil invisível*, escolhida como objeto de estudo para esse trabalho, recebeu prêmios importantes, como o Embratel de Jornalismo na categoria *Reportagem de televisão*, o de Sustentabilidade, da Fundação Nuevo Periodismo, que tem como presidente o jornalista, escritor e Nobel de Literatura Gabriel García Marques; e ainda o *Prêmio Caixa de Jornalismo Social*. Ao todo essa reportagem ganhou 11 prêmios entre nacionais e internacionais.

Em 2010, juntamente com Edney Silvestre e Neide Duarte, apresentou o programa *Brasileiros*. Atualmente, é repórter do Núcleo de Reportagens Especiais do Fantástico, caracterizando-se pela cobertura de temas ligados a Direitos Sociais e Humanos.

**4.1.1 “Terra do Meio: Brasil invisível”**

*Terra do Meio* é uma série de cinco reportagens feitas pelo jornalista Marcelo Canellas e pelo repórter cinematográfico Luís Quilião. A série aborda a ocupação irregular de terras públicas, pistolagem e abandono no Estado do Pará, com relatos humanizados de personagens que vivem no local conhecido como *Terra do Meio*. As reportagens foram exibidas no jornal *Bom Dia Brasil*, da *Rede Globo*, no período de 3 a 7 de dezembro de 2007. Tivemos acesso a elas na íntegra através do canal *YouTube* na internet.

Foram cinco temas abordados pelos repórteres divididos em cinco matérias, na ordem: *Os beiradeiros, Os grileiros, Os exilados, As estradas e Marcados para morrer.* Alguns temas renderam mais que outros, os tempos de duração variam, assim como o número de fontes e de *offs* usados em cada uma delas.

O repórter usou ainda recursos linguísticos para imprimir a sua marca, na reportagem. Os *offs* cheios de metáforas e comparações completam o texto para explicar o momento vivido pela floresta amazônica.

Na primeira reportagem, *Os Beiradeiros:*

Floresta farta, água limpa, vida intensa. A última reserva de biodiversidade do Sul do Pará. E é gente quem opera esse milagre amazônico de salvar planta e bicho [...] Vindos do Nordeste, os seringueiros chegaram à selva bruta na primeira metade do século passado. Como Carlos Pinto, 70 anos de idade, e uma vida de navegação pelo Xingu. Rio faminto, que engole o que vier [...]. Cachoeiras afloram e corredeiras borbulham nesse gigante cravejado de rochas. Um trajeto belo e arriscado faz qualquer embarcação duelar contra a fúria da correnteza. (Texto retirado da abertura da primeira matéria do VT Terra do Meio)

Percebemos que o texto é explorado de maneira diferenciada do jornalismo diário, assim como nos exemplos que usaremos dos outros dois jornalistas escolhidos para esta monografia. Canellas faz uso de frases de forma indireta, faz comparações, descreve a natureza de maneira metafórica e se aproxima da poesia, valorizando o lugar descrito na reportagem como único, assim como as pessoas de quem falará. A receita se repete em outros trechos da reportagem, por exemplo, quando fala do Rio Xingu: “...*Cachoeiras afloram e corredeiras borbulham nesse gigante cravejado de rochas...”*

Cada uma das frases usadas por Canellas remete a sensações e percepções vividas em mais de dois meses no Pará. Portanto, o seu olhar direciona a reportagem, mostrando haver realmente uma interpretação, um dos tipos de reportagem definidos por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari. Apesar das características, ligadas à literatura, o repórter não gosta de classificações.

Não escrevo achando que faço jornalismo literário. Apenas escrevo usando as ferramentas do jornalismo que, sim, às vezes têm ponto de contato com as da literatura. Afinal, jornalismo e literatura usam a língua como expressão de ideias. (CANELLAS, Apêndice I)

No primeiro capítulo da série, a história dos ribeirinhos foi contada. São cerca de trezentas famílias que vivem na Floresta Amazônica. O primeiro entrevistado foi Carlos Pinto, seringueiro de 70 anos de idade, que tem o mesmo número de vivência na floresta. É ele quem atravessa o Rio Xingu com os repórteres e os leva para a *Terra do Meio*. Para ajudar o telespectador a se localizar, foi usado um recurso gráfico na edição, um mapa da região do Pará em que o repórter explica o local em que a matéria será feita e todas as reservas que ficam ao entorno da *Terra do Meio*.

Figura1: Mapa terra do meio

Os repórteres tiveram uma pré-apuração feita a partir de comprovação das denúncias, o que, segundo o repórter, foi o suficiente para que levassem a sugestão de pauta aos editores. Depois de comprovarem a pauta, viajaram direto para a Amazônia. Uma produtora já tinha antecipado a estrutura necessária para que os repórteres chegassem no local e começassem as gravações imediatamente. Por questão de segurança, não foram feitas produções in loco. Ao procurar uma fonte, eles permaneciam o tempo todo com a câmera ligada, uma maneira, segundo Canellas, de se protegerem. Com isso, tiveram um mês para encontrar cada uma das fontes. Ao todo foram 36 entrevistados. Na primeira matéria, um pouco mais humanizada, sete personagens contaram como era viver num lugar desconhecido pelo resto do país. Todos se autodenominam *beiradeiros* porque vivem no *Beiradão*. Lá não chega luz elétrica, não existe escola, supermercado ou hospital. Os moradores apenas sobrevivem. Os alimentos chegam por meio do *regatão*, um barco que troca alimento por peixe. Essa é a única maneira de os habitantes do *Beiradão* receberem alguma coisa além do que a floresta oferece.

Nessa primeira parte da reportagem, Marcelo presencia e vivencia cada história, isso fica claro quando vemos a matéria. O repórter passa a fazer parte daquela realidade, adotando o mesmo modo de vida e de fala simples. Assim ele atinge suas fontes e tem a oportunidade de escutar cada uma das histórias.

Para revelar os percalços pelos quais o repórter Marcelo Canellas e o repórter cinematográfico Luiz Quilião passaram para fazer esta reportagem, criamos categorias que vão revelar as dificuldades de antes, durante e depois da divulgação. Para facilitar a análise, propomos as seguintes categorias: Estruturais, Comprovação de Denúncias, Dificuldade com as Fontes, Ética e Risco de Morte.

**- Estruturais:** As primeiras dificuldades já ficam aparentes no momento em que os repórteres têm que encontrar o local de difícil acesso. Para chegar à ilha, os profissionais dependiam de um barco, sem estrutura ou qualquer regalia. Desta forma, eles se arriscavam. A preocupação dos jornalistas foi tanta que até as roupas eram simples, evitando qualquer distanciamento entre entrevistador e entrevistado.

Foram dias e dias sob forte calor, em uma área distante, pouco habitada, sem acesso ao conforto de uma casa do meio urbano, assim como a falta de acesso a vários tipos de alimentos e a exposição a insetos e outros tipos de bichos. Portanto, a dificuldade estrutural seria uma importante barreira enfrentada pelo repórter que quer contar uma história de um povo que, como ele mesmo diz, é invisível para a maioria do restante do Brasil.

As dificuldades foram de todo tipo: distâncias amazônicas, estradas péssimas, mau tempo, e uma vez localizadas as fontes, lidar com o medo o terror que elas tinham dos grileiros. Já tínhamos esquadrinhado a Terra do Meio desde Brasília. (CANELLAS, Apêndice I)

**- Relacionamento com as fontes:** Na reportagem, fica evidente que a equipe precisa falar a mesma língua das pessoas que moram ali para que seja compreendida. O linguajar é mais simples. Pessoas que sequer sabem o que é uma reportagem e nunca viram um aparelho de televisão. Essa é a realidade de Chico Feitosa, 75 anos, pescador. Na entrevista, ele conta nunca ter visto uma TV, não conhece nenhum artista, mas já ouviu falar, pelas ondas do rádio, de alguns jogadores famosos, como Ronaldinho Gaúcho. Ele nunca foi à escola, nunca tirou documentação, nunca procurou ou foi procurado pelo Governo brasileiro. Seus filhos e netos tiveram e têm o mesmo destino.

É perceptível o cuidado que Canellas tem ao lidar com os moradores da *Terra do Meio*. Algumas entrevistas foram feitas dentro da casa das fontes, como a de Francisco e Tereza e dos nove filhos. Canellas entra na intimidade do lar e na dos dois entrevistados quando pergunta se eles usavam algum método para prevenir a gravidez. Os moradores não sabem ler nem escrever, e os filhos também não frequentaram a escola.

Os últimos entrevistados são Antônio e Terezinha, que vivem na ilha denominada *Bravo sonho.* Ao ouvir o nome, Canellas se mostra surpreso, o que é revelado pela câmera. Esta imagem evidencia o envolvimento do repórter na matéria, e a cena é reforçada pelo seguinte texto de Canellas, em off, finalizado com uma fala do entrevistado: “Ainda que o Brasil vire as costas para os defensores da floresta, ainda que o Estado os mantenha na ignorância, aqui, no ‘Bravo Sonho’, enche-se o peito para dizer:

- “Nós somos ricos, nós temos que se orgulhar de ser brasileiro”, diz o personagem Antônio.

Em entrevista para esta monografia, Canellas explica um pouco sobre o povo que encontrou na Amazônia:

A história dos beiradeiros que não existem para o Estado brasileiro me marcou muito. São pessoas que passam por toda uma vida sem documentos nem benefícios de nenhuma espécie, ou seja, sem existirem formalmente como cidadãos. O caso de Chico Feitosa é emblemático. Trata-se de um senhor de cerca de 70 anos que nunca estudou, nunca teve acesso ao SUS, INSS, nada. Não tinha sequer certidão de nascimento[...](CANELLAS, Apêndice I)

Entrevistas consideradas polêmicas também são feitas durante a matéria, o repórter consegue uma declaração de dois compradores de terras griladas que sabiam que estavam adquirindo terras ilegais. Canellas precisou convencer grileiros a mostrarem documentos que comprometiam os próprios entrevistados e que teriam suas vidas e suas práticas irregulares reveladas em rede nacional.

Figura 2: Carlos Pinto

Figura 3: Francisco Feitosa

Figura 4: Francisco, Tereza e os 9 filhos

**- Denúncias:** As dificuldades para a realização desta matéria são evidentes até mesmo para quem apenas assiste o resultado. Na segunda reportagem, Marcelo retrata a facilidade com que são feitas grilagens (prática muito antiga de colocar um papel dentro de uma gaveta junto com alguns grilos. Após algumas semanas, passa a ter uma aparência envelhecida em razão dos dejetos daqueles insetos. Com o papel envelhecido pela ação dos grilos, a pessoa visa comprovar, ilegalmente, alguma propriedade) em terrenos ditos públicos. A matéria começa mais uma vez humanizada, com a história de Edmilson, que teve que fugir da própria terra após ter sido ameaçado por grileiros. Apesar de ter conseguido o depoimento do homem, é visível que existia um receio durante a entrevista.

O repórter descobre um parque florestal onde as terras são todas griladas. Para comprovar a denúncia, além de conseguir documentos do Ministério Publico Federal (MPF), ele vai até o local, entra sem pedir permissão e mostra, por meio das lentes da câmera, um lugar completamente devastado pelo desmatamento, com pista de pouso clandestino. Para confirmar a suspeita da ilegalidade da pista, o repórter questiona um trabalhador que é encontrado no território e, após persuadi-lo, o homem finalmente admite que pousos são feitos no local.

O cartório de Altamira, que também é mostrado na matéria, foi fechado pelo MPF sob a acusação de fraude. A situação é comprovada por Canellas por meio de documentação, que é mostrada na matéria. Ele consegue amarrar a série com a versão dos acusados, dos acusadores, sem deixar de lado a sua percepção de toda ilegalidade que acontece no local. Na última reportagem, *Marcados para morrer*, o repórter vai até um cemitério onde existem 30 corpos enterrados como indigentes. Mais uma vez, as fontes são encontradas, de modo que, a covardia dos assassinatos encomendados é contada caso a caso por quem perdeu um ente querido. A história da missionária Dorothy Stang é relembrada na matéria, um caso de repercussão mundial, que ajuda o repórter a dar a dimensão do que é estar marcado para morrer.

A história do personagem “Brasília”, que será contada mais a fundo na reportagem de Eliane Brum, também é relembrada pelo repórter, que consegue a entrevista da irmã dele, que atualmente é jurada de morte por ter conseguido descobrir, sozinha, os assassinos do irmão. Sem mostrar o rosto ou revelar seu nome, a mulher dá um depoimento emocionado ao ver a imagem do irmão. Diferente da entrevista que é feita por Eliane Brum com a mesma personagem, na qual ela quis mostrar o rosto, o nome, se deixou fotografar e falou abertamente sobre sua história. A diferença entre os dois veículos é um fator que gera maior ou menor desconforto ao entrevistado. A TV tem como fator agravante a necessidade do uso das imagens, o que pode assustar a fonte. O mesmo não acontece no impresso, onde uma história pode ser contada sem aparecer em nenhum momento a imagem de quem está sendo entrevistado.

**- Ética:** Uma questão polêmica durante essa reportagem é o momento em que Canellas se passa por um comprador de terras e mostra como é fácil encontrar na internet sites de vendas de terras na Amazônia. As ligações são gravadas, e os áudios divulgados sem identificação do repórter. A nossa avaliação é de que, nesta questão, o jornalista esbarra na barreira ética quando divulga uma informação sem o consentimento dos entrevistados. O repórter embasa suas denúncias indo até as reservas ecológicas onde há galpões improvisados para disfarçar ilegalidades.

Obviamente, no jornalismo, principalmente o de televisão, é necessário que haja imagens, provando tudo aquilo que é falado. Vale lembrar que, quando se fala de patrimônio público que está sendo usado indevidamente, é direito da população ter conhecimento de tudo que o envolve. Mesmo assim percebe-se um cuidado do repórter para não identificar as pessoas e nem os sites. Canellas, porém, garante que fez a reportagem às claras e que isso foi usado como estratégia de proteção à equipe:

Fizemos a reportagem toda com a câmera no ombro, à vista de todos. Não usamos microcâmera por opção deliberada. Acreditávamos que espalhar na região a notícia de que estávamos justamente fazendo uma reportagem sobre grilagem de terras nos protegeria. Ou seja, a polícia, os pistoleiros, os grileiros, todo mundo sabia o que estávamos fazendo lá. Ora, por que faríamos diferente? Como os grileiros poderiam esconder uma área invadida de 30 ou 40 mil hectares? Impossível [...](CANELLAS, Apêndice I)

**- Risco de morte:** O próprio repórter verbaliza, valorizando o seu trabalho, quando afirma que correu riscos porque teve que entrar em terras ditas públicas, mas proibidas a visitantes, tudo porque a reserva era usada como fachada para a extração ilegal de madeira. Canellas entra sem autorização nessas terras para provar as denúncias feitas durante a reportagem. Ele se apóia também em acusações do Ministério Público e, por meio de documentação, atesta tudo que é falado nos *offs* e imagens.

Afinal, apesar de ter um texto romanceado e até poético, o repórter está fazendo jornalismo e precisa comprovar os depoimentos e a história que está sendo narrada.

De fato, registramos e fizemos inúmeros flagrantes de cara limpa, sem que ninguém nos ameaçasse durante a gravação. Houve um único episódio, em que um carro que seria da Polícia Militar do Pará nos interceptou e soldados armados de metralhadoras nos revistaram numa estrada deserta. Eles foram embora depois que eu disse a eles que o nosso equipamento era monitorado por satélite. O anedótico dessa história é que não havia satélite nenhum. (CANELLAS, Apêndice I)

Figura 5: Desmatamento

Figura 6: Marecelo Canellas

Diante do trabalho feito e da realidade revelada, Canellas tem a sensação de ter cumprido seu dever como jornalista.

Talvez minha grande recompensa foi ter recebido um telefonema dele, de um orelhão de Altamira, para me contar que foram procurá-lo para que tirasse documentos. Chico Feitosa me disse, naquele dia, que, finalmente, estava com sua carteira de identidade nas mãos. (CANELLAS, Apêndice I)

Ao saber que o seu personagem agora era uma pessoa que existia para o Governo, por ter um registro, Canellas, com certeza, conseguiu mudar o rumo da história de um povo, mesmo que seja por meio de uma única fonte.

4.2 ANÁLISE 2: “A ESPERA DO ASSASSINO” POR ELIANE BRUM

A jornalista Eliane Brum é natural de Ijuí, Rio Grande do Sul, e formou-se pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), em 1988. Passou a infância no distrito de Barreiro, lendo tudo o que podia. Achava jornal muito chato, pois não tinha gente. Em Porto Alegre (RS), prestou vestibular para biologia e informática e iniciou a faculdade de história, que não concluiu. Não acreditava que tinha talento para o jornalismo e só foi descobrir a paixão pela profissão no último semestre de faculdade, através de um professor que lhe ensinou muito além das técnicas de redação. Ensinou-lhe a contar histórias, sendo que uma delas lhe rendeu o estágio no Jornal *Zero Hora*, onde permaneceu por 11 anos. Foi repórter de *Geral* e *Polícia*. Era o início de uma carreira cheia de conquistas.

Desde o primeiro instante, Eliane desperta para a profissão e para as histórias que ninguém vê, sempre fugindo das pautas óbvias e habituais. Sempre procurou cavar suas próprias histórias. No final dos anos 1990, passou a assinar a coluna *A vida que ninguém vê*, nas edições de sábado do jornal, contando histórias da vida real. Deixou o periódico em janeiro de 2000.

Foi para São Paulo (SP) ser repórter especial da *Época*. Uma das reportagens a marcou: acompanhou uma mulher, Ilse, nos seus últimos 115 dias de vida. Em março de 2010, saiu da redação de *Época*, sem realmente deixá-la. Escreve ainda uma coluna semanal para o site da revista, com direito à escolha do assunto. Em suas matérias, ela se permite ouvir todas as histórias antes de tomar qualquer direcionamento. Para ela, “nenhuma matéria vale uma vida”.

É uma das jornalistas mais premiadas do país, segundo o ranking criado pelo Instituto Corda em parceria com o *Jornalistas&Cia*, que pesquisou quase 70 prêmios de jornalismo, do Brasil e do exterior. Foram dezenas de prêmios conquistados ao longo de uma bem-sucedida carreira. Além disso, venceu outros pelos trabalhos literários – inclusive um *Jabuti* – e cinematográficos.

Em 1994, lançou seu primeiro livro-reportagem *Coluna Prestes: O avesso da lenda*, alguns anos depois, publicou algumas histórias de sua coluna no *Zero Hora*. O livro vem com o mesmo título e sucesso das publicações: *A Vida Que Ninguém Vê e O Olho da Rua* – *Uma repórter em busca da literatura da vida real*. Publicou, ainda, *Gotas da minha infância* – quando tinha 11 anos – e o romance *Uma Duas*, seu primeiro trabalho de ficção. Recentemente a jornalista lançou um livro com alguns artigos da sua coluna de opinião da revista *Época*: *A menina quebrada*.

Dirigiu e roteirizou os documentários, *Uma história Severina*, em 2005, e *Gretchen Filme Estrada*, em 2010.

**4.2.1 “A espera do assassino”**

*A espera do assassino* é uma reportagem especial feita pela jornalista Eliane Brum, publicada na revista *Época*, em 28 de novembro de 2005, um ano depois, a matéria vence o *Prêmio Vladimir Herzog anistia dos direitos humanos*. A jornalista viaja até o Pará para mostrar como vivem os brasileiros ameaçados de morte na fronteira paraense, onde o futuro da Amazônia é decidido à bala. Tivemos acesso na integra a todas as reportagens através do site do *Prêmio Vladimir Herzog anistia dos direitos humanos*, que tem disponível todas as matérias premiadas desde 1979 até 2012, separadas por ano e por tema.

Nossa intenção é a de revelar os bastidores da reportagem, assim como fizemos com Marcelo Canellas e faremos com Daniela Arbex. Para entrevistar Eliane, viajamos até São Paulo, onde a jornalista nos recebeu em sua própria casa. Gravamos mais de duas horas de entrevista, na qual ela relata as principais dificuldades em fazer uma grande matéria e sua paixão pelo jornalismo.

O encantamento da repórter pela Amazônia fez com que ela viajasse diversas vezes para a região na intenção de contar as histórias daquele povo. Foi dessa relação de afinidade que várias pautas surgiram, inclusive a que está sendo analisada.

Essa Amazônia sempre foi um lugar, uma geografia humana, de várias maneiras, muito importante para mim. E essa matéria “A espera do assassino” surgiu a partir de um relatório dos ameaçados de morte, que eram de três organizações, Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra. O relatório ia ser lançado. Então, eu acertei com eles de dar o relatório, mas eu queria escolher um lugar que fosse representativo dessa realidade que nós estamos contando para ir além dessas estatísticas, para ir ao alcance das pessoas, que fosse representativo dessa realidade e acompanhar um pouco alguém que estava ameaçado de morte. Quando a gente fala em ameaçado de morte, as palavras são um pouco assim e o nosso desafio na reportagem é ampliar a largura das palavras. Quando a gente diz ameaçado de morte, a gente não dá a ideia do que é ser ameaçado de morte. Ser ameaçado de morte é uma coisa que nem eu, nem vocês conseguem imaginar, mesmo tendo sofrido uma ameaça ou outra é muito mais complicado viver cotidianamente sabendo que tu podes morrer a qualquer momento. (BRUM Apêndice II)

As matérias, assim como as outras reportagens analisadas, começam humanizadas, com a história de um personagem principal, nesse caso a de Maria de Fátima da Silva Nunes, a Santa, também entrevistada por Marcelo Canellas na matéria mostrada anteriormente.

Santa vive na mira de pistoleiros paraenses depois de ter investigado sozinha e conseguido levar para cadeia os assassinos de seu irmão, Brasília, morto por grileiros. Santa já não mora mais em Castelo de Sonhos, sua moradia atual é desconhecida, até mesmo pela jornalista para a segurança das duas. Ela voltou ao local junto com a repórter para contar tudo sobre os anos em que viveu ali. De acordo com Eliane, ela foi a peça chave para o andamento da matéria. Com este estilo, acredita-se que o leitor aproxima-se da vida de outra pessoa, e o jornalismo propicia a ele um exercício que vai além da visão. Assim, o leitor aprende a olhar uma realidade diferente da sua por meio de uma personagem e não apenas da estatística. Eliane Brum conta como foi o encontro com a fonte central de sua reportagem:

Figura 7: Maria de Fátima da Silva Nunes, a “Santa”.

[...] eu combinei de encontrar com a Santa em Castelo de Sonhos. Foi assim que eu fui. Nessa ideia de que a gente precisa atacar as estatísticas, precisamos alargar o mundo das palavras. E a gente precisa dizer o que é ser ameaçado de morte, e a gente precisa contar toda a complexidade que pertence a esse universo, um universo como o de Castelo de Sonhos, um povoado que pertence ao município de Altamira que ficava com todas essas coisas, às vezes surreais”. (BRUM, Apêndice II)

Apesar de não gostar de rótulos sobre o gênero de jornalismo que faz, Eliane Brum tem sua maneira ímpar de escrever. Expressa em cada linha um estilo próprio, que legitima a coesão entre literatura e jornalismo e comprova que ambos podem formar uma parceria perfeita.

[...] o cemitério resume a geopolítica da região, na divisão desigual entre vítimas e pistoleiros. Não há mandante sepultado. Mortes naturais são uma raridade. Passar dos 50 anos é hora extra. Em Castelo de Sonhos, assiste-se em tempo presente à repetição brutal da colonização do Brasil, retrato de um país que vive vários tempos históricos simultâneos. Os brasileiros que acompanham o faroeste como folclore de um mundo distante equivocam-se. É o destino da Amazônia que se decide do modo mais arcaico no Pará. A tiros. (Trecho retirado da reportagem “A espera do assassino”)

Eliane viveu por um mês no Pará. No local teve suas percepções do conflito que se estabelecia naquela terra, o que intrigava a jornalista e fazia crescer seu interesse pelo desconhecido. Em seu texto, deixa claro suas conclusões ao criar os títulos para cada tema abordado. A “lista macabra” é um exemplo, e foi cedida à repórter pelas *ONGs Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra*, que lutam pela punição dos mandantes de crimes e assassinos do Pará, as mesmas que fizeram a jornalista ter interesse pela pauta. O relatório *Violação dos Diretos Humanos na Amazônia* revela 51 nomes de pessoas de uma mesma região ameaçados de morte, normalmente ativistas como a freira Dorothy Stang.

As dificuldades no trabalho de apuração da repórter ficam evidentes no início da matéria. Encontrar os personagens, que na sua maioria estão fugindo de matadores, e conseguir com que eles falassem abertamente sobre suas histórias, medos e angústias pode ser classificado aqui como o obstáculo principal durante a checagem.

Alguns dos nomeados da lista deram entrevista mostrando o rosto e falando abertamente sobre a situação vivida na região, muitos deles se lembram dos ativistas assassinados e, assim como Santa, aguardam seu fim trágico no cemitério de Castelo.

Figura 8: Jurados de morte

Para falar mais sobre esses desafios, usaremos as mesmas categorias já analisadas na reportagem anterior. São elas: na Redação, Estruturais, Relacionamento com as Fontes, Risco de morte e Ética.

- **Na redação:** Diferente dos outros dois repórteres aqui analisados, apesar de divulgar suas matérias especiais na *Época*, Eliane Brum trabalha de forma independente, mesmo tendo um compromisso com a revista de publicar semanalmente uma coluna de opinião - a mais acessada e lida na revista. Desta maneira, a jornalista não enfrenta a necessidade de lidar com prazos, o que facilita a apuração da jornalista que pode ser mais aprofundada e in loco. Dessa forma, ela não passa pelos desafios do jornalismo diário enfrentados dentro das grandes e pequenas redações: o *dead line* e a guerra pelo factual. Como já foi falado anteriormente nesta monografia, o depoimento de Eliane só confirma o que é citado por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari sobre a luta contra o tempo, que acaba por diferenciar a notícia cotidiana da reportagem.

Segundo a própria repórter afirmou, suas ideias de pautas normalmente são aceitas pela revista, que avalia como serão as condições de trabalho no local e recursos financeiros. Eliane participa de reuniões que envolvem essas discussões. Sua equipe é composta por um fotógrafo, editor geral e um diagramador. Todo trabalho é fiscalizado de perto por Eliane, que reforça que o resultado final não depende apenas do texto, mas das fotografias que acompanham a reportagem e também da maneira como a matéria é diagramada na página. A própria Eliane afirma, em entrevista para esta monografia, que é a última a sair da redação em dia de fechamento e ressalta que lê “no mínimo umas dez vezes” a matéria depois de escrevê-la.

**- Recursos Estruturais:** “Viajar na Amazônia é muito caro. Reportagem na Amazônia é sempre muito caro. Então, para encurtar o custo e fazer essa viagem, a gente fez uma parte muito grande de carro”. Antes de colocar em prática a pauta, são feitos orçamentos de gastos e, consequentemente, o corte dos mesmos. Não foi diferente com Eliane, como ela mesma ressalta. A cada ideia proposta, a repórter tinha que sentar com seu editor e pensar uma forma de não gastar mais do que o previsto. A própria jornalista nos relatou as dificuldades estruturais de locomoção dentro de território amazônico. Foram usados dois aviões, sendo um deles próprio para decolagem naquele tipo de local. Depois os repórteres se aventuraram por estradas de chão em um carro alugado. Não tinha conforto e nem era a intenção de Eliane. O que ela precisava era se aproximar de quem morava ali, se aproximar de uma forma mais pessoal, com o máximo de simplicidade e verdade ao tratar suas fontes.

A falta de recursos ou a escassez deles é dificuldade recorrente dos jornalistas em geral, isso se aplica também em grandes redações. Apesar de não ter o tempo como fator determinante, a jornalista teve que se programar e estipular um tempo a si mesma porque o financiamento da empresa tem limite.

As noites eram mais escuras em Castelo de Sonhos. Como no lugar não havia luz elétrica, a apuração das entrevistas era mais difícil e lenta. As casas simples eram o abrigo da repórter, que escolheu viver ali durante o mês de apuração. Os dias quentes e chuvosos também foram obstáculos enfrentados.

Nós íamos passar um período muito grande, praticamente o dia inteiro andando numa estrada muito difícil, com muitos buracos, difícil de caminhar, de andar e por isso, tinha que ir muito devagar. E era uma estrada que só tinha mato dos dois lados, então, se a gente corresse algum risco ao longo dessa matéria, essa volta em que passaríamos um dia na estrada praticamente sozinhos ela seria um risco. Mas a gente aceitou esse risco, a gente topou isso para fazer a matéria, e aí não teve problema nenhum. (BRUM, Apêndice II)

Passar por esses desafios atrás da grande reportagem só engrandece o trabalho da repórter que optou por viver a história antes de contá-la.

**- Risco de morte:** As denúncias feitas por Eliane não tinham sido feitas por nenhum outro repórter. A equipe reduzida no local, composta por ela e um fotógrafo, ficava à mercê de ameaças. Acusações graves foram feitas pela repórter. Divulgações de nomes fazem parte da matéria, assim como acusações direcionadas ao próprio Estado.

Foram semanas se adaptando e entrando no terreno desconhecido dos habitantes de Castelo. Os riscos corridos no local também são evidentes e mostrados pela jornalista, quando ela entrevista outro personagem chave da matéria e coloca no texto uma fala que demonstra o perigo que corria ali. Leo Reck, o fundador de Castelo de Sonhos que vive no local desde a época do garimpo, deu o nome a Castelo por ouvir muito uma música em que a letra citava o nome que hoje leva a cidade. Na era do ouro, o lugar foi cenário de uma guerra entre Léo e Márcio, mais conhecido como Rambo do Pará, que dominou a região à bala no final dos anos 1980, morto a tiros alguns anos depois pela Polícia Militar. Foi então que cerca de 30 milhões de hectares de uma terra pública começavam a ser griladas por uma máfia de garimpeiros, deixando para trás mais de 300 cadáveres. Quando é entrevistado por Eliane, Leo Reck faz questão de deixar claro sua aversão a jornalistas.

“Depois de explicar que, nos velhos tempos, jornalistas viravam comida de urubu ou eram atirados de aviões com as mãos amarradas, Leo Reck irrita-se com o gravador. “Desliga essa porra!” (Trecho retirado da matéria “A espera do assassino”)

Figura 9: Leo Reck

Castelo de Sonhos foi o lugar mais tenso que eu já fui. Era um lugar em que a tensão era muito palpável. Era um lugar que, por exemplo, à noite, depois que tudo acaba, em geral, a gente gosta de tomar uma, ir para o boteco, armazém e tomar uma cerveja e relaxar. E lá, a gente não saía de noite, para se proteger de um eventual risco. Quando eu entrevistei o Leo Reck, que era um dos fundadores de Castelo de Sonhos, que foi um dos protagonistas de uma briga com o “Rambo”, ele falou “antigamente jornalistas viravam comida de urubu ou eram atirados de aviões com as mãos amarradas...”, então era um lugar tenso, quando o sol baixava, a gente ia para o hotel. (BRUM, Apêndice II)

Os ricos que os jornalistas correm em matérias desse nível são indiscutíveis. O cuidado com a maneira de abordar essas pessoas que podem causar dano à integridade física do profissional é imprescindível. “Eu tenho muito cuidado, e essa é uma parte importante para mim. Eu tenho muito cuidado com essa questão do jornalista correndo risco. A nossa profissão é de risco, mas eu não gosto de valorizar isso.” (BRUM, Apêndice II)

**-Relacionamento com as Fontes:** As fontes, como já citado nesta monografia, são fundamentais para embasar a matéria de qualquer repórter. O jornalista Percival de Souza apud Sequeira acredita que há uma forma equivocada de alguns autores tratarem o relacionamento repórter versus fonte. Para ele, não existe esse distanciamento. O jornalista nunca pode se colocar num lugar acima da sua fonte.

Para Eliane Brum, esta é a maior preciosidade na apuração de uma grande reportagem. Foi uma fonte, a principal desta matéria, que fez a jornalista descobrir o universo que existia em Castelo de Sonhos. Santa permaneceu ao lado de Eliane durante os 30 dias de apuração, mesmo correndo riscos. Foi uma opção da personagem apresentar as pessoas do local e relembrar sua própria história. Quando questionamos a repórter sobre sua apuração, ela afirmou que foi descobrindo as pessoas e fazendo contato com elas, batendo na porta de cada uma, se apresentando e mostrando a que veio. Como foi o caso da família Branger. Dentro da casa deles, Eliane conseguiu que os pais do jovem Emerson Branger, assassinado aos 24 anos, torturado até a morte, contassem a história em detalhes, com nomes de suspeitos e acusações à Polícia. Nesse caso, eles também tinham a opção de esconder o rosto e não terem os nomes divulgados, mas, assim como Santa, eles acharam que ficariam mais seguros mostrando quem eles eram.

O respeito pela fonte também é uma característica abrangente de Eliane Brum. Em entrevista, a repórter relatou sua preocupação com tudo que é dito nos encontros com as fontes. “Tenho muito cuidado ao decupar as falas dos meus entrevistados, sou fiel ao que eles dizem, não altero nem uma vírgula”. (BRUM, Apêndice II).

Os riscos corridos pelas fontes também preocupam a repórter. As fontes têm que ser tratadas pelos jornalistas como pessoas que não têm a opção de correr riscos ou não, elas correm involuntariamente.

Os riscos que a gente corria, apesar de serem reais, concretos, eram mínimos diante do risco que todas aquelas pessoas estavam correndo ao nos dar entrevista [...] Esse era um risco muito maior, e elas continuariam ali, a gente não, a gente vai embora então isso nunca pode ser esquecido. (BRUM, em entrevista a esta monografia)



Figura 10: Família Branger

**- Ética:** A questão ética sempre deve ser levada em conta em matérias de cunho investigativo de grande aprofundamento. No momento da divulgação de conteúdos obtidos através das fontes, surge um embate do jornalista com ele mesmo sobre divulgar ou não uma informação. Para Lage (2002), a ética não pode ser generalizada em seus preceitos e nem ser seguida como um mandamento já que, o jornalista tem direitos de escolha, como por exemplo, o de ocultar a sua fonte.

Para Eliane Brum, o jornalista não tem direito de desrespeitar a sua fonte, principalmente se ela não tiver conhecimento do que uma reportagem divulgada com o seu nome pode ser capaz de causar. Segundo a jornalista, são as próprias pessoas que têm seus nomes divulgados que têm que decidir se o que foi falado pode ser divulgado ou não, mas ela abre um parêntese e ressalta que pessoas públicas têm o conhecimento do que é a imprensa, porque estão acostumadas a lidar com os profissionais no dia a dia e, esses sim, sabem o risco que estão correndo quando fazem alguma coisa. “A minha obrigação é antes de qualquer coisa explicar para elas como funciona e o que pode acontecer a elas e então elas decidem.” (BRUM, Apêndice II)

Em algumas matérias, como exemplifica a repórter, a fonte autorizou a divulgação do nome, mas ela decidiu e desrespeitou a vontade da fonte, como ela mesma coloca, e não divulgou nome da personagem, por entender que aquela matéria traria à pessoa entrevistada consequências negativas que não tinham sido percebidas pela própria fonte.

Foi o que aconteceu com uma matéria sobre as mães dos meninos do tráfico, uma delas disse “pode colocar”, e eu sabia que ela corria riscos porque ela não sabia avaliar, achava que o marido dela não ia ler a matéria, que as pessoas ao redor não liam a revista, mas eu sabia que essas coisas acabavam chegando. Então, eu tomei a decisão de não colocar o nome dela. (BRUM, Apêndice II)

Eliane Brum tem um jeito peculiar de escrever, e esse jeito transcende as laudas dos jornais e revistas; é uma maneira de olhar, de se relacionar e de perceber o mundo e principalmente o outro. Para a jornalista, não há rótulos para sua reportagem. No entanto, o seu objetivo é que a matéria seja “a palavra que age. Eu escolhi contar a história dos anônimos”, finaliza Eliane Brum.

4.3 ANÁLISE 3: “HOLOCAUSTO BRASILEIRO: 50 ANOS SEM PUNIÇÃO” POR DANIELA ARBEX

A jornalista Daniela Arbex, natural de Juiz de Fora, formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1995. Iniciou sua carreia como repórter no jornal *Tribuna de Minas*. Em entrevista para esta monografia, a jornalista revela que, quando se formou, não conseguiu emprego e seu pai disse para não fazer jornalismo. No entanto, ela pediu a ele que lhe desse uma chance. Daniela, que já tinha mandado seu currículo para a *Tribuna*, resolveu bater na porta do jornal para tentar a tão sonhada oportunidade. Passados alguns dias, a jornalista foi chamada e hoje já são 18 anos integrando a equipe do periódico no qual é atualmente repórter especial.

Com um olhar diferenciado, Daniela sempre se interessou pelas pautas envolvendo os direitos humanos. Após 18 anos de profissão, ela segue firme na luta pelas questões sociais em defesa dos direitos humanos. Narrativas estas que marcaram sua carreira, que já acumula mais de 20 prêmios nacionais e internacionais. Entre eles, três prêmios Esso de Jornalismo.

Ainda no início da vida profissional, Daniela ganhou por cinco vezes seguidas, de 1996 a 2000, o *Prêmio Eloísio Furtado*, concedido pela *Tribuna de Minas* à melhor reportagem do ano. Seu primeiro prêmio Esso de Jornalismo foi conquistado em 2000, com a reportagem especial *Dossiê Santa Casa*, na categoria especial do interior. As matérias, em total de 50, trazem à tona a crise financeira da maior instituição hospitalar da região, a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. A dívida da unidade que, na época, ultrapassava R$ 18 milhões, resultou na queda de toda a diretoria do hospital, renúncia do provedor e renegociação da dívida junto a instituições financeiras públicas e particulares.

Em 2002, Daniela conquista seu segundo Prêmio Esso, também na categoria especial interior com a matéria *Cova 312*. Trata-se de uma reportagem investigativa sobre a sepultura do guerrilheiro Milton Soares de Castro, dado como desaparecido durante a ditadura militar brasileira e cujo corpo, até então, não havia sido encontrado. A matéria recebeu ainda menção honrosa no *Prêmio Vladimir Herzog* de Anistia e Direitos Humanos e no *Prêmio Lorenzo Natali* (Bélgica).

Em 2010, mais uma série de reportagens publicadas nos jornais que revelava os problemas brasileiros na área de saúde pública, deu a Daniela o *Knight International Journalism Award*. Um ano antes, havia vencido o *Prêmio Ipys* de melhor investigação jornalística da América Latina.

Seu terceiro *Prêmio Esso de Jornalismo* veio em 2012, com a matéria *Holocausto Brasileiro*, na categoria Regional Centro-Oeste. Em um total de sete matérias, a reportagem revelou a rotina dos pacientes do Hospital Colônia, em Barbacena, onde mais de 60 mil pessoas perderam a vida, vítimas de fome, frio, diarreia, pneumonia, maus-tratos, abandono e tortura. Durante 30 dias de investigação, a jornalista refez os passos de uma história de extermínio, tendo como ponto de partida as imagens do fotógrafo Luiz Alfredo, publicadas na revista *O Cruzeiro* em 1961. Em outubro, em Bogotá (Colômbia), a mesma reportagem recebeu menção honrosa do júri oficial do Instituto Prensa y Sociedad (Ipys) e pela Transparência Internacional (TI). Daniela é membro da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) no Brasil e na América Latina.

Mais tarde, em julho de 2013, a série de matérias deu origem ao livro *Holocausto Brasileiro*, lançado em junho deste ano. Quinze dias após o lançamento a obra já estava entre as mais vendidas nas listas da revista Veja e o jornal O Globo.[[6]](#footnote-6)

**4.3.1 “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”**

*Holocausto Brasileiro* é uma reportagem especial produzida pela jornalista Daniela Arbex, publicada de 20 a 27 de novembro de 2011, no jornal Tribuna de Minas, na cidade de Juiz de Fora. O conjunto de matérias, em um total de sete, foi intitulado de *Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição*, *Comércio da morte só parou na década de 80*, *33 crianças viveram horrores na Colônia, Tratamento desumano inicia reforma psiquiátrica no país, Entrevista/Helvécio Ratton, cineasta: Ali tinha crime de lesa humanidade, Lei sobre saúde mental ainda divide opiniões e A história por trás da história.*

Para descortinar esse período e tornar pública essa realidade de extermínio, iremos analisar a série publicada pela jornalista no jornal. Daniela viajou até Barbacena para descobrir e revelar o que se passou dentro dos muros do Hospital Colônia, que vitimou mais de 60 mil pessoas. Tivemos acesso, na íntegra, a todas as reportagens publicadas por meio do site do jornal *Tribuna de Minas*. E, para saber mais sobre essas histórias, fomos até a casa da jornalista Daniela Arbex, que nos revelou, em pouco mais de duas horas de entrevista, como se deu todo o processo de construção e repercussão da matéria.

Daniela nos conta que não tinha conhecimento sobre o Hospital Colônia em Barbacena e por isso desconhecia sua história. Mas, foi durante uma entrevista que casualmente passou a ter conhecimento sobre o fato.

Em 2009, fui fazer uma entrevista com um vereador de Juiz de Fora, que era o psiquiatra José Laerte, hoje secretário de Saúde. E, no meio da conversa, ele me disse: ‘Dani, antes que eu me esqueça, você precisa ver isso.’ Ele tirou da gaveta um livro com imagens feitas no Hospital Colônia, em 1961, pelo fotógrafo da revista “O Cruzeiro”, Luiz Alfredo. Fiquei tão impactada quando vi aquelas imagens que, lógico, a entrevista acabou ali, naquele momento. E eu fiquei me perguntando, folheando o livro, eu não acreditava naquilo que eu estava vendo. Aquelas imagens remetiam a um campo de concentração, e eu fiquei me perguntando como minha geração não sabia nada sobre aquela história. Mais tarde, eu vim a descobrir que o Brasil desconhece essa história. (ARBEX, Apêndice III)

Diante das imagens, Daniela decidiu que essa história deveria se tornar pública. Então, propôs ao jornal a pauta, que, no primeiro momento, foi vetada, já que o veículo precisava da repórter em outras matérias. Daniela levou dois anos para convencer seus editores de que aquela era um grande história. Então, quando completava 50 anos das fotos feitas pelo fotógrafo Luiz Alfredo, em 2011, a jornalista pode finalmente contar como tudo se deu.

Ao lado do fotógrafo e editor de Fotografia da Tribuna, Roberto Fulgêncio, a repórter passou 30 dias realizando a apuração. Ela ouviu pouco mais de 20 entrevistados, que narraram o que viveram durante esse meio século de internação. Na primeira matéria, intitulada *Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição*, Daniela constatou que, no Hospital Colônia de Barbacena, ninguém morreria de loucura. Mas de maus-tratos, frio, fome, tortura e abandono. Mais de 60 mil pessoas perderam suas vidas confinadas em um ambiente de terror, um verdadeiro campo de concentração, em que o significado da palavra dignidade nunca foi conhecido. Para revelar essa história de extermínio, Daniela foi em busca da localização de testemunhas e sobreviventes dos porões da loucura, 50 anos depois.

Criado em 1903, a fim de oferecer uma ajuda aos “*Alienados de Minas”*, o Hospital Colônia de Barbacena foi construído para abrigar 200 pacientes inicialmente. Mas, em 1961, já possuía pouco mais de mil. A instituição se tornou um dos maiores hospícios do país e, durante a década de 1930, passou a “inchar” ainda mais. Mas, foi durante a ditadura militar que os conceitos médicos desapareceram e passaram a ser mandados para lá desafetos, pessoas tímidas, homossexuais, negros, mulheres solteiras, entre outros. Mais de 70% dos pacientes nada tinham a ver com problemas psiquiátricos. Eles eram levados de trem, vagões de cargas abarrotados de pessoas que eram desembarcados no fundo do hospital. Realidade esta vivida pelos judeus durante a 2ª Guerra Mundial.

[...] No arquivo público, a gente conseguiu documentos muito antigos de 1911, 1914, que mostravam que essas pessoas eram internadas não por loucura, mas eram internadas pela vontade de um delegado, internadas porque eram tímidas, porque a menina brincava na rua com o menino e não tinha um comportamento adequado para a época. (ARBEX, Apêndice III)

Ainda nesta primeira matéria, a jornalista faz um panorama sobre o hospital, sobre como as pessoas chegavam até lá e como eram tratadas. E, para confirmar a que tipo de tratamento os pacientes eram submetidos, Daniela foi atrás de médicos que trabalhavam na época na instituição hospitalar. Um dos depoimentos é o do psiquiatra Ronaldo Simões Coelho, que revelou que muitos recebiam choques elétricos dados indiscriminadamente. Assim, pouco a pouco, a jornalista foi descobrindo como se dava essa dura realidade. De posse de documentos, Daniela conseguiu comprovar um comércio dos corpos dos pacientes mortos no hospital. Os cadáveres eram vendidos para várias faculdades de medicina do país. Cerca de 1.853 corpos foram vendidos para 17 faculdades de medicina até o início dos anos 1980, um comércio que ainda incluía a negociação de peças anatômicas, como fígado, coração, além de esqueletos.

A reportagem descortinou, ainda, os bastidores da reforma psiquiátrica brasileira, cuja lei sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, editada em 2001, completa dez anos. As mudanças iniciadas em Minas alcançaram, mais tarde, outros estados, embora muitas transformações ainda estejam por fazer, conforme já apontava inspeção nacional realizada, em 2004, nos hospitais psiquiátricos do país. A série de matérias pretende mostrar a dívida histórica que a sociedade tem com os "loucos" de Barbacena, cujas ossadas encontram-se expostas em cemitério desativado da cidade. (Trecho extraído da primeira reportagem da série “Holocausto Brasileiro”)

Pessoas travestidas de pacientes psiquiátricos eram submetidas a questões de desumanidade. Não havia comida e nem remédios, muitos se alimentavam das próprias fezes. Muitos morreram de frio, já que não possuíam roupas e tinham a pele cortada pelas baixas temperaturas. No lugar reservado para os leitos, não havia camas para todos, pacientes eram obrigados a deitar no chão de cimento coberto por capim. Como não havia espaço, deitavam uns sobre os outros, e muitos acabavam morrendo. A situação foi confirmada, em entrevista a Daniela, pela funcionária do Hospital Colônia, hoje Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), Marlene Laureano, 56 anos, que trabalha desde os 20 anos no hospital.

Todas as manhãs, eu tirava o capim e colocava para secar. Também dava banho nos pacientes, mas não havia roupas para vestirem. Tinha um pavilhão com 300 pessoas para alimentar, mas só tinha o suficiente para 30. Imagine! Só permaneci aqui, porque tinha a certeza de que um dia tudo isso ia melhorar, sei que Deus existe. (Trecho extraído da primeira reportagem da série “Holocausto Brasileiro”)

Figura 11: Pavilhão onde internos dormiam no "leito único", nome oficial para substituição de camas por capim

Figura 12: Marlene Laureano

No lugar de enfermeiros, existiam guardas, e os pacientes eram submetidos a tratamentos de horror com direito ao uso de eletrochoques. A revelação foi feita à jornalista pelo psiquiatra e escritor Ronaldo Simões Coelho, 80 anos, que trabalhou no Colônia no início da década de 1960 como secretário geral da recém-criada Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica, substituída, em 77, pela Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig).

Muitas das doenças eram causadas por vermes das fezes que eles comiam. A coisa era muito pior do que parece. Cheguei a ver alimentos sendo jogados em cochos, e os doidos avançando para comer, como animais. Visitei o campo de Auschwitz e não vi diferença. O que acontece lá é a desumanidade, a crueldade planejada. No hospício, tira-se o caráter humano de uma pessoa, e ela deixa de ser gente. Havia um total desinteresse pela sorte. Basta dizer que os eletrochoques eram dados indiscriminadamente. Às vezes, a energia elétrica da cidade não era suficiente para aguentar a carga. Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves. (Trecho extraído da primeira reportagem da série “Holocausto Brasileiro”)

Passado meio século de descaso e omissão, o Governo de Minas reconheceu oficialmente a culpa pelas mortes em massa dentro do hospital. A divulgação das matérias abriu caminho para que famílias pudessem entrar na Justiça em busca de reparação judicial. Atualmente 190 pacientes recebem o cuidado do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), é estimado que, em no máximo uma década, os porões da loucura sejam fechados, como afirmou, em entrevista à jornalista, o diretor Jairo Toledo, ao se referir às últimas testemunhas do holocausto.

Para que este descaso não seja esquecido e a fim de preservar a memória daqueles que viveram dias de horror, foi criado, em 1996, no torreão do antigo Hospital Colônia, o Museu do Holocausto, idealizado pelo diretor da instituição atualmente. “Em 2008, a publicação do livro "Colônia", também organizado por Jairo, expôs as feridas de uma tragédia silenciosa abafada pelos muros do hospital”, trecho escrito por Daniela na primeira matéria sobre o holocausto. Em depoimento conferido à jornalista na matéria, o deputado federal Marcus Pestana. (PSDB/MG) que viabilizou a tiragem de mil exemplares do livro disse:

Por mais duro que seja, há que se lembrar sempre, para nunca se esquecer - como se faz com o holocausto - as condições subumanas vividas naquele campo de concentração travestido de hospital. Trazer à tona a triste memória dessa travessia marcada pela iniquidade e pelo desrespeito aos direitos humanos é uma forma de consolidar a consciência social em torno de uma nova postura de atendimento, gerando uma nova página na história da saúde pública. (Trecho extraído da primeira reportagem da série “Holocausto Brasileiro”)

Para falar mais sobre os desafios encontrados pela jornalista durante a produção e divulgação da reportagem, usaremos as mesmas categorias já analisadas na reportagem anterior de Marcelo Canellas e Eliane Brum. São elas: na Redação, Estruturais, Relacionamento com as Fontes e Ética e iremos acrescentar ainda a categoria Memória, por se tratar de uma reportagem que retrata uma realidade iniciada em décadas anteriores e que busca apoio em documentação que comprove as informações.

- **Na Redação:** Como repórter especial da *Tribuna de Minas*, Daniela procura sempre sugerir suas pautas. Ainda que seja uma repórter especial, ela também afirma, que cobre alguns assuntos diários. E, às vezes, quando sugere uma pauta especial, depende do jornal poder liberá-la ou não. Assim, sofre com a pressão dos editores e das pautas, que precisam seguir um *dead line*. Mas, mesmo assim, consegue emplacar as matérias sugeridas, ainda que isso leve um tempo.

Tudo passa a ser discutido entre a repórter e suas editoras, que avaliam as condições de viabilização da matéria, assim como de seus recursos. Em dupla com o fotógrafo Roberto Fulgêncio ou ainda com o fotógrafo Fernando Priamo, Daniela participa de todos os processos, desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria. Tudo passa a ser fiscalizado por ela, que, mesmo precisando fazer alterações no texto no que se refere à falta de espaço, ela senta junto com as editoras, que só mexem no texto em sua presença. A jornalista ainda destaca o papel do repórter que precisa estar presente em todos os processos.

A minha matéria (série “Holocausto) não foi mexida em nada. Graças a Deus, eu não tenho esse problema. Esse respeito com o repórter é uma coisa muito legal que eu desenvolvi com as minhas chefes. Mesmo que elas não concordem e mesmo que a gente precise diminuir, elas nunca mexem na minha matéria sem eu estar perto, sem ser uma coisa de consenso. Essa matéria minha não foi mexida. Praticamente toda a matéria foi publicada, se mexeu em alguma coisa foi por falta de espaço, mais eu estava junto, participei e aprovei até o final. Porque isso também é trabalho do repórter. É engraçado que o repórter acha que terminou, escreveu, pronto ele vai embora. Não, terminou, escreveu, agora vai sentar para editar junto com seu editor e vai ajudar a pensar como aquela página vai ser, onde as imagens vão entrar. É um trabalho completo, não é só escrever, virar e ir embora e amanhã ver o que saiu no jornal. Isso a gente tem que fazer até o fim. E isso eu sempre fiz desde o início, eu sempre fui muito ciumenta com as minhas matérias. Então, eu não saía do jornal enquanto a minha matéria não fechava, sempre foi assim. Às vezes, a matéria fechava meia noite, e eu estava lá com meus editores, porque eu não deixava minha matéria assim a Deus dará. (ARBEX, Apêndice III)

Em 30 dias de apuração, em virtude de um grande processo de investigação, Daniela conseguiu reunir um vasto material entre depoimentos, documentos e fotos da época. Só imagens recolhidas totalizam 300 fotografias. O grande desafio diante desse vasto material era saber o que e como colocar. Para Daniela, a hora de escrever é o momento de maior sofrimento. O material divulgado no jornal foi apenas um resumo da história, visto que o veiculo trabalha com a limitação do espaço. A alternativa criada pela jornalista foi criar o livro, visto que as pessoas tinham interesse em saber mais sobre as histórias reveladas na Colônia.

Eu fiquei com aquela sensação de que eu podia ter contado muito mais. Por isso, o livro surgiu. No livro, eu tinha o espaço que eu queria, eu escrevi quantas páginas eu queria escrever. Publiquei o número de fotos que eu queria publicar e quantos documentos eu queria divulgar. Tinha a paginação que eu queria. Porque todas as pessoas que eu entrevistei, a maioria cerca de 90%, eu consegui as fotos delas da época e de hoje. Eu queria ter trabalhado o tempo todo no jornal com isso, e a gente fez isso, de uma certa forma, trabalhando com o ontem e o hoje, mas de uma forma tímida, por uma questão de espaço. E no livro a gente conseguiu fazer isso. Mas, essa hora de sentar para escrever é uma hora de desespero, porque é a hora que a gente sofre mais, porque tem tanta coisa rica, e a gente se sente incapaz de passar tudo para o papel, o que é muito frustrante. Então, é uma hora dura, de sofrimento, é uma hora dolorosa o momento de sentar para escrever. (ARBEX, Apêndice III)

Portanto, nesta categoria Redação entendemos que Daniela enfrentou dificuldades para emplacar a pauta, para encontrar suas fontes, para documentar e também a barreira da falta de espaço para publicar toda a história.

- **Recursos Estruturais:** Uma barreira muito enfrentada pela jornalista foi a financeira e a do tempo, já que o jornal não podia custear muitas viagens a Barbacena e precisava que a reportagem fosse logo uma coisa palpável, já que ela tinha outras matérias que precisava fazer. Então, muitas entrevistas, foram feitas por telefone. Era inviável para o veículo disponibilizar um carro só para que Daniela fosse a Barbacena diariamente checar as informações, já que o jornal não podia arcar com grandes investimentos.

Eu levei 30 dias para fazer essa apuração, o que é um período muito rápido. Quando fui fazer essa reportagem, fui a Barbacena uma única vez. O que é nada. Eu fiquei lá o dia inteiro, cheguei lá de madrugada e só saí de lá de noite, fiquei lá praticamente 24 horas. Mas, não é nada para você apurar e conseguir mais informações. Só que nesses 30 dias eu fiz muitas entrevistas pelo telefone, que não é o ideal, mas a gente não tinha como disponibilizar um carro para fazer todas as viagens necessárias. Às vezes, chegamos a dormir no carro do jornal para não ter que gastar diária. (ARBEX, Apêndice III)

O que menos importava para Daniela era seu conforto. O que ela precisava era ir até Barbacena conversar com as pessoas e, com o tempo, ganhar sua confiança para que as histórias pudessem ser reveladas. Para o livro, a jornalista conta que foi a Barbacena para refazer todas as entrevistas pessoalmente mais de 50 vezes. Além disso, foi a três estados brasileiros a fim de ouvir das autoridades uma resposta sobre o genocídio.

A falta de recursos ou a escassez deles são dificuldades recorrentes dos meios de comunicação na produção de grandes reportagens. Porém, estas barreiras não impediram que Daniela deixasse de ir atrás dessas histórias. Em palestras que costuma ministrar, ela revela que jornalista não pode ter medo de gastar sola de sapato, pelo contrário, ele devem estar preparados para isso.

- **Memória**: Durante todo o processo de apuração das matérias, para comprovar o holocausto em Barbacena, Daniela reuniu todos os documentos necessários para comprovar cada fato. Por isso, precisou ir a três estados brasileiros, a fim de movimentar esses documentos e ouvir das autoridades sobre o fato. A jornalista revela que, após conversar com o diretor do hospital, hoje denominado de Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), Jairo Toledo, teve acesso aos documentos da unidade, como, por exemplo, o que comprovava a venda de corpos para as faculdades de medicina.

À medida que realiza as entrevistas, Daniela se preocupava em comprovar as histórias reveladas por meio de provas. Além disso, destaca a importância do jornalista em saber onde procurar esses tipos de documentos.

[...] Fui também no arquivo público mineiro, em Belo Horizonte, para tentar resgatar os documentos oficiais, para entender um pouco como funcionava essas internações. Com o tempo e com a realização dessas matérias investigativas, eu já tenho por hábito sempre fazer, percorrer todo esse caminho, de ir a esses lugares, de checar documentação. Então, hoje para mim é mais fácil, não que seja simples, mas eu sei onde buscar. O jornalista que quer fazer uma matéria de qualidade precisa percorrer esses caminhos, e ele não pode ter preguiça de checar documentos, arquivos, processos, isso é fundamental em qualquer matéria que a gente venha a fazer. (ARBEX, Apêndice III)

- **Relacionamento com as fontes**: Em relato a essa monografia, Daniela revela que sua dificuldade maior não foi em encontrar as fontes oficiais ou os sobreviventes do holocausto, já que muitos ainda residem no hospital e em comunidades terapêuticas. Mas, sim a dificuldade em recuperar essas histórias principalmente em relação aos sobreviventes, já que muitos estão sequelados devido ao meio século de internação. Uma fonte de consulta que ajudou a jornalista ainda no início da apuração foi o livro *Colônia*, publicado em 2008 pelo Governo do Estado de Minas Gerais, que continha as imagens do fotógrafo Luiz Alfredo feitas dentro do hospital. O livro trazia ainda comentários sobre o que foi a Colônia.

Outra fonte oficial que a ajudou muito foi o cineasta Helvécio Ratton, responsável pelo documentário *Em nome da razão*, de 1979. A ideia de fazer o vídeo veio quando, na época, ele era estudante de psicologia e teve acesso a fotos clandestinas do hospital por meio do irmão de um professor. Diante de tais circunstâncias, resolveu conferir de perto essa realidade. Em entrevista a Daniela, o cineasta revela que aquelas imagens foram decisivas para que ele optasse pelo cinema.

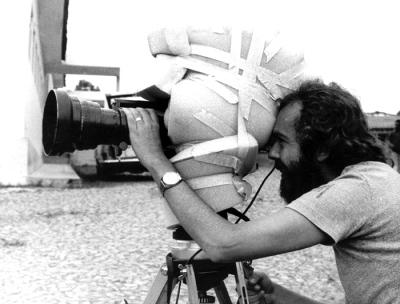
As imagens me impactaram muito. Eu já tinha feito cinema, tinha voltado do Chile, onde morei, para o Brasil. Estava fazendo psicologia, mas também com um pé no cinema. Então, quando eu vi aquelas fotos, fiquei escandalizado e me deu muita vontade de fazer um documentário. Já conhecia o que era instituição psiquiátrica, conhecia o Raul Soares, mas nunca tinha visto uma coisa na escala do hospício de Barbacena. A primeira imagem que vem em sua cabeça é de um campo de concentração. Quando vi aquilo, eu quis fazer um filme sobre aquele hospício, impossível naquela época. (Trecho extraído da matéria “Entrevista/Helvécio Ratton, cineasta: ‘Ali tinha crime de lesa humanidade”)

O documentário gravado durante uma semana recebeu vários prêmios no exterior. Além disso, conseguiu o mais importante: revelar a milhares de pessoas o que se passava dentro dos muros do hospital.

Eu tinha adotado uma estética muito crua, porque achava que não tinha nada para enfeitar. Esse filme até hoje passa muito. A trajetória dele é impressionante. Às vezes, vejo o filme de novo e, até para mim, ele é uma pancada, porque me faz lembrar inclusive dos cheiros de lá. (Trecho extraído da matéria “Entrevista/Helvécio Ratton, cineasta: ‘Ali tinha crime de lesa humanidade”)

O cineasta ainda completa e comemora por ter seu objetivo alcançado.

Eu tenho um enorme prazer de o filme ter sido instrumento de um movimento social, de caráter extremamente positivo e transformador. Sempre achei que não é o cinema, não são os filmes que mudam o mundo, mas as pessoas. No entanto, os filmes fazem cabeças, provocam reflexão, emoção. "Em nome da razão" produzia mais do que isso, produzia indignação. Mostrar aquilo que as pessoas não acreditavam que poderia ser verdade foi o grande mérito do filme, esfregar na cara da sociedade esse tipo de "tratamento", derrubar esses muros. (Trecho extraído sexta matéria “Entrevista/Helvécio Ratton, cineasta: ‘Ali tinha crime de lesa humanidade”)

Figura 13:Helvécio Ratton improvisando uma camêra no Hospital Colônia em 1979

Ao procurar os antigos funcionários do hospital, assim como os responsáveis pela instituição e as autoridades da época, a jornalista conta que foi uma conversa difícil, já que estava colocando o dedo na ferida. Mesmo tendo contribuído para que esse crime de lesa humanidade acontecesse, era preciso ter respeito por eles, ainda que não tivessem feito nada para evitar e ajudar.

Durante o processo que tinha por objetivo entender o papel das autoridades na época diante de tal atrocidade, Daniela afirma que ficou surpresa com a reação dos envolvidos, muitos negavam, diziam que não fizeram nenhum tipo de maldade aos pacientes e que não sabiam como ajudar a mudar aquela realidade. No final, a conversa assumia um tom de confessionário e todos assumiam parte da culpa.

Quando eu disse que as famílias e o Estado, todo mundo se omitiu, era verdade. Porque é uma violação dos direitos, como a própria Eliane Brum falou em sua coluna. A história não se perpetuaria por tanto tempo se não tivesse conivência de muita gente. Isso também foi uma coisa muito interessante. Porque, quando eu fui entrevistar as pessoas que eram funcionárias na época, na verdade, eu estava colocando o dedo na ferida e dizendo vocês não fizeram nada. Foi uma conversa difícil. E, ao mesmo tempo, eu tinha que ter respeito por aquelas pessoas. E isso foi muito interessante. No começo, quando eu fiz as entrevistas com os funcionários que participaram daquilo seja porque não fizeram nada, seja porque não testemunharam, seja porque também fizeram, elas falaram o que elas poderiam fazer, o discurso era esse. “Para quem eu ia denunciar”. Mas, no final todo mundo fazia meia culpa. No final, todo mundo falava que podia ter feito alguma coisa, que podia ter evitado muitas mortes. Foi quase um confessionário. Foi muito interessante, porque a reação foi comum, todas as pessoas mesmo endurecidas falavam que fizeram sua parte, porque nunca bateram em ninguém. E diziam que se batiam não era em seu plantão, e, no final, todas elas se entregavam. Elas falavam: ‘eu podia ter feito alguma coisa, mas eu não fiz’. Todas as pessoas. Foi incrível isso, e muito interessante. (ARBEX, Apêndice III)

Em relação às testemunhas vítimas do holocausto, Daniela revela que a maior dificuldade encontrada foi extrair dessas pessoas suas histórias. Muitas, devido ao meio século de internação, em virtudes das sequelas, não conseguem se comunicar.

[...] O próprio fato de lembrar dessas histórias, histórias tão dolorosas é difícil. Não era chegar e falar: ‘me conta sua história, vem cá me fala como foi isso’. Não era isso. Eu precisava me apresentar, fazer com que essas pessoas confiassem em mim, que elas tivessem liberdade e se sentissem a vontade comigo do que foram, do que sofreram. Algumas mulheres foram violentadas, e aí são temas duríssimos. Então, na verdade, foi um contato, um primeiro contato de apresentação e depois eu voltei várias vezes em vários personagens para que eles sentissem segurança e me confiassem seus segredos, suas histórias. Foi isso, um processo de muita paciência, e eu tive muita vontade de fazer. E eles também, quando se sentiram seguros com muita vontade de contar. Mas, também com muitas limitações da fala, da memória. (ARBEX, Apêndice III)

Realidade esta compartilhada pelos personagens José Machado, 80 anos, Sônia Maria da Costa, 61, Maria Aparecida de Jesus, 71, e Antônio Sabino, 70, que são alguns dos que conseguiram sobreviver às questões de desumanidade praticadas na Colônia.

O registro de José Machado, o Machadinho, é de número 1.530. A informação sobre ele que mais se aproxima da verdade, já que a maior parte dos pacientes não tem qualquer registro sobre o seu passado, é de que deu entrada na entidade em 1959, conduzido pela polícia, após ser acusado de colocar veneno na bebida de alguém. Inocente, passou a vida encarcerado. Hoje, aos 80 anos, precisa de uma cadeira de rodas para se locomover, mantendo-se reticente na presença de estranhos. (Trecho extraído da primeira reportagem da série “Holocausto Brasileiro”)

Sônia é uma exceção entre os sobreviventes. Chegou ao hospital ainda criança e hoje vive em umas das 28 residências terapêuticas de Barbacena. Em entrevista a Daniela, revela: "Lá no hospital judiavam muito da gente. Já apanhei muito, mas bati em muita gente também. Como era agressiva, me deram muito choque. Agora tenho comida gostosa, talheres e o principal: liberdade."

A repórter revela que foi um choque encontrar com os sobreviventes que foram fotografados na época. Para ela, funcionava como uma volta ao passado. Em uma de suas viagens a Belo Horizonte, encontrou Silvio Savat, que tinha 11anos quando foi fotografado na Colônia pelo fotografo Napoleão Xavier.

Até a década de 1980, as crianças recebiam o mesmo tratamento destinado aos adultos. Trinta e três crianças foram levadas para a Colônia depois que o hospital psiquiátrico da cidade de Oliveira foi extinto nos anos de 1970. Deste grupo, apenas, cinco sobreviveram, entre eles Sílvio, que recebe atendimento no Lar do Abrigo em Belo Horizonte.

Em uma das fotos, do menino Sílvio Savat, que foi feita em 1979. Ele estava com um vestido de mulher, ele era um garoto de 10 anos que estava deitado em um chão de cimento, com o corpo cheio de moscas. Parecia um cadáver mesmo. A pessoa que fez a foto parecia que estava fotografando um cadáver. Quando eu vi o Sílvio, eu fiquei muito mexida, de saber que aquele menino era ele. Muitas das histórias que eu contei, para mim, pareciam ficção, mesmo eu tendo visto as imagens antes. E quando eu chegava nos locais e via as pessoas das imagens em 1961, vivas hoje, para mim era um choque. Era como se eu estivesse vivendo tudo de novo, o mesmo choque que eu tive lá em 2009 quando eu vi as fotos pela primeira vez. Eu pensava: ‘Meu Deus.’ A todo momento, eu pensava, não é possível que isso aconteceu de verdade, antes de encontrar as pessoas. E quando eu fui encontrando as pessoas, eu fiquei muito impressionada. Belo Horizonte para mim foi uma parte muito dolorosa pelo que esses meninos passaram. (ARBEX, Apêndice III)



Figura 14: Menino Silvio, aos 11 anos, fotografado na Colônia vestido de mulher e com moscas por todo corpo. Hoje ele tem 43 anos e vive em Belo Horizonte; e Maria Cláudia Geijo, em 1979 com 13 anos e hoje com 50 anos, uma das 33 crianças.



Figura 15: José Machado em 1961; Machadinho, hoje, aos 80 anos. Resistência em meio século de internação

Uma das histórias que impressionou a jornalista foi a de Débora, uma das crianças nascidas dentro da Colônia e que foi arrancada dos braços da mãe, quando tinha 10 dias de vida. A mãe Sueli Aparecida Resende transferida do hospital em Oliveira chegou ao Colônia em 1971, quando tinha 8 anos de idade. Engravidou dentro do hospital aos 27 anos e, quando a filha nasceu, deu a ela o nome de Débora Aparecida. Sueli lutou para ficar com filha, mas não conseguiu. A partir deste momento, tornou-se uma paciente mais agressiva. E, a cada aniversário da menina, sonhava na esperança de que um dia pudesse tocá-la. Sueli morreu aos 50 anos, vítima de infarto. Aos 23 anos, Débora descobriu que fora doada a uma funcionária da unidade, e, a partir de então, tentou imprimir uma busca desenfreada para localizar a mãe biológica. Com 27 anos, na época, descobriu, em 2007, que sua mãe era uma paciente do hospital Colônia. Porém, ao chegar na unidade, recebeu a notícia de que a mãe tinha morrido há poucos meses atrás.

Em declaração à jornalista, Débora revelou que gostaria de ter encontrado a mãe para que pudesse lhe oferecer uma condição de vida melhor.

Em momento algum senti vergonha dela. Ao contrário, o que senti foi uma alegria imensa de saber, através dos funcionários do hospital, que minha mãe me amou muito e quis ficar comigo. Com essa descoberta, experimentei pela primeira vez o que pode ser um amor de mãe. A referência de vida dela era eu. Lamento extremamente não ter sabido de sua existência antes de sua morte. Meu desejo, se estivesse viva, era tirá-la de lá e oferecer-lhe uma outra condição. Deram-me uma família, mas não pensaram na dor da minha mãe, quando me arrancaram dela. Se tivesse tido a chance de abraçá-la, diria e ela o quanto a amo. (Trecho extraído da matéria “33 crianças viveram os horrores da Colônia)

Para Daniela, a história das mães que tiveram seus filhos arrancados do braço mexeu ainda mais com ela, porque, na época, ela tinha acabado de se tornar mãe. A jornalista ainda revela que se envolve com as histórias contadas e que não acredita em imparcialidade no jornalismo. Para ela, é impossível não se emocionar diante das realidades reveladas. Ela defende que se a história não toca, ela não emociona.

É a vida das pessoas. E, a todo momento, eu me emocionei. Foi difícil, porque eu estava em um momento da minha vida privada muito sensível, eu tinha acabado de ter meu filho. Ele estava com quatro meses quando eu comecei a viajar, foi difícil essa decisão de deixá-lo para viajar, e eu ainda estava amamentando. Mas, ao mesmo tempo, ter o meu filho nesse momento foi muito importante porque eu entendi a dor dessas mulheres que tiveram seus filhos roubados ao nascer, arrancados dos braços. Uma das entrevistas foi com a Débora [...] Eu não consegui terminar a primeira vez, eu só chorava. Imagina o repórter chorar no meio de uma entrevista. Isso não é adequado. Mas o que é adequado? Eu sou ser humano também, e isso me tocou profundamente, foi bom pra mim. Eu me envolvi com aquelas pessoas, me envolvi tanto que até hoje nós mantemos contato. [...] Uma das vítimas da Colônia me disse que se impressionou com a coragem que eu tive de chegar até ele e abordar um assunto tão delicado, tão difícil. Mas, que ao mesmo tempo eu demonstrei sensibilidade, me dizendo que hoje eu fazia parte da história dele, da história do seu filho, e que, quando meu filho crescer, vai ler e entender o que eu passei. Isso é muito importante, eu me envolvi muito e me envolvo com essas pessoas até hoje. Essas pessoas também entraram na minha vida, assim como eu entrei na vida delas. (ARBEX, Apêndice III)

Em uma de suas visitas ao Hospital Colônia, já após a publicação da série na *Tribuna* e para fazer o livro reportagem, a jornalista revela que, ao entrar no pavilhão intitulado Antônio Carlos, destinado às mulheres, sabia que, no passado, aquele espaço era usado para encarcerá-las. As portas marcadas pela cenas de horror da época ainda são as mesmas.

E eu pedi ao fotógrafo que me acompanhou para sair da sala e me fechar lá, porque eu queria tentar entender o que aquelas mulheres sentiram. É um exercício mesmo, de imaginar como era aquilo. De olhar para aquelas paredes e pensar: ‘Meu Deus, o que aquelas pessoas passaram aqui, o que elas sentiram, o que é ficar presa aqui.’ (ARBEX, Apêndice III)

- **Ética**: Daniela trabalha muito com reportagens investigativas e, diante das várias matérias que já produziu em seus 18 anos de carreira, já esbarrou em muitas questões relacionadas à ética. Para ela, a informação só deve ser divulgada a partir do momento em que o assunto seja de interesse público, tenha valor histórico ou que seja importante para a sociedade. Caso contrário, ao se tratar de uma coisa pessoal que desrespeita a conduta de uma determinada pessoa, são situações que a informação não deve ser divulgada.

Em relação à matéria aqui analisada, a jornalista afirma que não houve barreiras éticas, mas limites emocionais. Mesmo tendo cuidado com a forma de contar determinadas situações, a profissional afirma que não teve pudores ao escrever e, por se tratarem de histórias tão duras, preferiu não se censurar. Mas, houve um cuidado primordial com o que foi divulgado em respeito às fontes. A preocupação de Daniela era tentar contar as histórias, o mais próximo possível das realidades vividas pelos personagens.

Na hora de colocar no papel, eu coloquei tudo. É difícil, como é que você conta um estupro, como é que você conta a história de uma mulher que está no livro que foi violentada pelo patrão quando ela tinha 14 anos. E eu não tive pudores, eu coloquei, claro que com alguns cuidados, tudo que eu pude colocar. E quando eu li essa história pelo telefone para o filho dessa mulher, porque eu queria que, na verdade, as pessoas que eu contasse as histórias, que elas se sentissem representadas verdadeiramente no livro. Eu não queria que elas falassem que não foi bem assim que aconteceu. Então, eu liguei para a maioria das pessoas para falar: ‘É isso mesmo? Foi isso que você quis dizer quando me disse aquilo? Não mandei os capítulos, porque eu não podia, óbvio, por uma questão de sigilo. Mas eu li, e foi muito legal a reação das pessoas que choravam no telefone e diziam: ‘Meu Deus, é exatamente isso, como que você conseguiu, essa é minha história.’ E foi muito bonito ver essa reação. E, mesmo quando eu falei: ‘Olha, esse capítulo está muito forte, talvez você fique chocado com a história que aconteceu com a sua mãe.’ E eu li para ele, e ele ficou chocado. Mas, ele achou que, mesmo eu tendo colocado a violência, que eu havia sido respeitosa. Foi lindo. (ARBEX, Apêndice III)

Ainda que as histórias duras reveladas pelas testemunhas do holocausto pudessem chocar os leitores, Daniela, a todo momento, se preocupou em como escrever tal realidade sem ferir a intimidade das pessoas. Todas as histórias reveladas foram autorizadas mediante documento que tais informações pudessem ser divulgadas pela jornalista.

Diante de todas as histórias reveladas ao longo das sete matérias publicadas pela jornalista Daniela Arbex sobre o *Holocausto Brasileiro*, a pretensão nunca foi punir os culpados, mas tornar essa história pública de forma com que houvesse a possibilidade de que todos pudessem conhecer e refletir sobre o fato. Assim, fica uma lição:

Eu acho que o maior aprendizado do “Holocausto Brasileiro” foi ter visto até que ponto nós somos capazes de chegar. Como a gente pode ter sido tão cruel, como a sociedade pode ser tão omissa, como a indiferença produz a barbárie, o extermínio. Eu acho que essa é a lição. Eu sempre fui muito incomodada com as questões sociais, com as injustiças. Eu sempre briguei, lutei. Eu fiz da minha carreira, na verdade, uma luta em defesa dos direitos humanos sempre. Isso é uma marca do meu trabalho. Mas, esse livro me deu mais força, para continuar lutando, para continuar brigando, para continuar sendo a voz, de quem não tem voz. Porque a indiferença provoca o extermínio, e nós fomos indiferentes por mais um século. E, nós não podemos deixar que isso aconteça nunca mais no Brasil, sob nenhuma hipótese. (ARBEX, Apêndice III)

Diante da repercussão da série, Daniela conseguiu que a história sobre o *Holocausto* não mais ficasse restrita aos muros do hospital Colônia, mas que passasse a ser do conhecimento de todos. O objetivo este ainda mais difundido com a publicação do livro “*Holocausto Brasileiro*”.

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sem dúvida fazer uma grande reportagem exige mais do que apenas fazer entrevistas e redigir um belo texto. Trata-se de um intenso processo contínuo de investigação, que necessita de investimento, tempo e paciência. A reportagem, independentemente do veículo, sempre terá seu espaço garantido no jornalismo. Ela tem por objetivo provocar a opinião pública, causar reflexão e mudar a sociedade. Sua meta é abordar assuntos complexos que tenham maior abrangência e que provoquem uma reação na população. Mas, para isso, é preciso que o jornalista brigue por este espaço e não deixe que questões financeiras ou estruturais, por exemplo, o impeçam de produzir e sugerir grandes matérias. Em geral, a reportagem é um trabalho de equipe, por ter o envolvimento de toda a cadeia jornalística, passando por repórteres, fotógrafos, editores e diagramadores.

No entanto, concluímos aqui, após o conhecimento dos bastidores de três grandes reportagens, que ao repórter cabe um peso maior, pelo envolvimento em todas as etapas. O repórter é a alma da reportagem. Cada um a seu modo, mas cabe a ele ter a sensibilidade para saber a hora de avançar e a hora de parar. A hora de apenas ouvir e a hora de gravar. A hora de decidir o que ressaltar e aonde silenciar.

Os repórteres que entrevistamos são um exemplo de que é possível buscar o novo dentro das redações e se desprender da pauta. No começo, não tinham a facilidade de hoje, apresentar uma pauta e ser aceita de imediato foi um privilégio conquistado ao longo de demonstrações de comprometimento pelo que estavam fazendo. Acreditamos que o jornalismo é uma profissão direcionada a quem tem paixão. Não é qualquer um que passa por desafios, às vezes, inimagináveis, tendo simplesmente a intenção de mostrar para o maior número de pessoas possíveis a história de um caboclo que vive no Beiradão do Xingu ou resgatar a memória de pessoas que passaram por horrores durante a vida em um verdadeiro holocausto.

Sem falar do privilégio que tivemos ao escolher o tema. A humildade dos profissionais e a forma simples com que nos contaram a história por trás da história só fez ter a certeza de que jornalismo é um exercício a favor da humanidade. Talvez por isso sejam repórteres premiados, não pela pauta, mas pela forma com que ela é conduzida. Sempre abordando temas e indo a lugares conhecidos, porém, ignorados. Esse trabalho foi, na verdade, uma aula de bom jornalismo, em um tempo que se fala do fim da profissão com casos recentes de desvalorização do profissional, de redações cada vez mais com um número menor de profissionais, encontramos pessoas que sempre acreditaram e acreditam até hoje na força do jornalismo.

Além disso, apesar das classificações existentes no mundo acadêmico a respeito das reportagens, os três repórteres entrevistados não acreditam em nomenclaturas sobre o trabalho que fazem. Acreditam que fazem apenas jornalismo e jornalismo comprometido.

Esta monografia não tem a pretensão de chegar a uma conclusão final acerca do assunto, mas pretende estimular uma reflexão sobre a importância do exercício da atividade jornalística profissional comprometida com a ética e a responsabilidade social, seja do ponto de vista dos processos e rotinas de produção, os desafios vividos durante meses de aprofundamento de uma pauta, a relação com a sociedade, o respeito às fontes e o comprometimento ético. Dessa forma, colaborando para a consolidação do exercício da cidadania.

Os objetivos das reportagens são infinitos. Mas, nos trabalhos analisados entendemos que a meta foi dar voz a quem não tinha voz, aproximar os mundos, revelar realidades tão distintas, e, diante de tais circunstâncias, provocar mudanças.

Muito mais que isso, a reportagem quer repercutir, causar inquietação. Como diz a jornalista Eliane Brum, a reportagem deve “ser a palavra que age”. Por isso, mais que uma análise para ser consultada, essa monografia serve também para inspirar futuros jornalistas a se aventurarem pelo universo das reportagens. Que eles não tenham medo, e sim coragem para ir a diante e, por meio da comunicação, conseguir mudar a realidade de uma pessoa, um povo, uma nação.

O papel do jornalista muito mais que levar informação e formar opinião é transformar a vida das pessoas. O que não nos falta são exemplos de bons profissionais comprometidos com o trabalho, que acreditam no que fazem. É a indignação que move o jornalista, que se recusa a ver tudo e a não fazer nada diante de uma realidade, por exemplo, em que as pessoas são exploradas. O jornalista funciona como um agente social, um agente transformador que está presente em todas as etapas do jornalismo. É por meio dela que ele poderá tornar a realidade diferente.

Talvez, o futuro das grandes reportagens possa ser trabalhado pelo repórter independente, assim como o praticado por Eliane Brum. O jornalista que possa se dedicar exclusivamente a cobertura de pautas especiais, sem ter que precisar correr atrás das pautas diárias. Assim, com tempo disponível e focado em uma única matéria, o jornalista poderá se dedicar único e exclusivamente a reportagens de cunho maiores, que necessitam de um tempo maior de apuração e checagem das informações. Investir nesse tipo de profissional permite dar as pessoas matérias de conteúdo, mais bem elaboradas que propiciem a discussão de assuntos, por exemplo, pouco abordados.

**6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. A aventura da Reportagem. São Paulo: Summos, 1975.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo.** São Paulo: Contexto, 2005.

FLOSI, Edson**. Por trás da notícia**: o processo de criação das grandes reportagens. São Paulo: Summus, 2012.

JORGE, Thaís de Medonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**, São Paulo: Ática, 1986.

KOVANCH, Bill; ROSENSTIEL,Tom. **Os elementos do jornalismo** - O que os jornalistas devem saber o público exigir. 2. Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. 7 Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p. **Estrutura da notícia**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2012.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Reportagem** : teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Estrutura da notícia**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2012.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 2003.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. 8 Ed.São Paulo: Contexto, 2012.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo** – O fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

STEPHENS, Mithell. **History of News: From the Drum to the Satelite**. Nova York: Viking Press, 1988.

SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – Notas sobre a Narrativa Jornalística. 7 Ed. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, **Nelson. Teorias do jornalismo** – Porque as notícias são como são. 3 Ed. Florianópolis: Insular, 2012.

**Sites acessados**

CANELLAS, Marcelo. Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia. 13 jun 2006. Disponível em

<<http://www.fesmp.com.br/upload/arquivos/3628636.pdf> > Acesso em 13 jun 2006

CIA, Jornalistas. 16 ago. 2013. Disponível em:

<<http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia877rj19.pdf?__akacao=1195612> > Acesso em 16 ago. 2013.

IMPRENSA, Observatório. 15 ago. 2008. Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=510AZL001>> Acesso em: 15 ago 2013.

JORNALISTAS, Portal dos. 16 ago. 2013. Disponível em:

<<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9674>> Acesso em 16 ago. 2013

<<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=5420> >Acesso em 16 ago. 2013.

KARAN, José Francisco. A antiguidade greco-romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística. 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art150.htm>> Acesso em 13 jun. 2013.

**APÊNDICE: ENTREVISTAS COM OS JORNALISTAS ANALISADOS**

APÊNDICE I: ENTREVISTA *Marcelo Canellas*

1-De onde/ como surgiu a ideia da pauta?

A ideia surgiu a partir da sugestão de um amigo meu. Ela trabalhava numa organização ambientalista que recebera a denúncia de que imobiliárias de Brasília estariam loteando fazendas em terras da União no sul do Pará.

2- Como foi o início do processo de apuração?

Começamos procurando por sites que estariam vendendo ilegalmente essas terras. Localizamos vários deles. Em seguida, mapeamos os locais onde os grileiros estariam atuando. Depois consultamos várias fontes no sul do Pará, principalmente nas cidades de Altamira e São Félix do Xingu, que confirmaram tudo. Foi o bastante para nos certificarmos de que tínhamos uma grande história para contar.

3- Você esperou algum tempo ou algum fato para levar a sugestão de pauta para seu editor?

Não. Levei a proposta assim que checamos as informações básicas.

4-Quando levou, teve alguma barreira? Quais?

Nenhuma. O Bom dia Brasil, telejornal a quem oferecemos a pauta, recebeu entusiasticamente a ideia.

5- Como conseguiu convencer seus editores que sua pauta renderia uma matéria?

Não houve dificuldade. Bastou que mostrássemos o resultado de nossas apurações preliminares.

6- A partir daí quais foram os primeiros passos para começar a apuração da matéria? E quais foram as maiores dificuldades?

Uma vez aprovada à pauta, começou um longo processo de pré-produção. Nosso calcanhar de Aquiles era a logística. Uma região complicada do ponto de vista dos conflitos fundiários e da violência latente. Fátima Baptista, hoje chefe de produção do Jornal Nacional, na época era editora/produtora do Bom dia Brasil. Foi ela quem planejou a nossa viagem, inclusive com indicações de locais em que deveríamos encontrar terras griladas.

7- Você teve um tempo de apuração no Pará, antes de começar as gravações? E quanto tempo levou até a matéria ir ao ar?

Não. Até por questão de segurança, fomos direto gravar.

8- Como vocês encontraram a terra do meio?  Quais foram os maiores desafios para conseguir encontrar as fontes?

Dificuldades de todo tipo: distâncias amazônicas, estradas péssimas, mau tempo, e uma vez localizadas as fontes, lidar com o medo o terror que elas tinham dos grileiros. Já tínhamos esquadrinhado a Terra do Meio desde Brasília.

9- Na segunda reportagem, vocês falaram de uma atividade constante em territórios amazônicos: a grilagem. Para mostrar os fatos vocês entraram em terras como as do Parque Florestal e na sede da Amazônia projetos. Quais foram as maiores dificuldades em entrar nesses lugares e  como foi à aproximação com as fontes que estavam no local?

Havíamos feito o levantamento prévio dos parques e terras públicas invadidas. Fomos até esses lugares, principalmente, por água, navegando pelo rio Xingu. Somente dessa forma é que pudemos contactar os beiradeiros, como são chamados os caboclos que vivem em harmonia com a floresta e que estavam ameaçados pela ação violenta dos grileiros.

10- Na quarta reportagem vocês entraram em áreas de devastação da floresta para denunciar o desmatamento. Durante o tempo que estiveram lá, vocês sofreram represálias por parte das madeireiras, mineradoras ou fazendeiros?

Fizemos a reportagem toda com a câmera no ombro, à vista de todos. Não usamos microcâmera por opção deliberada. Acreditávamos que espalhar na região a notícia de que estávamos justamente fazendo uma reportagem sobre grilagem de terras nos protegeria. Ou seja, a polícia, os pistoleiros, os grileiros, todo mundo sabia o que estávamos fazendo lá. Ora, por que faríamos diferente? Como os grileiros poderiam esconder uma área invadida de 30 ou 40 mil hectares? Impossível. De fato, registramos e fizemos inúmeros flagrantes de cara limpa, sem que ninguém nos ameaçasse durante a gravação. Houve um único episódio, em que um carro que seria da Polícia Militar do Pará nos interceptou e soldados armados de metralhadoras nos revistaram numa estrada deserta. Eles foram embora depois que eu disse a eles que o nosso equipamento era monitorado por satélite. O anedótico dessa história é que não havia satélite nenhum.

11-Como você chegou às denúncias do Ministério Público Federal?

Eu e minha equipe procuramos o Ministério Público Federal em Altamira. O promotor nos forneceu todas as informações que pedimos.

12- Com relação a barreiras éticas, você teve alguma? Quais? Em algum momento você decidiu que a informação poderia ou deveria ultrapassar esses limites?

O cuidado maior que tivemos foi com a segurança dos beiradeiros. Nosso limite era jamais botar em risco a vida deles.

13- A pauta já era uma grande reportagem ou as informações para que rendesse mais De uma matéria foram surgindo durante as gravações?

Evidentemente que, ao longo da reportagem, em campo, surgiram novas e surpreendentes histórias e fatos. Como o do cemitério clandestino de pessoas assassinadas por pistoleiros.

14- Vocês tiveram muitas fontes e informações no local? Como escolher o que é mais relevante sem deixar nenhum fato passar e ao mesmo tempo lidar com a pressão do editor?

Foi justamente em campo que surgiram as informações mais importantes. Muito do que havíamos previsto antes não se confirmou. Por outro lado, surgiram muitas outras informações que não supúnhamos que fossemos encontrar. Não houve pressão de editor, já que eu mesmo cuidei do roteiro.

15- No momento da edição como foram feitas as escolhas do que entraria na série? Você foi censurado (corte de frases ou conteúdo)?

A reportagem foi roteirizada por mim, editada por Fátima Baptista conforme pensada por nós e veiculada sem um único corte.

16- Que retorno você esperava com a divulgação da matéria? E como isso aconteceu?

Esperávamos que suscitasse uma discussão nos setores organizados da sociedade, inclusive no governo. E isso aconteceu. O ministério do Meio ambiente tomou várias medidas depois da série.

17- Além do desgaste físico de viagens e apuração, como você driblou o desgaste mental? E até que ponto o Marcelo conseguiu chegar sem se envolver diretamente com toda a história?

É impossível deixar de se envolver em histórias que retratam dramas humanos. Mas penso que a emoção realmente legítima é a dos protagonistas do fato, dos beiradeiros, caboclos e vítimas da violência fundiária.

18- Na série você conta a história narrando os fatos usando metáforas e de forma poética faz um link com as sonoras dos entrevistados. O seu jornalismo é um jornalismo literário?

Não tenho a menor ideia. Não escrevo achando que faço jornalismo literário. Apenas escrevo usando as ferramentas do jornalismo que, sim, às vezes têm ponto de contato com as da literatura. Afinal, jornalismo e literatura usam a língua como expressão de ideias.

19- Depois da matéria divulgada vocês ganharam alguns prêmios. Quantos foram ao todo?

Entre concursos nacionais e internacionais ganhamos, ao todo, 11 prêmios.

20- Vocês voltam à terra do meio ou tiveram alguma notícia do local depois que a matéria foi divulgada?

Gostaria muito de voltar. Ainda não o fizemos. Mas, sei que houve várias ações de Estado na região, seja da Polícia Federal, seja do Ministério do Meio Ambiente, inclusive com apreensão de gado e derrubada de cercas.

21- Qual história da série te marcou? E por quê?

A história dos beiradeiros que não existem para o Estado brasileiro me marcou muito. São pessoas que passam por toda uma vida sem documentos nem benefícios de nenhuma espécie, ou seja, sem existirem formalmente como cidadãos. O caso de Chico Feitosa é emblemático. Trata-se de um senhor de cerca de 70 anos que nunca estudou, nunca teve acesso ao SUS, INSS, nada. Não tinha sequer certidão de nascimento. Talvez minha grande recompensa foi ter recebido um telefonema dele, de um orelhão de Altamira, para me contar que foram procura-lo para que tirasse documentos. Chico Feitosa me disse, naquele dia, que, finalmente, estava com sua carteira de identidade nas mãos.

APÊNDICE II: ENTREVISTA *Eliane Brum*

1. De onde surgiu a ideia da pauta?

Desde 1997, quando fiz minha primeira matéria na Amazônia. Desde lá, essa Amazônia sempre foi um lugar, uma geografia humana, enfim, de várias maneiras muito importantes para mim. E essa matéria “A espera do assassino” surgiu quando ia ser lançado um relatório dos ameaçados de morte que era de três organizações, Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra. Então, eu acertei com eles de dar o relatório, mas eu queria escolher um lugar que fosse representativo dessa realidade que estávamos contando, para ir além dessas estatísticas. Para ir ao alcance das pessoas, um lugar que fosse representativo dessa realidade e acompanhar um pouco alguém que estava ameaçado de morte. Quando a gente fala em ameaçado de morte, as palavras são um pouco assim, e o nosso desafio na reportagem é ampliar a largura das palavras. Quando a gente diz ameaçado de morte, a gente não tem ideia do que é ser ameaçado de morte. Ser ameaçado de morte é uma coisa que nem eu, nem vocês conseguem imaginar, mesmo tendo sofrido uma ameaça ou outra, é muito mais complicado viver cotidianamente sabendo que tu podes morrer a qualquer momento. Na Amazônia, a ameaça de morte é por causa da ausência do Estado ou, quando o Estado aparece, ele aparece em geral pela violência, onde o Estado também é violento. Mas, a ausência do Estado faz com que os crimes fiquem impunes, e a ameaça de morte possa virar morte, muito rapidamente. Não é uma ameaça no plano subjetivo, ela é uma ameaça muito concreta. Então, eu queria saber como era viver com isso. Dentre todas as realidades abordadas, todas as pessoas que eram abordadas naquele relatório, eu escolhi Castelo de Sonhos, porque era uma região que eu já tinha ouvido falar pela sua violência. A história do Rambo era uma história que precisava ser melhor contada. Era uma história que eu já tinha ouvido falar outras vezes, em ocasiões em que fui para a Amazônia. E a realidade de Castelo de Sonhos era uma realidade muito complexa. A Solange Azevedo fez comigo essa matéria. Ela ficou destrinchando o relatório e ouvindo outros ameaçados de morte, e eu fui com Lilo Clareto na época. Até hoje nós mantemos contato. Eu tenho uma coisa que essa dupla de repórter e fotógrafo, que eu acho que é muito interessante. Isso existia muito no passado, mas infelizmente, com toda essa deteriorização que existe na própria imprensa, essa figura acabou. E eu acho essa dupla de repórter e fotografo muito interessante, muito importante. A gente passa a saber como é trabalhar junto, já tem uma outra sintonia, uma forma de trabalhar as coisas. Então, eu fiz muitas viagens, e o Lilo Clareto me acompanhou em muitas, ele foi minha dupla. Então nós fomos para Castelo de Sonhos. Combinei antes, fiz toda uma negociação para combinar com a Santa, que é irmã do Brasília, que foi uma grande liderança assassinada. E, a partir do momento que ele foi assassinado, a Santa por ir atrás de investigar o crime, não se encolheu, o que é muito difícil. Por ir atrás, ela passou a ser ameaçada de morte também. Eu combinei de encontrar a Santa em Castelo de Sonhos. Foi assim que eu fui para lá. Nessa ideia de que a gente precisa atacar nas estatísticas, e a gente precisa alargar o mundo das palavras. A gente precisa dizer o que é ser ameaçado de morte, e a gente precisa contar toda a complexidade que pertence a esse universo, um universo como o de Castelo de Sonhos. Um povoado que pertence ao município de Altamira, que ficava com todas essas coisas, às vezes surreais. Castelo de Sonhos pertencia a Altamira, a sede do município ficava a 1.100 quilômetros de Castelo de Sonhos. Então, contar esse universo.

2- Apresentar a pauta aos editores da “Época” foi um desafio ou eles compraram sua ideia?

Eu acho que não foi tão difícil de sugerir a pauta, fazer com que achassem a pauta interessante. Já faz muito tempo, e não é algo que eu me lembre, porque, depois disso, eu fiz muitas coisas. Mas, eu me lembro que era uma época de crise, então não era porque o diretor achasse ou não a pauta relevante, mas tínhamos um problema de recurso. Então, o que a gente fez, fomos até o Mato Grosso de avião e, de lá alugamos uma caminhonete que fez uma parte grande do percurso para economizar. Porque dentro da Amazônia, só tem uma companhia que faz esses voos com aviões menores, e eles são muito caros. Viajar na Amazônia é muito caro. Reportagem na Amazônia é sempre muito caro por causa disso. Então, para encurtar o custo e fazer essa viagem, a gente fez uma parte muito grande de carro. Eu prefiro sempre viajar de carro, porque gosto de ver o caminho, eu acho que a viagem fica bem mais interessante. Eu já fui até o Atacama de carro saindo daqui (de São Paulo), já fiz várias viagens de carro. Sempre que possível, viajo de carro. Mas, ali tinha um risco, nós íamos fazer uma viagem complicada, e a gente ia passar especialmente na volta porque, na ida, ninguém sabia que nós estávamos indo, com exceção da Santa. Nós íamos passar um período muito grande, praticamente o dia inteiro andando numa estrada muito difícil, com muitos buracos, difícil de caminhar, de andar e, por isso, tínhamos que ir muito devagar. E era uma estrada que só tinha mato dos dois lados. Então, se a gente corresse algum risco ao longo dessa matéria, essa volta em que passaríamos um dia na estrada praticamente sozinhos seria um risco. Mas, a gente aceitou esse risco, a gente topou isso para fazer a matéria e não teve problema nenhum.

3- Como foi o contato com a Santa, personagem central na reportagem?

A Santa, como todas as pessoas que nós entrevistamos, escolheu dar o nome dela, inclusive mostrar o rosto. O contato com ela foi primeiro, através da negociação com essas organizações, à medida que a gente não sabia onde ela estava escondida. Então, foi toda uma negociação através dessas organizações. Ela sabia exatamente o que a gente estava fazendo, como ia sair a reportagem, e ela achou que valia à pena mostrar o rosto. Então, é o que eu faço sempre, tanto nesta circunstância em que é mais evidente quando a pessoa está correndo risco de vida, quanto em outras circunstâncias. Eu sempre explico muito bem o que eu vou fazer, os riscos que eu acho que a pessoa pode correr, e ela escolhe aquilo se quer fazer. A Santa achou importante, essa era a luta dela. Eu queria fazer isso, ela optou pelo enfrentamento desde que o Brasília (irmão dela) foi assassinado. Então ela escolheu mostrar. Ela achava que ficaria mais protegida mostrando o rosto do que não mostrando.

4 – Como foi sua apuração no local. Você encontrou alguma fonte que não estava prevista?

Eu sempre estudo o que faço. Eu acho que qualquer repórter faz. Eu sempre estudo muito a região onde eu vou. Nesse caso, quais eram as singularidades, os conflitos, qual era o histórico. Embora muitas vezes as coisas que faço não tenham tanto material assim, eu tenho que ir construindo esse conhecimento quando faço em alguns casos. Em Castelo de Sonhos, tinha algumas coisas que eu estudei. Minha primeira entrevista lá foi com a própria Santa, que conhecia muito de como funciona aquilo tudo. Mas os roteiros e os estudos, eles servem para ser derrubados, porque as pautas boas elas acontecem assim, sempre tem uma reviravolta, sempre outras coisas acontecem, e isso é muito desejável. Eu sempre digo que a melhor coisa que pode acontecer com o repórter é quando as coisas dão errado, porque é pelo errado que vem o novo. Porque a gente não previa aquilo que não se imaginava, sempre com uma construção de conhecimento. Toda apuração começa com a gente estudando muito aquilo que a gente vai fazer, vendo o que já foi feito, qual é o conhecimento sobre aquela história que já foi construído e fazendo um plano antecipado daquilo que a gente pretende fazer, de como a gente acha que tem que ser para alcançar aquilo que a gente pretende, que é chegar o mais perto das verdades todas, dos contraditórios, das contradições, das complexidades daquela situação. Mas estudar o que já foi feito, fazer esse roteiro prévio serve para que tu possas quebrá-lo, para que tu tenhas conhecimento o suficiente para quebrá-lo. Porque as coisas mais interessantes não são previstas numa reportagem. As coisas mais interessantes são quando dá tudo errado, porque é aí vem o novo. Muitas vezes, há pouca coisa escrita sobre os lugares para onde eu vou fazer matéria, é um processo de construção de conhecimento. Embora tivesse estudado e feito um plano prévio, esse plano foi quebrado. Outras coisas se mostraram importantes, foi importante entrevistar outras pessoas. E é assim que vale à pena. A primeira pessoa que eu entrevistei foi a própria Santa. A gente ficou muito tempo conversando. Em geral, no mínimo, minhas entrevistas quando é para uma matéria curta, duram duas horas. Eu faço entrevistas muito longas com as pessoas. Então, eu conversei com a Santa e fui indo para outras pessoas.

5- Na matéria, você destaca uma lista que contém nomes de pessoas marcadas para morrer. Como você conseguiu esta lista?

Essa lista que está na matéria é a lista do relatório que foi divulgado. Acho que a gente publicou a matéria na semana em que esse relatório foi divulgado.

6- Você conseguiu conversar com essas pessoas?

Algumas pessoas foram entrevistadas. Elas têm seus depoimentos na matéria. Mas essa parte quem fez foi a Solange Azevedo. A parte que eu fiz foi Castelo de Sonhos.

7- Tem uma família que você entrevista que é família Brancher. Como chegou até eles e como foi convencê-los a dar entrevista?

Eu nunca convenço ninguém a me dar entrevista. Eu não forço ninguém a me dar entrevista. Eu tenho muito claro que ninguém tem obrigação de me dar entrevista. Muito menos se isso significar um risco para essas pessoas. O que eu faço é sentar com as pessoas, explicar o que eu vim fazer, explicar quais são os riscos e saber se elas querem dar entrevista. O que faço é sentar com as pessoas, explicar o que eu vim fazer, explicar quais são os riscos e saber se elas querem dar entrevistas e sob que condições elas querem dar esse depoimento. Então, na casa do Bramcher, que é uma família de Santa Catarina, que migrou para Castelo de Sonhos em busca de uma conquista tardia da Amazônia de melhorar de vida, eu fui com a Santa. A Santa, além de ser a pessoa central, condutora dessa reportagem, ela me ajudou muito no contato com essas pessoas. Castelo de Sonhos é muito pequeno, é um povoado bem pequeno mesmo. Então, todas as pessoas de conhecem. No momento em que a gente botou o pé lá, todo mundo sabia quem a gente era, o que nós estávamos fazendo. E assim foi durante o tempo que a gente permaneceu lá. Então, fui na casa dessas pessoas, do jeito mais simples, batendo na porta delas, perguntando e explicando.

8- Em algum momento teve algum risco para vocês? Em algum momento você sentiu um clima tenso?

Em todos os lugares que já fui na minha vida de repórter, que já são 25 anos, já fui em muitas favelas dominadas pelo tráfico, já vivi muitas situações, já fui muitas vezes para a Amazônia, em diferentes tipos de conflito, mas acho que Castelo de Sonhos foi o lugar mais tenso que já fui. Era um lugar onde a tensão era muito palpável, foi um lugar, por exemplo, em que à noite, depois que tudo acaba, em geral a gente gosta de ir para um boteco, um armazém e tomar uma cerveja e relaxar. E a gente não saía de noite lá, para se proteger de um eventual risco. Quando eu entrevistei o Léo Reck, um dos fundadores de Castelo de Sonhos, que foi um dos protagonistas de uma briga com o Rambo que é uma das pessoas centrais dessa história, hoje possivelmente morto, a própria morte dele é controversa. Ainda tem gente que acha que não era ele que foi morto. Enfim, quando eu entrevistei o Léo Reck, ele falou que antigamente repórteres eram atirados de aviões quando vinham aqui. Não me lembro das palavras exatas dele. Era um lugar tenso, quando o sol baixava, a gente ia para o hotel. Com exceção do dia que a gente foi encontrar o pistoleiro, que foi à noite, por motivos óbvios. Mas isso é uma parte importante para mim. Eu tenho muito cuidado com essa questão de jornalista correndo risco, porque eu acho que, embora a gente corra risco, eu não gosto de valorizar isso. Porque as pessoas cujas histórias a gente conta, elas sempre correm mais risco que nós. Então, a Santa correria muito mais risco que a gente, e ela estava ali assumindo os seus riscos. As pessoas cujas histórias a gente conta, muitas vezes, na maioria das vezes, a escolha de correr risco ou não correr risco de morte a gente tem. Quando tu és jornalista, escolhes, tu escolhes correr risco. Então, eu não gosto de ficar valorizando muito essa coisa. Os riscos que a gente correu, embora reais, concretos, eram mínimos diante dos que as pessoas estavam correndo, de todas as pessoas que a gente entrevistou para contar suas histórias. Esse era um risco muito maior, e elas continuariam ali, e a gente não, a gente vai embora então, a gente nunca pode esquecer disso.

9- Durante a produção da reportagem, você teve que transpor alguma barreira ética? Como você lida com isso? Quando a informação deve ser divulgada?

Com relação a divulgar ou não informações, divulgar ou não nomes ou imagens de pessoas, eu acho que, em primeiro lugar, são as pessoas que teriam seu nome divulgado ou que teriam sua imagem divulgada que têm que decidir se querem e se elas podem. E se elas disserem não, a gente não tem o direito de insistir. Só que algumas pessoas sabem também os riscos que elas correm, pessoas como empresários, políticos, gente que está acostumando com a imprensa sabe dos riscos, porque conhece como funciona. Mas, em geral, no tipo de reportagem que eu faço, a maioria não está acostumada com a imprensa, nem conhece os efeitos que uma reportagem pode causar na vida dela. Então, a minha obrigação, antes de qualquer coisa, é explicar para elas como funciona e o que pode acontecer com elas, então elas decidem. Mas, mesmo assim, em algumas reportagens, não foi o caso dessa específica, mas, em algumas reportagens, mesmo a pessoa querendo, se eu acho que ela corre risco, nesse caso, só nesse caso, eu desrespeito a decisão dela e não coloco. Foi o que aconteceu quando fiz as mulheres que eram mães dos meninos do tráfico. Uma delas disse pode colocar, não tem problema. E eu sabia que ela correria risco, porque, por mais que eu explicasse, achei que ela não estava avaliando, ela não tinha ideia e achava que o marido dela que era muito violento, não ia ler a matéria, que as pessoas ao redor não liam a revista. Mas eu sabia que essas coisas acabam chegando. Então, tomei a decisão de não colocar o nome dela. Mas eu criei, ao longo desses anos, porque a questão ética não tem uma resposta fácil. E o tempo inteiro que você está exercendo a reportagem, vai se deparando com assuntos novos. E, às vezes, a gente não tem, infelizmente hoje nas redações, a gente não tem ninguém mais velho, mais experiente para discutir isso com a gente. Nós vivemos grandes dilemas, e esse é um processo cotidiano mesmo de discutir quais são os limites. Então, eu criei para mim ao longo do tempo, o seguinte limite: antes de sair da minha casa para bater na porta de outra pessoa, eu faço um exercício interno pessoal de me perguntar se eu estivesse no lugar dessa pessoa será que eu abriria a porta para um jornalista entrar? Se estivesse no lugar dessa pessoa, eu poderia responder a essa pergunta que eu vou fazer? Se a minha resposta for não, eu não saio da minha casa. Isso claro tem uma consequência, dizer que não vai fazer uma coisa tem uma consequência. Isso faz parte da vida. As coisas têm consequência, e elas, em geral, não são fáceis, mas aquilo que tu acreditas ser o certo é o mais importante. Então, se eu acho que não tem, que não dá, então não dá. Então, eu primeiro digo que não dá e depois, se eu achar que dá, eu bato na porta. Aquela pessoa pode achar diferente de mim, porque eu não sou ela. Ela pode dizer não. E se ela disser não, eu aprendi com o tempo que a gente não deve insistir. A pessoa tem todo o direito de não querer dar entrevista, tem todo o direito de não querer abrir a porta. Ninguém é obrigado a abrir a porta para gente. E se abrir a porta e se contar a sua história, a gente tem que ter a noção e o respeito da grandeza que é alguém abrir a porta da sua casa e contar a sua vida para gente. Isso é um compromisso muito profundo de documentação histórica e de muita confiança, e isso a gente precisa respeitar. Por isso depois, se algo foi alterado, tu não pode deixar que as palavras das pessoas sejam distorcidas na edição da matéria, não pode. É responsabilidade nossa, o pacto foi feito com a gente. E eu acho terrível quando alguém tem suas palavras distorcidas, realmente distorcidas e o repórter diz: “Me desculpa, foi o editor, é assim”. Não. A responsabilidade é nossa, fomos nós que batemos naquela porta, fomos nós que fizemos o pacto com aquela pessoa. É um pacto de confiança, de responsabilidade, e a gente precisa respeitar isso.

10- Você imaginava que essa ideia de pauta, iria se transformar em uma grande história?

Primeiro eu acho que todas as histórias são grandes. Eu, na minha vida de repórter, escolhi contar as histórias dos anônimos. A história dos supostamente comuns, o que não é verdade, e mostrando que a vida de cada um é singular, é única, é extraordinária. Então, eu sempre acho que qualquer pessoa tem uma grande história. Isso para começar. E essa matéria, no caso, eu tinha certeza que era uma grande história, uma grande reportagem. Eu sempre acho que, quando não é, não é porque a história não é grande, não é importante, não é complexa, não é boa. É a gente que não conseguiu escutar aquela história. O problema não é da história, é da gente. Ás vezes, acontece, a gente não consegue.

11- Que retorno você esperava depois que a matéria foi publicada? E como isso aconteceu?

Quando eu conto a história de um lugar como Castelo de Sonhos e dessa realidade brutal que são os ameaçados de morte, muitos deles na Amazônia, no Norte do país, eu sempre espero, eu acho que é uma das grandes tarefas, missões da gente é aproximar mundos, nem todo mundo pode ir até aonde a gente vai, poucas pessoas podem ir até aonde a gente vai, e nós temos um privilégio muito grande por isso, de atravessar os mundos, alcançar o mundo do outro. No caso, ir até Castelo de Sonhos e alcançar aquele mundo e trazer aquele mundo para as pessoas em São Paulo ou mesmo no próprio Norte do país, mas em outras realidades para que elas possam estar naquele mundo, pelas palavras, pela complexidade do quadro que a gente está escrevendo. Então, sempre o que me move é essa aproximação de mundos, é conseguir trazer uma realidade e levar essa história para um monte de gente. E, a partir do conhecimento dessa história, com que as pessoas se mobilizem, da sua forma particular, para que essa impunidade mude. Eu tenho uma coluna de opinião desde 2009 no site da ‘Época’. Recentemente eu lancei este livro “A menina quebrada” e, numa das colunas que eu falo da declaração de morte dos guaranis caiovás, eles fizeram uma carta declarando sua morte coletiva, e eu escrevi sobre isso. E aí eu tive que estudar, entender o que era palavra para eles, já que aquilo era uma carta. E eles têm uma definição muito bonita, que é muito mais complexa do que eu vou dizer, que é palavra que age. Então, sempre que eu faço uma reportagem, eu quero ser palavra que age. Sempre que eu escrevo alguma coisa, eu quero ser palavra que age. Então essa é minha maior expectativa. Além da minha imensa curiosidade pelos outros, pelo mundo que eu não conheço, eu quero ser palavra que age.

12- Você disse que nós somos responsáveis por aquilo que escrevemos. Quando você termina de escrever, tem algum editor que olha, que corta seu texto. Como funciona isso?

Durante muitos anos, fui repórter especial. Hoje eu não tenho mais emprego, hoje eu sou independente, então o processo das matérias é um pouco diferente. Mas nessa matéria especificamente, como em outras, eu, em geral, respondo para o diretor de redação, eu escrevo a matéria. Eu gosto muito desse trabalho conjunto, eu gosto de pensar, de escolher as fotos. Sempre quando faço uma reportagem, o texto é uma parte muito importante da reportagem, mas as fotos, a diagramação são muito importantes também. Então, antes de sair, faço uma reuniãozinha com o fotógrafo, e a gente discute mesmo essas fotos, como é que podia ser. Aquela coisa que é prévia, para a gente pensar, para nos obrigar a refletir e que depois pode mudar tudo, porque a realidade se impõe, e é bom que ela se imponha. Mas a gente sempre pensa junto, eu e o fotógrafo. Quando a gente volta, eu edito junto com o fotógrafo as fotos, a gente se encontra com o diagramador que vai diagramar aquela reportagem. Eu trabalhava muito na época com um designer que eu adoro muito, que é o Alexandre Lucas. A gente olha todas as fotos, pensa no texto. Isso vem sempre depois que eu escrevo, daí eu já sei como o texto foi indo para escolher qual é o caminho que ele segue, daí a gente se reúne para pensarmos juntos. Porque a forma como ela é diagramada, ela também conta uma história. Então, não pode ser diagramada que nem qualquer outra. A revista tem um padrão gráfico, um jornal tem seu padrão. Mas esse padrão está a serviço de um contar diferente. Então, se vocês forem ver minhas matérias na revista ‘Época’, cada reportagem tem um jeito de se contar diferente, que também está na diagramação. A diagramação também conta uma história. Então, a gente faz essa reunião junto, é um processo muito bacana porque todo mundo se sente parte desse processo, porque é parte desse processo. Então, o resultado final é um resultado coletivo, onde o texto conversa com as fotos, as fotos conversam com a diagramação, todas as partes conversam entre si, e o leitor tem o melhor que a gente pode oferecer. E aí, quando tudo isso está pronto, vai para o diretor de redação, que vai fazer a última leitura, depois vai para a revisão, e eu acompanho todo esse processo. Isso é numa revista, em um jornal o processo muda um pouco. Eu fico checando, rechecando tudo. E nesse processo de levar para o diretor de redação e vai para a revisão, que é uma revisão de gramática e de português, eu leio a reportagem no mínimo, por baixo, umas dez vezes. Porque nessa hora eu não sei o que acontece, e eu sempre enxergo se tem alguma palavra repetida, alguma coisa trocada, e eu fico lendo, lendo, lendo. E eu sou a última pessoa a sair da redação em dia de fechamento. Tem gente que acha que eu sou esquisita, mas eu gosto de ser assim. Eu só saio depois que a matéria foi lida, revisada e quando ela vai para o outro processo que sai da redação e vai para a gráfica, é quando eu vou embora, isso pode ser o horário que for 5h, 6h. Eu me sinto muito responsável. Primeiro porque eu estou documentando uma história. Eu vejo o papel do jornalista como aquele que documenta a história em movimento, a história que está acontecendo hoje. E isso tem um enorme impacto não só sobre a história que está acontecendo hoje, sobre os dias que virão, como em parte de como esta história será interpretada no futuro. Então, seja uma nota ou uma reportagem de 20 páginas, essa responsabilidade é muito grande. E tenho esse peso muito presente dentro de mim, sempre em todas as partes desse processo. Eu tenho uma grande responsabilidade pelas pessoas que aceitaram dar entrevista, como nessa matéria. Pessoas que correram o risco para contar essa história, eu tenho que fazer o melhor possível, eu tenho que respeitar cada palavra, cada pausa que elas fizeram. Então, eu realmente tenho que sair, tenho que ser a última a sair desse processo. E se pudesse ir na gráfica, eu ia. E, nas noites seguintes, duas, três noites depois, eu acordo sempre em pânico, porque vem uma coisa que eu errei, que eu li quinhentas vezes e errei. Eu não sei, o cérebro faz isso com a gente, não é uma coisa séria, mas é uma palavra que tinha que ser diferente. E aí eu corro no meio da noite para o computador para checar. Ou é a palavra exata que eu fiquei dias procurando e não encontrei, e aí ela aparece. Ou eu acho que eu errei e não errei. Mas, eu passo várias noites assim, com essas paranoias, até eu ver a matéria publicada, eu sofro.

13- Além do desgaste físico, tem o desgaste metal. Até que ponto vai a Eliane pessoa e entra a Eliane jornalista?

Essa coisa de separar vida profissional de vida pessoal eu nunca separei. Eu não vejo como separar, porque ser jornalista, ser repórter não é o que eu faço, é o que eu sou. É um jeito de estar no mundo, de eu ser do mundo, isso não separa, isso sou eu. Então, eu nunca entendi isso de separar a vida pessoal da profissional, porque, para mim, a vida é toda misturada. Eu acho importante ser assim, pelo menos pra mim. Quando tu és repórter, além de fazer essa preparação de estudo, dessas negociações, dessas coisas muito objetivas práticas, tem que fazer um exercício interno. Que é aquele exercício de se despir de si, despir da sua visão de mundo, dos seus preconceitos, dos seus julgamentos. Tem que lembrar de que a gente não é juiz. De tudo aquilo que é nossa visão de mundo para ir o mais vazio possível, e ir em direção ao outro e escutar o outro em todas as suas verdades e fazer o caminho de volta preenchido por isso. Isso talvez seja a coisa mais difícil, se despir de si para escutar o outro, alcançar pela escuta aquele outro, aquele outro mundo. Viajar, desgaste físico, eu posso passar pelos maiores perrengues, mas isso não me cansa. Eu sou muito feliz fazendo isso. Já vivi os extremos, de exaustão física, de dificuldades, mas é maravilhoso. Essa exaustão mental, ela acontece nesse sentido. Quando eu empreendo o caminho de volta, que significa eu voltar para minha casa fisicamente, aí é difícil para mim. Porque eu me despi tanto, eu fui tão longe nisso, que é dentro e fora de mim, que é muito difícil para mim entender a minha vida diferente. Porque cada vez que eu volto, eu não sou mais eu. Sou eu acrescida dessa experiência. Eu já sou outra. Então, como essa outra que agora sou eu vive com essa realidade que parece a mesma, mas não é. Então, eu também tenho que me readaptar em casa, com meu marido, minha filha, com todo mundo. Então, eu levo uns dias fazendo isso. Às vezes, muito mais do que dias, então esse é um processo. Mas é um processo fascinante. O meu refúgio, quando as coisas ficam muito difíceis, quando eu preciso escapar de dentro de mim para dar um tempo de as coisas assentarem, é pelos livros. Eu todos os dias eu leio, em geral literatura. Eu leio no mínimo um livro por semana. Às vezes, um livro por dia. Porque esse é o momento em que eu vou para outro mundo, eu fico em outro lugar. E isso me ajuda a me costurar por dentro e por fora também. Então, todos os dias, para aguentar o dia que às vezes é difícil, eu leio. É assim que eu escapo para dentro.

14- Você não gosta de classificar o jornalismo que você faz. Mas que tipo de jornalismo é esse?

Eu faço jornalismo, eu faço reportagem. Eu sei que existem muitas categorias de jornalismo, sei que elas são importantes. Às vezes, até politicamente para ressalvar a qualidade do jornalismo. Mas, eu pessoalmente acho que tem o bom e o mau jornalismo. E eu tento fazer o bom jornalismo. Que é esse que se despe de si para alcançar o mundo do outro, que sabe que as palavras são importantes, que elas revelam uma realidade. Mas, que os silêncios também são importantes, que as ausências são importantes. Que o que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito. Que os móveis, as plantas dentro de uma casa também falam. Eu não me classifico, se alguém quiser me classificar não tem problema nenhum.

15- Depois que a matéria foi divulgada, você voltou a Castelo de Sonhos? Você tem contato com as pessoas de lá?

Não. Depois da divulgação da matéria, fui para outras partes da Amazônia muitas vezes. Mas para Castelo de Sonhos especificamente, não voltei. E não tenho contato, porque a Santa, que foi minha principal interlocutora, para a segurança dela, é melhor que não tenha contato. Nunca se sabe onde ela está, e é importante que eu não saiba. Quando eu encontrei com ela lá, eu não sabia de onde ela tinha vindo e nem sabia para onde ela ia, porque é melhor.

16- Existe alguma história que te marcou?

Eu não tenho uma, eu tenho muitas. Em geral cada reportagem que eu faço, é como se fosse à única mesmo. Naquele momento que eu voltei de uma grande reportagem, e eu ainda não escrevi, enquanto eu estava lá, aquilo era toda a minha vida. Então, a melhor reportagem é sempre aquela que eu estou fazendo no momento. Então, tudo isso me marca. Isso sempre me marca, tudo isso sempre me transforma. Mais do que isso, me transtorna, eu mudo. Eu acho que uma reportagem só acontece quando o que é contado se transforma em certa medida, e a gente que conta se transforma em certa medida. Quando esse encontro produz uma transformação, também nesse sentido. A gente não entra na vida dos outros impunemente, e isso é muito importante. Às vezes, eu me sinto habitada por uma multidão de vozes que são essas pessoas que me contaram suas histórias, que me contaram seu mundo. E, às vezes, eu me sinto em multidão nesse sentido. E cada uma delas me transformou um pouquinho. Agora tem algumas reportagens que, por diversas razões, permanecem em mim com uma marca maior. Como a matéria que fiz da Coluna Prestes, foi minha primeira grande reportagem. Foi quando conheci o Brasil, e isso mudou toda a minha vida, me tornou a repórter que eu sou. A reportagem que eu fiz acompanhando os últimos 115 dias da vida da Ilse. É uma reportagem que fez com que eu mudasse toda a minha vida. A reportagem que fiz que está no livro “Dignidade”, do Médicos sem fronteiras, me deixou uma marca muito profunda, especialmente pela Sônia, uma menina de 11 anos que tinha Doença de Chagas, com quem eu tive uma relação muito especial. Me deixou essa cicatriz, que foi por muito tempo uma ferida, hoje acho que é uma cicatriz, às vezes, eu não sei. Todas as reportagens que eu fiz na Amazônia, o pessoal do ‘Povo do Meio’, quando fui pra lá em 2004. Eu fui a primeira repórter a ir lá. Eu conheci um jeito de viver, pessoas me ensinaram tantas coisas, e esses, às vezes, eu encontro quando eu vou para a Amazônia. Às vezes, acontece. Especialmente o Raimundo Belmiro, que era um dos ameaçados de morte. Quando eu fiz a matéria, eu não o conhecia. Mas, aí eu fui conhecê-lo quando fiz a matéria ‘Povo do Meio’. E, depois, quando fui escrever sobre Belo Monte, eu, por acaso, o encontrei, e o Raimundo estava ameaçado de morte, sem proteção. E aí eu fiz outra matéria. Enfim, as coisas vão se cruzando. Então, tem muita gente, e eu sou grata a todas essas pessoas.

17- O jornalismo mudou muito. Mesmo com a correria diária, ainda é possível fazer jornalismo investigativo, produzindo grandes reportagens nas redações?

Eu comecei minha vida de repórter em 1988, naquele tempo já se falava que o jornalismo tinha piorado, que não era mais possível. Eu tenho a impressão de que em todas as épocas se falou a mesma coisa. É claro que tem mudanças, mas eu acho que isso depende, sim, bastante da gente. Do quanto você está disposto a se dar para que isso aconteça. Primeiro, acho que fazer jornalismo diário é muito digno e muito importante. Eu fiz algumas matérias que são muito especiais para mim, fazendo duas, três pautas por dia. Porque tu podes ter um mês para contar uma história, mas se tu não souberes enxergar, não vais conseguir contar nada que já não tenha sido contado. E se souberes olhar, se olhar para ver, vai fazer aquela pauta no teu dia, no teu cotidiano e vai voltar para a redação naquele dia para escrever e publicar no dia seguinte, e tu vais ter enxergado alguma coisa. Então, depende muito também da sua disposição de olhar para ver. Então, é possível fazer jornalismo diário de qualidade. Assim como eu acho que hoje continua e sempre foi possível. Às vezes, com mais, às vezes com menos dificuldades. Mas, é claro que, às vezes, o custo é muito alto, não é fácil, dá muito trabalho, muita incomodação, muitos embates dentro de uma redação. Não é uma vida fácil, esse caminho não é o mais fácil, é o caminho mais difícil. Mas, acho que é o caminho que vale à pena, acho que é o único que vale à pena. E acho que hoje nós vivemos um mundo muito interessante, porque o jornalismo está numa grande discussão dos rumos para onde vai, e eu acho que a reportagem se fortalece neste debate. Porque hoje, com a internet, as vozes foram ampliadas, há muito mais narrativas. A reportagem se impõe como aquela narrativa profunda que trás o contraditório, que trás a complexidade. Se hoje você tem que disputar com tantas narrativas, quer dizer que quem vai conseguir ser escutado é quem vai conseguir escrever, trazer o mundo com complexidade, e esse é o papel da reportagem. E se está tentando várias formas de fazer com que isso aconteça, de que a reportagem seja possível. As pessoas estão tentando modelos de financiamento coletivo, financiamento de massa. Há experiências, como a agência pública, que está sendo financiada não por publicidade, mas por fundações. Tem a Repórter Brasil. Tem a imprensa tradicional que também está ali reinventando seus caminhos. A gente está em um mundo rico, que dá muita angústia por não saber o que vai acontecer, mas também é um momento de possibilidades. Então, sempre que a gente se perde um pouco, quando a gente se encontra é de um jeito mais rico. Então, acho que é um grande momento. Acho que esse momento em que vocês começam, ainda que seja angustiante, porque é um caminho movediço, um caminho que não dá nada, que precisa ser construído, é muito rico, é muito possível. Então, não tenho a menor dúvida, de que é sim possível fazer grande reportagem, mas não é fácil. Nunca foi fácil. Se tu quiseres ter uma vida tranquila, onde tu sabes exatamente o que vai acontecer no dia seguinte, na semana seguinte, o que acho que não é uma vida ruim. Eu acho que cada um tem sua escolha, então esse não é o caminho. O caminho da reportagem é um caminho que tu nunca sabes o que vai acontecer quando tu virares a esquina. Tu tens que gostar de não saber, conseguir se manter nesse vazio. Às vezes, alcançar e ir em direção ao mundo do outro. É sempre um ponto de interrogação. Tu não sabes o que vai acontecer e tu tens que gostar disso.

18- Após a apuração, com você faz para colocar tudo no papel? Como lida com essa riqueza de informações e decide o que vai ou não entrar na matéria?

Eu sempre escrevo muito nos meus bloquinhos. Uma semana de viagem rende para mim uns dez cadernos cheios de cem páginas, por causa do respeito da palavra exata. Eu não posso dizer mais ou menos o que a pessoa disse, porque a gente lida com as palavras. Então, se alguém disse de um jeito, é aquela palavra que ela escolheu. Desde Freud, a gente sabe que é aquela palavra, não é outra. Então, eu tenho muitos bloquinhos. Ao mesmo tempo, eu também gravo e então eu transcrevo, onde eu tenho algumas dúvidas ou eu acho que não posso ter anotado direito. Eu tenho uma grande angústia hoje, quando eu estou do outro lado, como eu estou agora dando essa entrevista, de as pessoas nem anotarem. Eu fico apavorada com isso, eu acho uma falta de respeito total você confiar na sua memória diante da história do outro. Eu acho inadmissível isso. Então, as minhas apurações são muito extensas. E aí o que faço, eu leio tudo e vou marcando com diferentes cores para classificar o que deve entrar na matéria, o que eu devo pensar mais um pouco. E aí eu tenho meus próprios métodos de organização, então eu leio tudo e vou assinalando tudo. E aí vou anotando tudo, em meus bloquinhos. Há muito do que eu vou sentindo ao longo do processo. Então, primeiro eu leio e vou fazendo minhas marcações. Depois eu só leio o que eu marquei, aí eu começo a escrever sem olhar para nada. E um outro filtro que eu uso: aquilo que ficou em mim é, em geral, aquilo que foi mais importante. E aí eu escrevo. Eu não gosto de escrever tendo que olhar, procurar, aí eu estou dentro, sai tudo e eu escrevo. Quando eu termino de escrever, aí eu vou checar nessa material, se a frase era aquela mesma, se a data era aquela, tudo eu vou checar. Daí eu checo nas minhas marcações se eu deixei algo importante de fora, e aí eu avalio se vale à pena entrar ou se o outro filtro me mostrou que ela não era tão importante, já que as coisas se articularam de uma outra maneira. Aí depois que eu fiz essa checagem, eu vou reler o texto mil vezes e fazer aquela sintonia fina. Texto assim tem sempre que pernoitar. No outro dia, você tem mais distanciamento. Em jornal diário, no qual trabalhei 11 anos, não dá para fazer isso. Mas em revista dá. Isso dá muito trabalho, e em geral falta tempo, então, às vezes, a gente fica uma semana sem dormir, mas é pelo respeito ao outro que contou sua história e pelo respeito à gente mesmo que isso é o que eu dou para o mundo. Isso é a minha voz no mundo. Eu não posso fazer qualquer coisa. E aí depois tem todo aquele processo de escolher as fotos, de diagramar.

19- Como você lida com a informação em off?

Depende de cada contexto. Primeiro a pessoa tem que ter uma boa razão para não se identificar, por exemplo, especialmente quando ela denuncia alguém, ou alguma coisa, ou está fazendo uma acusação grave. Ela tem que ter uma boa razão para não ser usada por alguém que está querendo ferrar o outro, mas quer te usar como um meio, mas tu tens que fugir disso, tem que garantir isso que não está acontecendo. E depois tem que checar aquela informação que ela deu, conseguir comprovar aquela informação com outras fontes, mais de uma fonte confiável, com documentos. Enfim, aí depende do caso. Tem que ser muito responsável com isso. O off não é simplesmente a pessoa diz qualquer coisa e você vai lá e bota. Não é assim, isso é só o começo da história, depois tem um longo processo, para sabe se aquele off é verdade.

20- Que lição você tira dessa reportagem?

Eu acho que não é uma lição, mas todo esse processo de escuta. Em cada reportagem, eu aprendo a escutar melhor. Agora uma me deixou umas coisas próprias, singulares que pertence a ela. Como a Coluna Prestes, que me ensinou sobre o Brasil, sobre o povo brasileiro. Eu era uma gaúcha que conhecia uma determinada realidade, mas que não conhecia todas as outras. É a partir da frase da Ilse, da matéria “da vida e da morte”, que ela diz logo nos nossos primeiros encontros. Ela afirma: ‘quando eu tive tempo, eu descobri que o meu tempo tinha acabado’. A partir dessa frase dela, que é uma frase engrandecida por tudo aquilo que eu vivi com ela durante os 115 dias, que faz transformar minha vida praticamente. Internamente primeiro, e, é a partir daí, que eu decido não ter mais emprego, criar outras vozes para mim, com uma voz na ficção, que eu decido um monte de coisas. É a partir dessa frase, que não é só uma frase. Ela só faz sentido diante de todo aquele entorno. Então, cada matéria vai ter algo assim, mais forte ou menos. Às vezes, mais transtornante, às vezes, mais lírico.

**APÊNDICE III:** ENTREVISTA *Daniela Arbex*

1-Como surgiu à ideia da pauta?

A ideia da pauta do holocausto surgiu muito casualmente. Em 2009 eu fui fazer uma entrevista com um vereador de Juiz de Fora que era o psiquiatra José Laerte, que hoje é Secretário de Saúde. E no meio da conversa ele disse “a Dani antes que eu me esqueça você precisa ver isso”. Ele tirou da gaveta um livro com imagens feitas no hospital Colônia em 1961 pelo fotografo da revista “O Cruzeiro” Luiz Alfredo. Fiquei tão impactada quando vi aquelas imagens que lógico, a entrevista acabo ali naquele momento. E eu fiquei me perguntando, folheando o livro, eu não acreditava naquilo que eu estava vendo. Aquelas imagens remetiam a um campo de concentração, e eu fiquei me preguntando como minha geração não sabia nada sobre aquela história. Mais tarde eu vinha a descobrir que o Brasil desconhece essa história. Então, a ideia surgiu aí a partir do impacto que essas fotos me causaram.

2-Diante disso qual foi o próximo passo, você tentou apurar ante de chegar na redação?

Eu cheguei na redação completamente ansiosa. Cheguei para minha chefe e disse olha eu tenho uma história incrível, a gente precisa contar, a gente tem que ir a Barbacena ver o que restou do pior capítulo da psiquiatria mineira e ai a minha chefe me disse que não era o momento de fazer essa matéria, porque o jornal precisa de mim em outras pautas especiais, então que não era o momento. E esse não era o momento durou dois anos. Eu fiquei dois anos, esperando que comprassem a minha pauta. Aí em 2011 quando as fotos do Luiz Alfredo completaram 50 anos eu fui vender de novo. Daí eu embrulhei a pauta para presente dizendo para contarmos essa história a partir das vítimas e das testemunhas fotografadas pelo Luíz Alfredo 50 anos depois. E ai essa embalagem era irresistível e o jornal me liberou para fazer essa matéria.

3-A partir daí como começou seu processo de apuração?

Eu levei 30 dias para fazer essa apuração, o que é um período muito rápido. Quando fui fazer essa reportagem fui a Barbacena uma única vez. O que é nada. Eu fiquei lá o dia inteiro, cheguei lá de madrugada, saí de lá de noite praticamente 24 horas, mas não é nada para você apurar e conseguir mais informações. Só que nesses 30 dias eu fiz muitas entrevistas pelo telefone, que não é o ideal, mas a gente não tinha como disponibilizar um carro para fazer todas as viagens necessárias. Às vezes a gente chegou a dormir no carro do jornal para não ter que gastar diária. Então, eu passei 30 dias fazendo entrevistas, eu entrevistava uma pessoa, daí ela ia e indicava outra. E encontrando documentação no arquivo do hospital. Para entrar precisamos negociar como o diretor do hospital. E aí uma pessoa falava, que a filha da fulana que nasceu dentro do hospital estava trabalhando em tal lugar. Daí eu ia nesse lugar, mas ela não estava mais. Daí, foi um intenso processo de pesquisa e de investigação. Mas, eu tive muita ajuda dos próprios funcionários do hospital, alguns ainda trabalhavam lá e que se lembravam daqueles rostos. Foi a partir dessa visualização das imagens, eles folhearam centenas de vezes é que eu encontrei os sobreviventes mais importantes para a matéria.

4- Como você chegou às fontes oficiais?

Muitas pessoas foram importantes nesse processo de abertura não só do hospital Colônia, mas, dos hospitais mineiros da reforma psiquiátrica. Algumas pessoas foram fundamentais no processo de abertura dos porões da loucura ao longo da história. E foram essas pessoas que eu comecei a procurar. Algumas já eram conhecidas como o cineasta Hélvecio Raton, que foi responsável por fazer o documentário “Em nome da razão” em 1979, que foi fundamental para a reforma psiquiátrica em Minas e a reforma psiquiátrica brasileira. A partir disso eu fui procurando os psiquiatras em Belo Horizonte e ouvi o governo do estado sobre isso. O próprio governo do estado publicou em 2008 um livro que tinha as imagens do Luiz Alfredo em que se fazia comentários sobre o que foi a Colônia e isso me ajudou muito nesse processo inicial de uma apuração rápida. Por que essa apuração de mês foi só para fazer as matérias. O livro eu demorei um ano de pesquisa. Refiz todas as entrevistas só que desta vez pessoalmente. Eu fui pelo menos 50 vezes a Barbacena. Fui a três estados brasileiros para estar pessoalmente com todas aquelas pessoas e olhar no olho. O trabalho foi muito ampliado mesmo e acho que o resultado também foi melhor do que a série de reportagens, que já foi incrível. Já serviu para dar uma boa mostra do impacto que essa matéria causaria.

5- Já em Barbacena, quais foram as maiores dificuldades que você teve de encontrar as fontes, as pessoas que viveram lá e que ainda estavam vivas?

Em Barbacena eu não tive tanta dificuldade para localizar os sobreviventes, porque muitos deles estão vivendo hoje em serviços residenciais terapêuticos e eu tive ajuda de psicólogas e assistentes sociais que trabalham com essas pessoas. A maior dificuldade na verdade foi extrair deles as histórias, porque muitos estão sequelados em função do meio século de interação. O próprio fato de lembrar dessas histórias, histórias tão dolorosas é difícil. Não era chegar e falar “me conta sua história, vem cá me fala como foi isso”. Não era isso. Eu precisava me apresentar, fazer com que essas pessoas confiassem em mim, que elas tivessem liberdade, se sentissem a vontade comigo do que foram, do que sofreram. Algumas mulheres foram violentadas, e aí são temas duríssimos. Então, na verdade foi um contato, um primeiro contato de apresentação e depois eu voltei várias vezes em vários personagens para que eles sentissem segurança e me confiassem seus segredos, suas histórias. Foi isso, um processo de muita paciência e eu tive muita vontade de fazer. E eles também, quando se sentiram seguros com muita vontade de contar. Mas também com muitas limitações da fala, da memória enfim essa foi a maior dificuldade.

6- Falando de documentação, de pesquisa para apurar a matéria como você trabalhou com isso e como você normalmente trabalha nas suas matérias?

No caso do holocausto especificamente, eu contei com a documentação do hospital, não tive acesso irrestrito foi um acesso restrito dentro do que me foi permitido. Eu consegui extrair bastante documentação. Como por exemplo, que comprovava a venda de corpos para 17 faculdades de medicina do país. Foram vendidos 1853 corpos e aí eu recolhi uma documentação muito importante lá. Fui também no arquivo público mineiro em Belo Horizonte para tentar resgatar os documentos oficiais, para entender um pouco como funcionava essas internações. E aí lá no arquivo público a gente conseguiu documentos muito antigos de 1911, 1914, que mostravam que essas pessoas eram internadas não por loucura, mas eram internadas pela vontade de um delegado, internadas porque eram tímidas, porque a menina brincava na rua com o menino e não tinha um comportamento adequado para a época. Então, essa documentação também me ajudou muito na realização da matéria. Eu fiz muita pesquisa, porque na verdade eu precisava ambientar também o que estava acontecendo no Brasil naquele momento, e aí isso foi um trabalho de garimpo mesmo, e é o trabalho de garimpo do jornalista que ele tem que fazer. Nenhuma pauta, que aliás isso não é nem pauta, isso é uma matéria que a gente corre atrás. Eu não tenho pauta pronto, sempre sugiro minhas matérias. Então, assim nenhuma pauta nasce grande, elas são sempre sugestões. Geralmente elas são um indício, uma ideia como foi, na verdade eu não sabia o que o holocausto viraria, mais eu sabia que era uma coisa muito importante e que o Brasil precisava conhecer essa história. E é um trabalho de garimpo, ir no cartório, no fórum, em órgãos públicos. Com o tempo e com a realização dessas matérias investigativas eu já tenho por hábito sempre fazer, percorrer todo esse caminho, de ir a esses lugares, de checar documentação. Então, hoje para mim é mais fácil, não que seja simples, mais eu sei onde buscar. O jornalista que quer fazer uma matéria de qualidade ele precisa percorrer esses caminhos, e ele não pode ter preguiça de checar documentos, arquivos, processos, isso é fundamental em qualquer matéria que a gente venha a fazer.

7-Você falou que nenhuma pauta nasce grande, a partir de que momento você percebeu que a sua sugestão viraria uma grande reportagem?

Na verdade a matéria do holocausto eu tinha certeza, desde quando eu vi. A minha chefe me disse uma coisa muito interessante depois que as reportagens saíram. E ela me disse “Dani eu tenho que reconhecer que o seu olhar, as vezes você vê aquilo que a gente ainda não viu”. Então, naquele momento que eu levei a pauta pela primeira vez, ela não foi considerada tão importante, mas eu tinha certeza absoluta que 60 mil mortos é importante em qualquer época e que a verdade tem força em qualquer momento. Não importa que essas pessoas já morreram, agente precisa dizer para o Brasil que essas pessoas morreram, o que aconteceu com essas pessoas nem que seja 50 anos depois. Essa é uma matéria que já nasceu grande, essa contraria tudo. Essa eu já sabia que era uma coisa grandiosa, era uma grande história. Eu só não sabia se as pessoas teriam o mesmo impacto que eu tive, como as pessoas receberiam essa história. Mas, felizmente elas foram contagiadas e envolvidas pela história da mesma forma que eu, isso foi muito importante eu acho.

8-No momento que você sentou para escrever a matéria teve alguma coisa que você falou que você se arrependeu de não ter colocado, ou que você achava muito importante e não pode colocar por causa de paginação do jornal?

Sempre tem, e agente sempre pensa que perguntou tudo, mas na hora que você vai escrever falta alguma coisa, você pensa que isso aqui era tão óbvio porque eu não perguntei. Então, sempre tem. Nas matérias do jornal foi um resumo da história, na verdade eu tinha muito mais material, imagens eram mais de 300 imagens e a gente não aproveitou quase nenhuma. Então, eu fiquei com aquela sensação de que eu podia ter contado muito mais. Por isso, o livro surgiu. No livro eu tinha o espaço que eu quis, eu escrevi quantas páginas eu queria escrever. Publiquei o número de fotos que eu queria publicar, quantos documentos eu queria divulgar. Tinha a paginação que eu queria. Porque todas as pessoas que eu entrevistei, a maioria cerca de 90% eu consegui as fotos dela da época e de hoje. Eu queria ter trabalhado o tempo todo no jornal com isso, e a gente vez isso de uma certa forma, trabalhando com o ontem e o hoje, mas de uma forma tímida, por uma questão de espaço. E no livro a gente conseguiu fazer isso. Mas, essa hora de sentar para escrever é uma hora de desespero, porque é a hora que a gente sofre mais, porque a gente tem tanta coisa rica e a gente se sente incapaz de passar tudo para o papel, para gente isso é muito frustrante. Então, é uma hora dura, de sofrimento, é uma hora dolorosa o momento de sentar para escrever.

9- E depois da matéria escrita, ela passou pela mão de um editor? E depois que você leu?

A minha matéria não foi mexida em nada, graças a Deus eu não tenho esse problema. Esse respeito que eu acho com o repórter é uma coisa muito legal que eu desenvolvi com as minhas chefes. De que mesmo que elas não concordem e que a gente precisa diminuir, elas nunca mexem na minha matéria sem eu estar perto, sem ser uma coisa de consenso. Essa matéria minha não foi mexida. Praticamente toda a matéria que ela foi colocada foi publicada, se mexeu em alguma coisa foi por falta de espaço, mais eu estava junto, participei e aprovei até o final. Por que isso também é trabalho do repórter, é engraçado que o repórter acha que terminou, escreveu e pronto ele vai embora. Não, terminou, escreveu, agora vai sentar para editar junto com seu editor e vai ajudar a pensar como aquela página vai ser, onde as imagens vão entrar. É um trabalho completo, não é só escrever, virar e ir embora e amanha ver o que saiu no jornal. A gente tem fazer até o fim. E isso eu sempre fiz desde o início, eu sempre fui muito ciumenta com as minhas matérias. Então, eu não saía do jornal enquanto a minha matéria não fechava, sempre foi assim. Às vezes a matéria fechava meia noite, e eu estava lá com meus editores, por que eu não deixava minha matéria assim, a Deus dará.

10- Falando de uma área que os repórteres investigativos esbaram é nas questões éticas, até que ponto o jornalista pode ir para poder contar as histórias de uma ou mais pessoas. Você teve alguma barreira, que você parou para pensar até que ponto você podia ou não ir?

Eu acho que o meu limite ético é o seguinte, eu sempre pergunto será que o que eu estou contando é importante, tem interesse histórico, tem interesse público, é isso. Se o que vou contar tem interesse público, for importante para a sociedade eu vou publicar. Agora se for uma coisa pessoal que desrespeita só aquela conduta daquela uma pessoa, aí não. Então, teve assim, muitos limites emocionais, eu lidei com histórias muito duras, difíceis, mas eu não me censurei. Na hora de colocar no papel eu coloquei tudo. É difícil, como é que você conta um estupro, como é que você conta a história de uma mulher que está no livro que foi violentada pelo patrão quando ela tinha 14 anos. E eu não tive pudores, eu coloquei claro, que com alguns cuidados, tudo que eu pude colocar. E quando eu li essa história pelo telefone para o filho dessa mulher, por que eu queria que na verdade as pessoas que eu contasse à história, que elas se sentissem representadas verdadeiramente no livro. Eu não queria que elas falassem que não foi bem assim que aconteceu. Então, eu liguei para a maioria das pessoas para falar, é isso mesmo, era isso que você quis dizer quando me disse aquilo. Não mandei os capítulos, por que eu não podia óbvio, por uma questão de sigilo. Mas, eu li e foi muito legal a reação das pessoas que choravam no telefone e diziam meu Deus é exatamente isso, como que você conseguiu, essa é minha história e foi muito bonito ver essa reação. E mesmo quando eu falei, olha esse capítulo está muito forte, talvez você vai ficar chocado com a história que aconteceu com a sua mãe e eu li para ele, e ele ficou chocado. Mas, ele achou que mesmo eu tendo colocado que eu fui respeitosa. Foi lindo.

11- Você falou da questão emocional, até que ponto você foi como jornalista e até que ponto você sentiu que estava esta ultrapassando essa linha. Ou o tempo todo ultrapassou e você acabou se envolvendo?

Eu me envolvi, porque eu me envolvo. Eu sou dessas jornalistas que defende que não existe imparcialidade no jornalismo. E eu acho na verdade, que como você vai contar uma história sem emoção. Se você não se emociona, se aquela história não te toca, você não vai tocar ninguém. Quando você for escrever, vai parecer um relato de boletim de ocorrência, aconteceu a tantas horas, em tal lugar, e não é assim. É a vida das pessoas. E a todo momento eu me emocionei. Foi difícil, porque eu estava em um momento da minha vida privada muito sensível, eu tinha acabado de ter meu filho. Ele estava com quatro meses quando eu comecei a viajar, foi difícil essa decisão de deixa-lo para viajar, eu ainda estava amamentando. Mais, ao mesmo tempo ter meu filho nesse momento foi muito importante porque eu entendi a dor dessas mulheres que tiveram seus filhos roubados ao nascer, arrancados dos braços. Uma das entrevistas que foi com a Débora, uma das meninas que foram doadas ao nascer com dez dias de vida, e eu a encontrei, hoje ela tem 27 anos. Eu não consegui terminar a primeira vez, eu só chorava. Imagina o repórter chorar no meio de uma entrevista, isso não é adequado. Mas, o que é adequado. Eu sou ser humano também e isso me tocou profundamente, foi bom para mim. Eu me envolvi com aquelas pessoas, me envolvi tanto que até hoje nós mantemos contato. Eu mantenho um contato muito próximo com o Luiz Alfredo, eu ligo para ele no seu aniversário, ligo para saber como ele está. Eu acho que eu ganhei muito com o holocausto, eu fiz amizades, eu ouvi relatos das pessoas que estão me dando retorno do livro pelas redes sociais, dizendo que eu faço parte da história delas hoje e elas fazem parte da minha. Uma das vítimas da Colônia me disse que se impressionou com a coragem que eu tive de chegar até ela e abordar um assunto tão delicado, tão difícil. Mas, que ao mesmo tempo eu demostrei sensibilidade me dizendo que hoje eu fazia parte da história dela, da história do seu filho, e que quando meu filho crescer, vai ler e entender o que eu passei. Nossa gente isso, é muito importante, eu me envolvi muito e me envolvo com essas pessoas até hoje. Essas pessoas também entraram na minha vida, assim como eu entrei na vida delas.

11- Depois da divulgação da matéria, você esperava que esse retorno fosse tão grande como foi?

Eu fiquei com uma expectativa muito grande. Intimamente eu intuía que ia ser. Me impactou tanto, que eu tinha certeza de que as pessoas também ficariam comovidas. Mas, eu não esperava que fosse daquela forma. Foi muito impressionante. Foi avassalador na verdade. O nosso site bateu recordes de acesso, ficou completamente congestionado. A gente teve jornais sendo reservados nas bancas da cidade, e isso foi inédito. Muito interessante, quando as pessoas passaram a ligar para o jornal reclamando que os jornais estavam todos reservados e que não tinha como comprar. Então, foi muito gostoso ver que as pessoas não perderam a capacidade de se indignar. E ao mesmo tempo eu temia a reação das pessoas, primeiro por ser um assunto muito duro e depois porque eu coloquei um dedo na ferida. Quando eu disse, que as famílias e o estado, todo mundo se omitiu, era verdade. Porque, uma violação dos direitos como a própria Eliane Brum falou na coluna dela, ela não se perpetuou por tanto tempo se não tivesse conivência de muita gente. Isso também foi uma coisa muito interessante. Porque quando eu fui entrevistar as pessoas que eram funcionárias na época, na verdade eu estava colocando o dedo na ferida e dizendo vocês não fizeram nada. Foi uma conversa difícil. E ao mesmo tempo, eu tinha que ter respeito por aquelas pessoas. E isso foi muito interessante, no começo quando eu fiz as entrevistas com os funcionários que participaram daquilo seja porque não fizeram nada, seja porque não testemunharam, seja porque também fizeram, elas falaram o que elas poderiam fazer, o discurso era esse. “Para quem eu ia denunciar”. Mas, no final todo mundo fazia meia culpa. No final todo mundo falava que podia ter feito alguma coisa, que podia ter evitado muitas mortes. Foi quase um confessionário. Foi muito interessante, porque a reação foi comum, todas as pessoas mesmo endurecidas falavam que fez sua parte, porque nunca bateu em ninguém. E diziam se batiam não era no seu plantão, e no final todas elas se entregavam. Elas falavam eu podia ter feito alguma coisa, mas eu não fiz. Todas as pessoas. Foi incrível isso. Muito interessante.

12- Além de divulgar essa história, quais foram os frutos que ela gerou?

Alguns frutos interessantes. O principal, que acho, foi o Governo de Minas que reconheceu oficialmente a culpa pelas mortes em massa dentro do hospital, que foi uma omissão. Esse foi um efeito imediato importante. Outro, é que abriu caminho para uma reparação judicial, algumas famílias estão acionando a Justiça para buscar uma reparação. Mas, eu acho que o mais importante, foi o fato das pessoas saberem o que se passou diante dos muros do hospital. Porque o que ficou para a história, era que Barbacena era cidade de loucos, que só tem gente doida. Então, sempre de uma forma muito jocosa, com muito deboche e as pessoas não sabiam do que elas estavam falando. Eles ouviram falar. E quando a gente mostrou que isso realmente aconteceu, comprovadamente, com documentos, com imagens. É totalmente diferente. Não foi uma coisa, Barbacena é capital dos loucos, é aquela coisa engraçada. Não tem nada de engraçado nesta história. Eu acho que essa é a história mais trágica do Brasil. Tirando a ditadura, a história da Colônia é a maior tragédia do Brasil. Então, era o que eu queria. Isso era mais importante, que as pessoas conhecessem essa história. Isso foi possível com a série de matérias, e vai ser mais possível ainda com o livro, com a divulgação ampla que está sendo feita na internet, nas redes sociais. Eu acho que ai sim eu vou dar a minha missão por cumprida. De que agora todos conhecem a nossa história e aí cada um vai ver o que vai fazer com ela. Que processo de reflexão que isso vai gerar. Era exatamente o que eu queria. Já me perguntaram, será que essas pessoas vão ser punidas. Eu não tenho essa pretensão, porque são crimes que aconteceram há 50 anos atrás. Se acontecer uma punição, seria maravilhoso, mas a minha pretensão não é buscar punição dessas pessoas. A minha pretensão é transformar essa história em um momento de reflexão, para que a gente pense o que o Brasil está fazendo das suas políticas públicas, dos seus modelos de atendimentos psiquiátricos, dos seus modelos de segregação, que tira sempre o que incomoda da visão e encarcera. Eu acho que é isso. Para gente pensar em como tratamos nossos presos, nossos adolescentes em conflito com a lei, os pobres, os negros, os gays. O papel desse livro é fazer a gente pensar. E ele vai fazer. Eu espero, eu torço muito para que faça.

13- Você comentou em algumas palestras que você deu que o hospital continua lá e que mudou pouco. Quando você viu as fotos e depois foi até o hospital, mesmo tendo passado tanto tempo você sentiu a mesma coisa?

Eu senti, e era a minha preocupação o tempo todo. Quando eu entrei lá eu falava gente isso vai ser tão pesado, eu pensava meu Deus eu preciso me concentrar no que eu vou fazer. Porque tem toda uma vibração, uma dor mesmo, é uma coisa pesada. E o hospital mudou pouco, os pavilhões estão desativados, mas eles estão lá. Então, você tem o museu da loucura que tem muitos materiais que foram utilizados, inclusive o era usado para dar choques. Então, foi mesmo uma volta ao passado, foi um mergulho na história. Tem um pavilhão lá que chama Antônio Carlos, muito bonito por fora, lindo. E era o pavilhão das mulheres, onde muitas delas ficarão presas, trancadas em celas. E as porta de madeira ainda estão lá. E eu pedi ao fotógrafo que me acompanhou para sair da sala, e me fechar lá, porque eu queria tentar entender o que aquelas mulheres sentiram. É um exercício mesmo, de imaginar como era aquilo. De olhar para aquelas paredes e pensar meu Deus o que aquelas pessoas passaram aqui, o que elas sentiram, o que é ficar presa aqui. Eu saí de lá esgotada. Todas as vezes que eu fui, saía esgotada. Porque é uma coisa que mexe, quem lê esse livro e não ficar tocado não vai se tocar por nada nesse mundo. Porque não tem jeito.

14- Depois da matéria, você já tinha pensando em escrever o livro, como foi isso?

Depois da divulgação da matéria, as pessoas queriam saber mais, me perguntavam muito. Lá na redação, foi muito legal, os colegas participaram, torceram , perguntavam o que ia sair no dia seguinte, alguns diziam que precisam saber e que não conseguiam nem dormir. Quando eu percebi que as pessoas queriam saber e ler mais, eu pensei em escrever um livro sobre isso. E aí foi muito interessante que eu ia me inscrever na Lei de incentivo a cultura, a lei Murilo Mendes. Mas, antes quando eu estava preparado a inscrição para tentar viabilizar a publicação do livro preenchi a ficha e poucos dias antes de mandar eu fui dar uma palestra em Brasília convidada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância, já que sou jornalista amiga das crianças pela Andes, em um evento importante que eles iam dar. Eu fui e reencontrei o jornalista o Lúcio Vais, que trabalhava na Folha de São Paulo. E aí a gente saiu para conversar. A gente se conheceu em 2009 em um prêmio no Peru que ganhamos de melhor reportagem investigativa na América Latina e a nossa matéria foi à zebra do evento. E nós ficamos muito amigos, não só dele, mas de todos os jornalistas brasileiros que estavam lá. Ele tem dois livros publicados, super reconhecidíssimo, super jornalista brasileiro. A gente saiu para tomar um café e eu disse a ele que estava pensando em escrever um livro sobre a história do holocausto, que eu estava entrando na lei de incentivo a cultura da minha cidade. E ele me disse “Dani que louca, que lei de incentivo, você precisa de uma grande editora”. E ai eu disse que não conhecia ninguém, e ele mais eu conheço, e vou te apresentar a minha. Eu confesso que eu não acreditei, achei que era papo furado. Isso foi numa quinta-feira, na sexta eu cheguei em Juiz de Fora e já tinha todo o material para mandar para a lei, então mandei para ele na sexta de manha. E a noite ele mandou para a editora. Uma hora da manhã de sábado o dono da editora disse que queria a história de qualquer jeito. E aí ele me disse, o livro está pronto e eu não, eu estou começando a apurar. E ele me disse mãos a obra o livro é para ontem. E foi assim, foi meio que até no susto. Porque eu ia fazer no meu tempo, e acabou que foi no meu tempo, demorou um ano para ficar pronto. E ele falou “já era para ter começado, disse o que estava esperando”. E aí foi assim que aconteceu.

15- Qual a diferença de escrever uma grande reportagem e um livro reportagem?

Tem uma diferença enorme. A responsabilidade é a mesma, mas a linguagem é totalmente diferente. Numa grande reportagem você tem que pegar o leitor pelo lide da matéria, você tem que contar tudo ali para o cara ir até o fim. No livro não, você não tem o compromisso de contar tudo, você nem não pode contar tudo. E foi uma versão romanceada. Eu pirei, eu fiquei dois meses olhando para o computador, e o computador olhando para mim. Eu chorava e falava que não sabia escrever livro, o que eu fui inventar. E aí eu liguei para o Lúcio, e falei que eu sabia escrever livro, que ele não ia sair. E ai ele disse Dani o primeiro capítulo está pronto. Eu disse, está, mais ou menos. E ele manda para mim, então, para eu dar uma olhada. Aí eu mandei para ele, e ele me respondeu assim, uma obra prima, eu não sabia que você era uma escritora nata. Aquilo para mim foi uma beleza, eu deslanchei. Fiquei tão agradecida, tão confiante com aquele incentivo, com aquele carinho que eu comecei a escrever e não parei mais. Foi um processo muito difícil, eu aprendi muito escrevendo o livro. Eu não sei nem se eu escrevi direito, eu espero que as pessoas gostem e achem como o Lúcio, que é uma grande obra. Eu aprendi muito mesmo, foi um exercício muito interessante.

16- Por que do nome holocausto?

Desde o primeiro minuto que eu peguei aquelas imagens, esse foi o nome que eu dei para a primeira matéria “Holocausto Brasileiro” foi no título inclusive. Porque naquele momento que eu peguei aquelas imagens, eu vi ali um campo de concentração, isso já me deu uma ideia de holocausto. Pelos números de pessoas, pelo fato das pessoas terem sido enviadas para lá por vagões de carga da mesma forma que acontecia na segunda Guerra Mundial, em que os judeus eram enviados por vagões de carga para os campos de concentração. Pelo fato deles serem mandado para lá para morrer, porque as pessoaS que entravam raramente saiam. Era tudo tão parecido e a extensão dessa tragédia. Recentemente eu fui até contestada por um rapaz por causa desse nome. O nome não é sensacionalista, eu argumentei com ele que tem todos os motivos para ser sim um holocausto, e como o livro era meu eu colocava o nome que eu quisesse. E foi um holocausto no Brasil, o que confirmou que isso era o nome certo foi o fato das pessoas não saberem que nós vivemos um holocausto, e de que a gente chorava até hoje pelo holocausto nazista, por tudo que aconteceu na segunda Guerra Mundial. E ignorar que nós também vivemos essa realidade, que nós também encarceramos. Era um campo de concentração. Se você tem cinco mil pessoas em lugar inicialmente projetado para duzentas, essas pessoas passavam fome, passavam frio, morriam de doenças curáveis, eram torturadas, levavam choques, qual é a diferença do holocausto nazista. Porque lá morreram nove milhões e por isso, não dá para comparar. Eu acho que se você perder uma vida nessas condições, já é muito grave. Então, é um holocausto brasileiro, nunca tive dúvida desse nome.

17- Qual é a maior lição que você tira dessa matéria?

Eu acho que o maior aprendizado do “Holocausto Brasileiro” foi ter visto até que ponto nós somos capazes de chegar. Como que a gente pode ter sido tão cruel, como a sociedade pode ser tão omissa, como que a indiferença produz a barbárie, o extermínio. Eu acho que essa é a lição. Eu sempre fui muito incomodada com as questões sociais, com as justiças. Eu sempre briguei, lutei eu fiz da minha carreira na verdade uma luta e defesa dos direitos humanos sempre, isso é uma marca do meu trabalho. Mas, esse livro me deu mais força, para continuar lutando, para continuar brigando, para continuar sendo a voz, de quem não tem voz. Porque a indiferença provoca o extermínio e nós fomos indiferentes por mais um século. E nós não podemos deixar que isso aconteça nunca mais no Brasil, sob nenhuma hipótese, condição.

18- Qual foi à história que mais te marcou nessa matéria?

Olha eu falei para a Eliane Brum quando ela disse que ia contar algumas histórias na sua coluna na revista se eu me importava eu disse que estava morrendo de ciúmes dos meus personagens. E ela me disse que eles não eram meus. Exatamente, eles não são meus, eles são do Brasil. Todas as histórias foram muito especiais. A história da Débora me marcou muito pelo fato deu ter me tornando mãe naquele momento, e de eu sentir e conseguir materializar a dor dela. Eu coloquei isso na matéria e no livro, aquelas mulheres que tiveram seus filhos arrancados elas de fato enlouqueceram, porque é enlouquecedor você ter um filho e arrancarem ele de você, e você nunca mais saber do paradelo desse filho. Essa história sem dúvida é fantástica. Mas, tiveram outras histórias fantásticas, incríveis, de pessoas que me autorizaram a publicar a história delas, antes mesmo de eu falar com elas, e quando eu fui falar com elas a pessoa tinha morrido, mas tinha deixado em vida uma autorização.

19- Você foi até um hospital em Belo Horizonte para onde algumas crianças da Colônia foram transferidas. Como você foi essa recepção?

A recepção foi muito boa. Porque os ex-meninos de Barbacena eles foram muito bem acolhidos em Belo Horizonte, e é claro eles tinham todo interesse em mostrar aquilo que eles fizeram de bom para eles. Mas, também foi muito marcante para mim. Em uma das fotos, do menino Sílvio Savat, que foi feita em 1979. Ele estava vestido com um vestido de mulher, e era um garoto de 10 anos que estava deitando em um chão de cimento, com o corpo cheio de moscas. Parecia um cadáver mesmo. A pessoa que fez a foto parecia que estava fotografando um cadáver. Quando eu vi o Sílvio, eu fiquei muito mexida, de saber que aquele menino era ele. Muitas das histórias que eu contei, para mim, pareciam ficção, mesmo eu tendo visto as imagens antes. E quando eu chegava nos locais, e eu via as pessoas das imagens em 1961, vivas hoje, para mim era um choque. Era como se eu estivesse vivendo tudo de novo, o mesmo choque que eu tive lá em 2009 quando eu vi as fotos pela primeira vez. Eu pensava meu Deus. A todo momento eu pensava, não é possível que isso aconteceu de verdade, antes de encontrar as pessoas. E quando eu fui encontrando as pessoas eu fiquei muito impressionada. Belo Horizonte para mim foi uma parte muito dolorosa pelo que esses meninos passaram. E eles estão muito bem hoje. Bem, na condição de um bem relativo, claro. Por que eles estão muito sequelados, muitos não falam mais. Eles não foram estimulados durante muito tempo, e isso teve um impacto na vida deles no futuro. Mas, estão bem cuidados. Tem uma pessoa a irmã Mercês que foi a pessoa, que entre aspas, adotou eles assim, que tem um amor infinito por eles. Eu falo que o livro é muito duro, mas mesmo com toda a dureza dele eu encontrei tanto exemplo de solidariedade, mesmo de onde eu imaginei que eu nunca fosse encontrar ali. Entre os pacientes, entre as pessoas que se propuseram a cuidar dessas pessoas. Então, o livro tem um pouco de tudo, de muita dor, mas de muita emoção, sentimento e solidariedade.

1. A ideia do projeto 1000 em 1 foi apresentada ao público em 2012 durante o 7º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo com a proposta de selecionar cem duplas de estudantes universitários de todo o Brasil, que teriam um ano para investigar os bastidores de 1.000 reportagens premiadas nas últimas décadas, listadas a partir do ranking [“Os Mais Premiados Jornalistas Brasileiros de Todos os Tempos”](http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia877rj19.pdf?__akacao=1195612&__akcnt=seqTeste&__akvkey=47cb&utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Jornalistas%26Cia+--+Edi%E7%E3o+877+%28assinantes%29), feito pelo [Instituto Corda](http://www.institutocorda.com.br/site/) a pedido do [Jornalistas&Cia](http://www.jornalistasecia.com.br/" \t "_blank). Cada dupla irá realizar entrevistas em vídeo de dez minutos, com dez grandes jornalistas sobre o caminho entre a ideia da pauta até a publicação de matérias que ganharam os prêmios mais renomados da imprensa brasileira. [↑](#footnote-ref-1)
2. O artigo *Nem imparcial*, *nem engajado: o repórter como artífice da notícia do jornalista Marcelo Canellas foi publicado em 29 de outubro de 2009 no site da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Mato Grosso do Sul. Disponível em:* <http://www.fesmp.com.br/upload/arquivos/3628636.pdf>. Acesso em: 13 jun 2006. [↑](#footnote-ref-2)
3. CORRÊA, João de Deus. Pesquisa em jornalismo. Rio de Janeiro: Mimeo, 2003. [↑](#footnote-ref-3)
4. Atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, realizado em Vitória (ES) de 3 a 5 de agosto de 2007, o novo texto do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi aprovado por delegações de 23 estados, as mudanças tiveram seu texto final elaborado por uma comissão eleita no Congresso. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros vigora desde 1987. Os debates para sua atualização foram iniciados em 2004 e no XXXII Congresso Nacional da categoria, realizado em 2006. [↑](#footnote-ref-4)
5. O Instituto Prensa y Sociedad (Ipys), em parceria com a Transparência Internacional (TI), premia as melhores reportagens investigativas. Trata-se da maior premiação do continente sul-americano. [↑](#footnote-ref-5)
6. Nota: Informações retiradas no site Barbacena Mais. Disponível em: <http://www.barbacenamais.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1606%3Ao-hospital-colonia-de-barbacenag-holocausto-brasileiro&catid=36%3Anoticias&Itemid=108>. Acesso em: 04 ago 2013. [↑](#footnote-ref-6)